1
(24)
40
1793

Casa 1
Gab. (24)
Est.
Tab. 40
N.° 1793

1
(24)
40
1793

PANORAMA PHOTOGRAPHICO

DE

PORTUGAL

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO DE

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

E COLLABORADO PELOS EXCELLENTISSIMOS SENHORES

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO, ADOLPHO FERREIRA DE LOUREIRO,
AGOSTINHO RODRIGUES D'ANDRADE, AMELIA JANNY,
ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO, ANTONIO FRANCISCO BARATA,
AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, ENGRACIA CORREIA TEIXEIRA,
FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE GUSMÃO,
JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO, JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO,
LUIZ CARLOS SIMÕES FERREIRA, MANUEL ANTONIO DA SILVA ROCHA.

Bibliotheca da Universidade
OFFERTA
COIMBRA

VOLUME IV

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1874

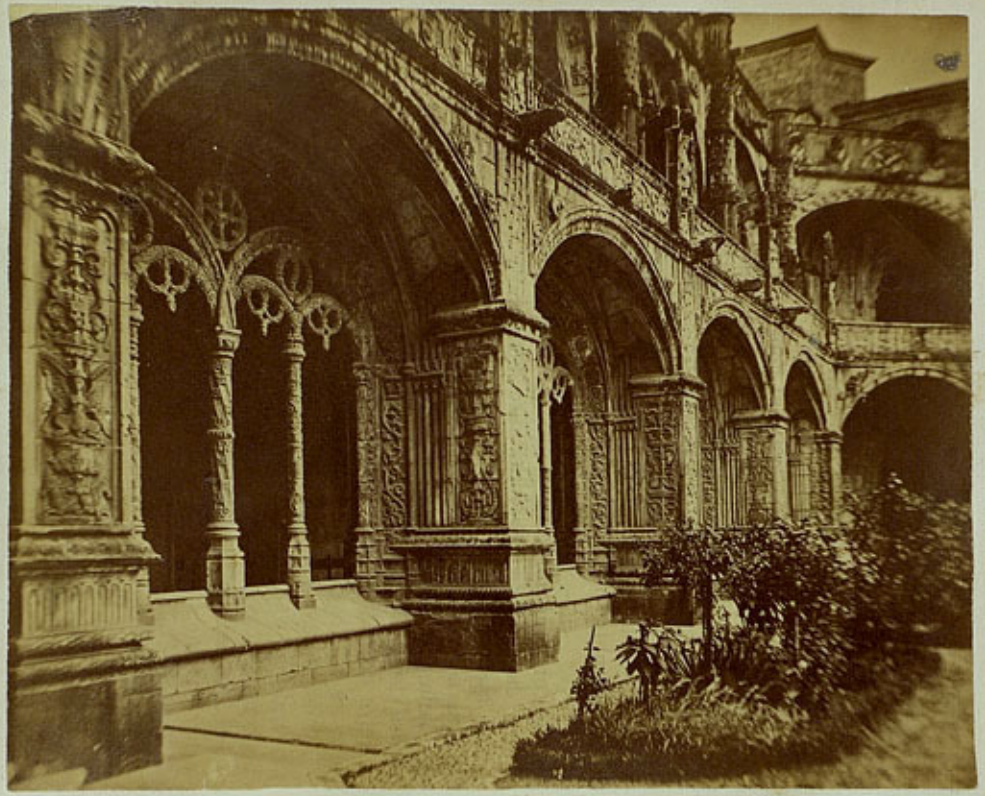
INDICE

	Pag.
Agonia de Thierry	55
Alemtejo romano	39
Animaes domesticos	69, 83
Aves (as)	26, 33, 45
Bibliographia	8, 16, 32, 40, 48, 72, 95
Borboleta (a)	86
Bussaco	73, 89
Capellas imperfeitas do mosteiro da Batalha	9
Carvão de pedra	10
Cascata (uma) da serra de Estrella	17
Claustro real do mosteiro da Batalha	25
Claustro do mosteiro de Sancta Maria de Belem	1, 41
Convento do Bussaco	73
Documento curioso	13
Douro (o)	49
Embarcado no Mondego	15
English Love	67, 77, 87, 91
Esphynge (a uma)	40
Exemplo de infortunio (o mais lastimoso)	38
Fonte Fria do Bussaco	89
Forma com que o papa Innocencio XII mandou as faxas quando nasceu o principe D. João	94
Garcia de Resende	11
Homem (o) e o macaco	2
Lamartine	42, 60
Mediterraneo (o)	30
Memorias d'ausencia	57
Metamorphoses dos insectos	18
Mocidade (ó)	22
Mondego	62
Mortos illustres	11
Noticia bibliographica	92
Palacio da Pena em Cintra	33
Patria do condestavel D. Nuno Alvares Pereira	36
Ponte da Portella sobre o Mondego	65
Portal de uma egreja na Batalha	57
Rondalla	29
Suspiros	7
Theatro da Figueira	81
Zoologia popular	18, 26, 33, 45, 69, 83

PREÇO D'ESTE VOLUME

Para os srs. Assignantes em Portugal ..... 1$440
No Brasil e outros paizes extrangeiros 2$400 réis em moeda forte.

Escriptorio da redacção, rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.



PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL

CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BELEM (1)

Começou e acabou em Portugal com o reinado de D. Manuel o ultimo periodo da architectura gothica ou da ogiva. Ao cerrar-se o primeiro quartel do seculo XVI, a arte christã da edade media, a arte que produzira a egreja majestosa de Alcobaça, o monumento grandioso da Batalha, expira em meio de uma anarchia esplendida, de uma confusão brilhante de todos os estylos, para ser substituida pelas fórmas regradas e severas da antiguidade classica.

Em Portugal foi essa confusão ainda maior que nas outras nações da Europa. Privado antecedentemente dos grandes recursos que desinvolvem as artes, que fazem os artistas, que fundam e sustentam as escholas, viu-se de repente elevado á opulencia pelo oiro e preciosidades trazidas d'alem-mar. A architectura teve rapido incremento. Para satisfazer as exigencias do rei e de outros edificadores, vieram artistas de fóra, entre os quaes se educaram os do reino.

A visinhança dos arabes influiu na architectura e esculptura alterando ao seu modo os arcos e molduras. Pelo muito que já predominava em outras nações, por esse tempo, o estylo grego e romano renascido modificou tambem, mas de outra sorte, os mesmos elementos, e mais em particular a estatuaria, tornando mais reaes e mais humanas as fórmas das figuras em que o mysticismo sacrificara á expressão religiosa a verdade anatomica. Por outra parte, as emprezas maritimas, as relações com o oriente não foram de todo extranhas a esta modificação da arte em Portugal. As columnas das naves e os artezões das abobadas, como em Belem, imitam ás vezes os troncos e ramos das palmeiras ou das arvores colossaes d'entre os tropicos. Outras vezes são os ornatos que trazem á lembrança, como os da janella da casa do capitulo em Thomar, as producções marinhas ou terrestres d'essas longinquas regiões.

Na egreja e claustro de Belem é onde melhor se patentêa esta

(1) A photographia é copiada de outra com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas. *Simões de Castro.*

confusão de estylos e variedade de elementos architectonicos. A vista perde-se nas linhas multiformes, no enredo das laçarias e rendados, e, sómente depois de alguma contemplação, chega a discriminar os varios elementos e a decompôr o todo complexo em suas partes componentes.

Esta exuberancia e delicadeza dos lavores, esta excessiva florescencia da pedra trazem á lembrança os trabalhos dos artistas que illuminavam as biblias ou pintavam as vidraças. Perderam-se a paciencia, a phantasia dos artistas e os segredos da arte que produziam essas maravilhas, e quando hoje as pretendem imitar, os novos productos não sahem já comparaveis aos antigos. Hajam vista as vidraças modernas da Batalha e as novas construcções de Belem.

Assim como apparecem nos vidros as côres das antigas vidraças, mas só as côres, assim tambem nos torreões se vêem as fórmas da architectura ogival, mas só as fórmas. Faltam o luxo, a superabundancia da ornamentação, em que muito bem se differençam as construcções modernas das primitivas naquelle mosteiro.

O claustro de Belem é a obra mais rica de esculptura que temos visto em Portugal. Apenas rivalisariam com elle as capellas imperfeitas da Batalha, se tivessem sido acabadas.

Nos livros de contas das obras do mosteiro, pelos annos de 1517, 1518 e 1519, nesses livros que se guardam na Torre do Tombo, lê-se que mestre João de Castilho fôra o empreiteiro da crasta primeira, casa do capitulo, sachristia e portal da travessa. Trabalhava com 110 officiaes.

Dos mesmos livros consta que das pedreiras de Alcolena vinha a pedra, e a cal dos fornos de Rio-sêcco.

A. Filippe Simões.

O HOMEM E O MACACO

A origem simiana do homem é uma questão que tem merecido as honras das mais graves discussões nos congressos anthropologicos e nas sociedades scientificas.

Escriptores abalisados sustentam que a arvore genealogica do homem é a mesma dos macacos, e que a especie humana é copia e reproducção typica dos quadrumanos. Alguns naturalistas respeitaveis não hesitam em acceitar esta theoria, como consequencia da transformação das especies, e não duvidam roubar ao homem a corôa de rei da creação, reduzindo-o ás tristes condições de um ser, que não passa de uma caricatura brutal e bestial da humanidade.

Vamos lavrar um protesto contra este systema execrando e abominavel, que nos parece nada mais e nada menos do que uma espoliação monstruosa da supremacia e dignidade do homem, uma

doutrina perigosa, arrogante e verdadeiramente impia, que offende cruelmente a harmonia da creação, a hierarchia dos seres creados, a estabilidade das suas leis, e a belleza e perfeição da obra mais grandiosa da natureza.

A hypothese que vamos combater é um vilipendio atrocissimo á dignidade e nobreza da nossa especie; é um sarcasmo inaudito e affrontoso, arrojado á face do homem, creatura feita á imagem e similhança de Deus; é uma impiedade monstruosa, dirigida em nome da sciencia contra as mais sagradas crenças de nossos paes, e contra os mais santos principios da nossa educação.

Este systema pertence á classe de certas doutrinas perigosas e subversivas, que ameaçam invadir o pacifico dominio da sciencia, convertendo as mais bellas e santas theorias em questões corrosivas e tenebrosas, d'onde só póde brotar a desordem nas ideias, o cahos moral e a dissolução social. A religião é para um paiz o principio e o complemento do ensino. É, segundo a bella phrase de um homem illustre, o supplemento ao codigo criminal das nações.

Se attendermos ao estado actual da humanidade; se observarmos certos males que se agitam na atmosphera social, e que se propagam com verdadeira influencia epidemica, escurecendo a razão, corrompendo os costumes, destruindo as leis, e ameaçando de morte a liberdade e a justiça, não podemos deixar de nos convencer de que é essencial pôr um dique a essa torrente devastadora, e que o correctivo mais poderoso para combater essa dissolução e anarchia é a religião, porque nenhuma força humana, nenhum poder creado, nenhuma obra dos homens póde supprir a sua omnipotencia. A sciencia e a religião devem auxiliar-se mutuamente em salvar a sociedade do abysmo para onde caminha, e não se estreita e consolida esta alliança, proclamando doutrinas como aquellas que pretendemos combater.

Consultemos a zoologia, e veremos que esta sciencia assigna differenças decisivas e profundas entre os bimanos e quadrumanos, differenças taes, que estabelecem um verdadeiro abysmo entre estas duas fórmas da animalidade. Não póde haver filiação, nem identidade de origem entre dois typos tão diversos e tão oppostos. Não ha entre elles transição. O intervallo que os separa é profundo, e assenta sobre os caracteres mais essenciaes do organismo.

O homem é o unico mammifero essencialmente bimano e bipede; e d'aqui resulta um typo caracteristico, que não póde confundir-se com outro, e que revela um destino nobre e singular, e uma harmonia superior e distincta nas principaes funcções da vida de relação.

A attitude vertical da especie humana é o resultado harmonico da estructura e fórma do seu esqueleto, da acção do apparelho

muscular, e do peso e situação das principaes visceras. A fórma flexuosa da columna vertebral augmenta a força d'esta parte central do esqueleto, e dispensa o concurso de grandes massas musculares, para sustentar o corpo no *situs erectus*.

A cabeça, tão volumosa e pesada no homem, articula-se com a columna vertebral, pelo meio da sua face inferior, e mantem-se em equilibrio, sem a intervenção de ligamento cervical e de musculos energicos, o que não succede nos quadrumanos, em que a articulação é posterior e obliqua.

A articulação e posição dos femures, o collo e cabeça d'estes ossos, a cavidade cotyloidea, a fórma do joelho, e a grande massa muscular da coxa e perna, tudo são condições indispensaveis, para que o homem conserve sem esforço a situação vertical, situação que imprime a seus movimentos tanto garbo e gentileza.

A organisação do pé é um caracter privativo do homem. A saliencia do calcaneo, a abobada formada pelo tarso e metatarso, os dedos curtos e de movimentos limitados, o pollegar sem independencia, tudo concorre para tornar o pé do homem um orgão admiravelmente construido para servir de base de sustentação e de instrumento de locomoção, e de fórma alguma um orgão de prehensão, que é a feição caracteristica das extremidades superiores.

A mão, pela extensão, variedade e precisão de seus movimentos, é um instrumento admiravel, sempre em serviço activo da intelligencia humana. Nos quadrumanos a mão é simplesmente um orgão de prehensão brutal, um gancho suspensor, e um agente de locomoção quadrupede. Mas no homem que altos destinos lhe estão confiados! Verdadeiro compasso vivo, para medir o espaço, para apreciar as fórmas, para exercer o tacto mais apurado, a mão humana constitue um novo sentido, que trabalha vigilante, tanto na esphera da vida material, como na moral e intellectual. A liberdade e independencia d'este orgão symbolisa a attitude soberana do homem e a perfeição da sua sensibilidade.

Basta dizer que a mão é um auxiliar poderoso dos nossos pensamentos; quasi que possue uma linguagem propria, completando a significação, graduando a força, e modificando o sentido das nossas palavras. Com a mão supplicamos ou ameaçamos, affirmamos ou negamos, descrevemos ou discutimos; com os seus movimentos symbolisamos os nossos raciocinios.

A expressão da face offerece outra antithese notavel. Nos quadrumanos quasi que não existe região frontal, e o craneo é eclypsado pela face. As maxillas predominam, e a bocca é uma abertura sem fórmas graciosas, quasi sem labios, descobrindo dentes enormes, como os dos animaes carnivoros. Na face simiana imperam a força brutal e os desejos insaciaveis. Encrespada pela acção convulsiva dos musculos, o seu aspecto é repugnante e hediondo. Nesta face embrutecida, o sorriso, este sym-

bolo santo e abençoado dos mais doces sentimentos, é impossivel; e é impossivel a expressão da belleza, da mocidade, da alegria e da benevolencia. Os olhos lubricos dos macacos vêem mais para o corpo, do que para a intelligencia; e a bocca, ou antes essas valvulas grosseiras, jámais podem articular uma palavra.

Que contraste com a face nobre e augusta do homem!

São importantes estas differenças anatomicas; e a estes caracteres distinctivos accrescem outros, deduzidos dos apparelhos nervoso, circulatorio, digestivo e secretor. Notaremos apenas um, para não dar demasiada extensão a este artigo. Referimo-nos ao desenvolvimento da massa encephalica. Demonstra a embryogenia, que no homem as circumvoluções frontaes são as primeiras a apparecer, e as do lobulo medio são as ultimas; o contrario do que se observa nos macacos anthropomorphos. Logo, attendendo a esta evolução inversa, o homem não póde ter uma origem simiana.

Se o homem descende dos quadrumanos, é logico que o typo mais imperfeito da humanidade fórme a transição das duas especies; por consequencia a raça negra devia ser o primeiro typo derivado da especie simiana. E por ventura demonstram os factos que o homem primitivo foi da raça negra?...

Se a theoria das transformações das especies induz a considerar o homem como um macaco aperfeiçoado, porque não se admitte com a mesma facilidade a transformação das raças? Já alguem admittiu a metamorphose de uma raça de homens em uma outra, a negra na branca, ou vice-versa? Extranha contradicção! As especies transformam-se, e não se transformam as raças!

Novas e importantissimas differenças se deduzem dos caracteres intellectuaes, moraes e religiosos do homem.

A linguagem é um attributo exclusivo da especie humana. O homem tem realisado verdadeiros prodigios na conquista dos animaes domesticos, tornando uns seus escravos, e outros seus companheiros, auxiliares e amigos.

O homem é o unico animal, que sabe vencer a influencia malefica dos climas, tornando habitaveis terras inhospitas; que converte regiões aridas e desertas em campos ferteis; que reduz á salubridade terras pantanosas; que sabe domar correntes caudalosas, transpor as mais altas montanhas, e tornar viaveis os maiores precipicios e despenhadeiros.

O homem é o unico animal, que sabe fazer uso do fogo; que tem creado milhares de artefactos, appropriando-os ás suas necessidades; que creou a industria fabril, e todos os dias inventa e aperfeiçoa, pela sua razão progressiva, os maiores prodigios da civilisação. É o unico animal, dotado do sentimento do bello, do justo e injusto, das noções do dever e da verdade; o unico que tem ideia da divindade e da vida futura.

A moralidade e religiosidade são universaes no homem, e d'estas faculdades eminentes resultam como consequencias necessarias os costumes, as instituições, os grandes factos historicos e os destinos da humanidade. Nas raças humanas mais degradadas e selvagens descobrem-se germens de sentimentos e virtudes, que são a base da sociedade mais civilisada. O direito de propriedade, o respeito pela vida humana, os sentimentos do pudor, da honra, da cortezia, da generosidade, e até do heroismo, em summa, a moralidade, as virtudes e os sentimentos mais nobres e delicados são attributos de todas as raças humanas.

Os actos de barbarismo practicados pelas tribus selvagens não contrariam estes principios, porque as nações civilisadas tambem practicam crimes e horrores, que a vida boçal dos negros da Africa não comprehende nem practica. A negra dos sertões africanos dá a vida para salvar o filho, cingindo-o á cinta com os andrajos em que se involve, tractando-o sempre com o mais amoroso affecto, até nas lidas do trabalho. Com estas manifestações sublimes da maternidade contrastam os criminosos desamparos, que todos os dias são a vergonha e opprobrio da civilisação europêa.

Os factos da Paleontologia vêm confirmar as profundas differenças das especies humana e simiana.

Milhares de seculos, grandes revoluções do globo separam a creação do homem da dos quadrumanos. A especie simiana representa a epocha *éocéne,* isto é, uma era crepuscular. O homem é o representante de outra edade geologica. Não é o crepusculo; é a luz em todo o esplendor da vida.

A organisação está subordinada á historia chronologica da terra. O typo simiano é conforme a uma epocha de florestas colossaes, onde o animal não podia viver, senão sujeitando os seus movimentos aos obstaculos das arvores, suspendendo-se aos ramos, trepando e saltando pelos troncos. — Pelo contrario, o homem symbolisa na sua attitude, nos seus movimentos e na sua physionomia, uma nova fórma, um novo estado do globo terrestre. Depois da elevação das cordilheiras centraes das montanhas, o homem teve á sua disposição vastos terrenos cobertos de verdura, onde caminhou sempre, de fronte erguida e passo firme.

As raças simianas sentem e vivem hoje como sentiam e viviam na sua origem. Ha por ventura algum progresso nas suas acções, na sua industria, nos seus costumes, na sua intelligencia e nos seus instinctos? Que contraste, que verdadeiro abysmo nos apresenta a historia do homem! — Os progressos admiraveis da civilisação ahi estão para attestar a vida perfectivel da humanidade.

J. A. Simões de Carvalho.

SUSPIROS

Que seio de granito
Se não enternecera;
Quem não se commovera
De ouvir-te suspirar;
Quem, ao fitar-te o rosto
Tão pallido, tão lindo,
Não vira nelle infindo,
Insolito pezar!

As lagrimas, ao menos,
Vêm dar allivio á mágoa;
Nos olhos rasos d'agua
Ha inda brilho e luz;
Não sei que desafogo
Tão intimo, tão sancto,
Ha sempre quando o pranto
Nos brota d'alma a flux!

Mas ah! Gemer anciosa,
Vergando á tempestade,
Sentir a immensidade
D'um desditoso amor,
E ter de a cada instante
Falsear o sentimento...
Não ha maior tormento,
Nem mais acerba dor!

Crear a imagem linda
D'um sonho idolatrado,
Das crenças do passado
Formar-lhe o pedestal,
E ver em curto espaço
Cobril-a um manto escuro...
Não ha soffrer mais duro,
Nem sorte mais fatal!

Pendeste ao cru martyrio,
Estatua de alabastro,
Mais bella do que um astro
Brilhando na amplidão:
Tu ris: mas que amargura
No teu fugaz sorriso!...
Fulgor do paraizo
Nas lavas d'um vulcão!

Ai! as tristezas fundas
Jámais se desvanecem;
As magoas transparecem,
Revelam-se por fim!
Embora em nosso peito
Tentemos resguardal-as.
Não ha como occultal-as,
Não ha poder àssim!

Inda hontem a ventura
Te illuminava o rosto,
E agora... que desgosto
Nas sombras d'esse olhar!...
Teu seio é vasto campo
De luctas encontradas,
Quaes ondas agitadas
De procelloso mar!

Teus languidos suspiros,
Como elles vôam soltos,
Perdendo-se, revoltos,
Na immensa vastidão!
Que pena, flor, eu tenho,
Tão intima, de ouvil-os:
Mas ha, para sentil-os,
Ha inda... um coração!...

Luiz Carlos.

BIBLIOGRAPHIA

Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem annos decorridos desde a Reforma da Universidade em 1772 até o presente, por Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, Lente cathedratico da mesma Faculdade.

Recebemos um exemplar d'este importante livro, e numa rapida leitura avaliámos o seu alto merecimento.

No curto espaço d'um jornal pequeno como o nosso não podemos expender todas as considerações que nos occorrem relativamente a esta obra, que merece por todos os motivos menção especialissima. Mas a critica da nossa penna não realçaria de certo os subidos creditos d'um trabalho tão erudito e conscienciosо.

Entretanto diremos que raras vezes temos visto volume que tanto preste pelo lado da sciencia como pelo da historia e litteratura. O estylo é correctissimo, claro e singelo, d'esta singeleza didactica que cabe tão bem neste genero de escripta. O criterio é seguro, perspicaz e sempre judicioso.

Póde dizer-se que o livro consta de tres partes, além da *Advertencia*. Nesta dá o auctor conta de si e da sua honrosa mas difficillima commissão. Num *Discurso Preliminar*, que chamaremos primeira parte, tracta dos tempos anteriores á Reforma de 1772; em seguida expõe os resultados proficuos d'esta, que foram progressivamente preparando, não sem os attritos asperos de epochas calamitosas, o estado florescente em que se encontra hoje a Faculdade de Medicina; e remata com a commemoração historica de todos os professores fallecidos durante o centenario.

O *Discurso Preliminar* recommenda-se pela paciente investigação e escrupuloso cuidado das noticias e historia dos primitivos tempos da Medicina na Universidade. A parte seguinte, nucleo da obra, é a chronica do centenario medico, onde se narra com esmero e devido desenvolvimento a historia da Faculdade sob todos os seus pontos de vista. A ultima secção, que é uma necropole litteraria, póde dizer-se excellente repositorio de curiosissimas notas biographicas.

Esta é a synthese resumida do trabalho do sr. dr. Serra de Mirabeau, trabalho que muito o honra a si, assim como á Faculdade de Medicina e á Universidade de Coimbra.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CAPELLAS IMPERFEITAS DO MOSTEIRO DA BATALHA

Notam-se no edificio da Batalha duas ordens distinctas de construcções: uma a dos edificios que entraram no primitivo plano do monumento, e que foram erigidos em vida do fundador ou pouco depois; outra a das construcções que não fazem parte da traça do primeiro architecto, feitas mais tarde, e que além d'isso se afastam d'aquellas no estylo e caracteres architectonicos.

São indubitavelmente das primeiras a egreja, o claustro contiguo, a capella sepulchral do fundador, sacristia, casa do capitulo e refeitorio.

As capellas imperfeitas pertencem á segunda classe, e são uma verdadeira excrescencia ao monumento, o que se conhece facilmente se as considerarmos quanto á sua collocação, e quanto ao gosto dos seus lavores.

As capellas imperfeitas (assim chamadas por não se terem completado) ficam por trás da capella mór da egreja. Separa-as d'esta um espaço rectangular, cujas faces lateraes são como o prolongamento das faces lateraes do corpo da mesma egreja. Com esta construcção ficou grandemente prejudicado o prospecto da parte posterior do templo, na qual nada indica ter havido no primitivo plano o proposito de lhe aggregar esta parte. Se se chegassem a completar, as capellas imperfeitas seriam tambem um obstaculo a que a luz entrasse pelas esbeltas janellas da capella mór, roubando-lhe assim o formoso effeito da claridade através das suas vidraças coloridas (1).

Pelo que respeita ao estylo, vê-se que o das capellas imperfeitas já não é o gothico puro do templo. As voltas dos arcos não são tão ponte-agudas como na egreja, e a sobriedade e singeleza dos ornatos é substituida por grande copia e variedade d'elles.

As capellas imperfeitas eram destinadas para jazigo real. Por muito tempo se ignorou quem mandara fazer esta obra, mas o sr. I. Vilhena Barbosa, ao qual a historia das artes do nosso paiz é devedora de assignalados serviços, descobriu no testamento de el-rei D. Manuel prova evidente de que esta construcção fôra começada no reinado de el-rei D. Duarte. Encontra-se no testamento o seguinte periodo: «Item, rogo muito e encomendo que se mandem acabar as capellas da Batalha, n'aquella

(1) Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, que por alguns anno superintendeu as obras de reparo e conservação do monumento, apresenta na sua *Memoria* posthuma ácerca do edificio da Batalha varios e judiciosos argumentos, que convencem cabalmente d'esta verdade. Remettemos para ella os leitores que desejarem fazer um estudo profundo sobre este ponto.

maneira que melhor parecer, que seja conforme a outra obra, e assy lhe dem entrada para a Igreja do Mosteiro da melhor maneira que parecer, e mandem mudar para ellas, sendo primeiro de todo acabadas, e assy seus Altares, e todas as outras cousas necessarias, *ElRey D. Duarte, que foi o primeiro principiador d'ellas,* e assy ElRey D. Affonso V, meu tio, e ElRey D. João, que Deos aja, e o Principe D. Affonso, meu sobrinho.»

As capellas imperfeitas formam um grande edificio octogono. Uma das suas faces é occupada pelo seu lindissimo portico, representado na photographia juncta: nas restantes sete abrem-se os arcos das capellas, todos do mesmo gosto. Dois d'elles estão tambem representados na photographia, a qual é copia de outra, com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas.

O portico é, no estylo manuelino, o mais formoso e delicado que conhecemos. Os cordões de que é formado são, no elegante dizer de fr. Luiz de Sousa, «deseguaes em grossura, como tambem são differentes em feitio; mas todos entalhados de variedade e sutileza de lavores tão perfeitos, e com tanto primor e mimo obrados, como se fôra na mais facil e obediente madeira, de quantas servem para esculptura. Assi fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar e polir cada pedra, e as muitas que se perderiam, estalando com a força do ferro e sutileza do lavor....» (1).

Levar-nos-ia muito longe a descripção das capellas imperfeitas, mas a falta de espaço obriga-nos a terminar aqui este artigo.

A. M. Simões de Castro.

O CARVÃO DE PEDRA

CURIOSIDADE HISTORICA

Optimamente se expressou quem disse ser o carvão de pedra, nestes nossos tempos, *o pão quotidiano das manufacturas.*

É curioso, e merece notar-se que os antigos chamavam ao carvão de pedra — *ambar preto,* e jámais suspeitaram o quanto de poder, e de poder universal, encerrava em si esse producto que se escondia no seio da terra!

É certo que os romanos, quando occuparam a Grã-Bretanha, tiveram conhecimento do estanho de Cornouailles, exploraram largamente as minas de ferro, estabeleceram talvez no solo britannico a industria ceramica e a dos lanificios. Ainda mais longe vão as noticias archeologicas, aventando-se a idea de que no

(1) *Hist. de S. Domingos,* parte 1.ª, liv. 6.º, cap. 19.

Northumberland se encontraram vestigios de exploração de minas de carvão de pedra; sendo assim presumivel que os romanos o empregassem na fusão do minerio. Mas esta simples conjectura não diminue a força do precedente enunciado sobre o poder universal do prodigioso combustivel.

Observa finalmente o sr. Blerzy que desde a epocha, em que a rainha Isabel de Inglaterra prohibia o emprego do carvão de pedra com o fundamento de que envenenava o ar, — desde essa epocha rejuvenesceu a face do globo, graças á caldeira de vapor e aos altos fornos.

A bella vestal que se assenta no throno do occidente, como á rainha Isabel chamou Shakespeare, não podia ler no futuro, nem por consequencia adivinhar que a Inglaterra viria a dever — em grande parte — a sua superioridade industrial á riqueza do seu solo, no tocante á valiosa materia prima que a soberana julgou ser um elemento funesto. E com effeito, entre as causas de varia natureza que produziram a indicada superioridade, é força mencionar a fortuna que á Inglaterra coube de ter em casa o que lhe sería consideravelmente custoso, se fosse necessario ir buscal-o fóra.

Grande era, sem duvida, a capacidade da illustre rainha Isabel, a quem Xisto v, apezar de adverso, não hesitava em chamar: *uno grande cervello di principessa;* mas as nuvens que occultam o porvir sómente se dissipam na hora em que o tempo, na sua marcha pausada e independente, o converte em actualidade.

José Silvestre Ribeiro.

MORTOS ILLUSTRES

Garcia de Resende

Dizem os mais antigos biographos que fôra irmão do famoso antiquario, André de Rezende, e natural de Evora, o notavel chronista de D. João II, Garcia de Resende. Parece, comtudo, ser ponto controvertido, pois que se assignalam diversos paes aos dois escriptores. Muitos individuos houve em Evora por aquelle tempo chamados Garcias de Resende, d'onde difficil é o marcar com exactidão quaes foram seus paes.

Seja porém como for, este esmerado escriptor, este diligente collector das producções poeticas dos ingenhos de seu tempo e mesmo anteriores, poeta como elles, pintor e musico, depois de publicar em 1516 em Lisboa o *Cancioneiro,* e de voltar de Roma já no reinado de D. Manuel, recolhera-se á sua patria, para todo se dar ás letras e bellas-artes, que tanto presara sempre.

Em 1520 mandava elle erigir uma capellinha na cerca do mosteiro de Jeronymos, no Espinheiro, a poucos kilometros de Evora, onde queria descançar depois da morte.

Elegante e donairosa, como as construcções do tempo, no pavimento do alpendre tem ainda uma campa com as armas dos Resendes: duas cabras em pala e por timbre uma cabra das armas, e esta letra:

SEPVLTVRA . DE
GEORGE . DE .
RESENDE . ET
DE . SEVS . FILHOS .

Depois, já na capella jazia tambem no pavimento, que fôra de bellos azulejos relevados, a maior parte dos quaes subsiste, o chronista querido de reis. Não existe, porém, alli a campa, conhecendo-se apenas o logar onde estivera pela terra descoberta e revolvida. Méde esta campa dois metros e vinte centimetros de comprido sobre um e dez de largo. Foi vendida em 1858 por 4$800 réis, e serve presentemente de mesa de cosinha em Evora!

A frente, coberta de graciosos lavores, pousa sobre uma columna de pedra, que, felizmente, apenas lhe embebe no centro deixando ler este singelo epitaphio em gothico quadrado:

SEPULT.ª DE GARCIA
DE RESENDE .

Na Bibliotheca de Evora existem alguns fragmentos de ossos com esta letra em um papel adjuncto de letra do sr. dr. A. Filippe Simões:

«Fragmentos de ossos que pertenceram a Garcia de Resende, «e foram encontrados na sua capella do olival do convento do «Espinheiro.

«Offerecidos á Bibliotheca no dia 30 de Janeiro de 1865, por «Manuel Martiniano Marrecas. — A. Filippe Simões.»

Ainda existe o altar desornado de imagens, de obras de talha, despido de tudo.

Sobre a porta ogival permanece ainda esta inscripção em caracteres gothico-quadrados:

ESTA ERMIDA E FONTE MAN-
DOU FAZER GARCIA DE RESEN-
DE EM LOUVOR DE NOSSA S.ª
ANNO DE 1520 .

O poetico do sitio onde foi construida esta capella, as flores, hortos e jardins, que a cercam ainda, patenteiam ao visitante o delicado e mimoso bom gosto de Garcia de Resende, que, havendo-se dado em vida á poesia, pintura (1) e musica, determinara para depois d'ella que seus ossos repousassem em tão ameno sitio, onde se ouvia o psalmear dos monges, o murmurar da fonte, o descantar das aves.

Evora, Fevereiro de 1874. ANTONIO FRANCISCO BARATA.

DOCUMENTO CURIOSO

É assaz curioso o documento que em seguida publicamos, relativo a uma costumeira singular da universidade em tempo de D. João III. É copiado de paginas 38 do Livro 1.º do Registo das Provisões e Alvarás, existente na secretaria da universidade.

Eu elRei faço saber a uos R.^do^ bispo Rector lentes deputados e conselheiros da uniuersidade de coimbra que eu sõ enformado que por estar prouido per meu Regimento que os L.^dos^ nos exames priuados nã dessẽ ceas e soomente dessẽ consoadas pera fazerẽ menos guastos nas tais consoadas se lhes acrecenta ora mais despesa pellas muitas fruitas que dã e os doutores que estã aos ditos exames ficã mal contentes por lhes nã darẽ de cear, e querendo a isso prouer ei por bẽ que os L.^dos^ dẽ de cear no cabo dos exames priuados aos doutores que a isso forẽ presentes e ficarã desobriguados das consoadas, e porẽ nã darã mais iguarias que hũa g.^a^ ou perdiz assada a cada doutor e até duas fruitas hũa na entrada e outra na saida, e se for dia de pescado darã hũa soo iguaria de pescado e duas fruitas como dito he. Notificouolo assi e mando que assi se cũpra sẽ embarguo da outra prouisã minha per que mandei que dessẽ consoadas, e este meu alu^a^ será pubricado nessa uniuersidade e a pubricaçã se poeraa nas costas e se tresladará no liuro dos statutos e se guardaraa na arqua do cartorio, e ualeraa como carta passada pela chancelaria posto que nã passe

(1) O risco para a torre de Belem foi concepção de Garcia de Resende. (*Archivo Pittoresco*, tomo 2.º, pag. 405.)

Na egreja de Santa Martha, d'esta cidade de Evora, existe uma especie de artezão com este letreiro em volta de um escudo, no centro do qual ha duas cabras: GARCIA DE RESENDE. Testemunhando talvez o seu talento artistico, ainda permanece tambem em Evora ao *Poço de Selbarosos* (hoje de S. Manços) a casa em que vivera o chronista, segundo é tradição, com uma janella formosissima e tão elegante como só as haveria nos paços do bispo D. Affonso de Portugal, desenho que bem poderia ser seu d'elle.

por ella sẽ embarguo da ordenação, Dioguo guomez a fez em lixboa aos dous dias de setembro de mil b.° x x x j x annos. Anrique da mota ho fez escreuer.

Em carta escripta em 12 de agosto de 1550 a el-rei D. João III dando-lhe varias noticias da universidade e aconselhando-lhe certas providencias, que julgava convenientes para o bom governo d'ella, dizia o reitor D. Diogo de Murça que nos exames privados de canones e leis se davam alguns abusos, para obviar aos quaes lembrava que seria bom ordenar o monarcha que elles se fizessem de dia. «Um abuso, diz D. Diogo de Murça, é a comida que se dá aos doutores, a qual é causa de alguns inconvenientes; um é as muitas e desconcertadas palavras que ahi se soltam de algumas pessoas, e assim rixas e contenções; e parece fóra de razão haver de approvar ou reprovar depois de comer e beber. E como esta comida se toma já tarde, e ás vezes á uma hora, não podem ler ao outro dia de prima, e muitas vezes ficam desconcertados tres, quatro, e cinco dias d'aquella noite, e se se fizerem de dia não terão razão de esperar comida, porque a razão que elles allegam para comerem alli, é por ser já muito tarde, que não tem apparelho para em suas casas poderem comer, e todos ou os mais d'elles desejam que os dictos exames se façam de dia. O anno passado escrevi a Vossa Alteza sobre isto e não houve resposta.»

Não obstante esta insistencia do reitor, D. João III só providenciou por Alvará em 24 de janeiro de 1554, determinando que os exames privados se fizessem de dia, e prohibindo que se desse collação nem cousa alguma de comer nem de beber aos doutores e officiaes no dicto exame ou fóra d'elle; e em compensação ordenou *que pela cea que se costumava dar aos doutores e officiaes se desse a cada doutor tres tostões, que é mais um tostão a cada um do que até agora pelo estatuto se dava. E ao reitor e cancellario se darão a cada um seis tostões, que são mais dois tostões a cada um do que até aqui se dava pela dicta cea. E ao escrivão do conselho e ao bedel da faculdade e ao guarda se darão pela dicta cea cincoenta réis mais a cada um, além do que até aqui levavam pelos estatutos.*

Esta prohibição foi depois consignada nos *Estatutos* que foram confirmados por Filippe I em 1591, onde se encontra no livro terceiro, tit. 38, mas é de notar, segundo a letra d'ella, que a comida, bebida ou collação só é prohibida *dentro nas Escollas.*

Nos *Estatutos* confirmados por el-rei D. João IV em 1653, se encontra a mesma disposição em egual livro e titulo.

A. M. Simões de Castro.

EMBARCADO NO MONDEGO

Resurja aqui do tumulo do peito
O já morto viver de meus amores.

J. de Lemos.

Em volta brilha tudo á luz suavissima
De esplendida manhã. No céo, na terra,
Nos perfumes do ar, no som das vozes,
Que sinto murmurar a meus ouvidos
Em notas de prazer, não sei que enlevo
Se diffunde, se espalha ardente e vago!

E pois que tudo agora
Nos traz allivio ás magoas,
Não ouçam estas aguas
A dor que me devora.

Abre-te, ignoto cofre
De amor ha tanto occulto!
E fique o mal sepulto
No peito de quem soffre.

Em torno a mim palpita
Quanto ha de mais formoso:
Do extasis do gozo
Surja de novo a dita!

Em quanto alindam flores
A breve mocidade,
Não turve a tempestade
O calice de amores:

Que sempre os desenganos
Virão roubar-nos cedo
O encanto grato e ledo
De tão fagueiros annos.

Se goza só quem ama,
Gozemos nós a vida!
Amar! que doce lida
Que em nós o céo derrama!

Nem chóro, não! Do joven
As lagrimas sentidas
São perolas perdidas
Que sobre um ermo chovem!...

Luiz Carlos.

BIBLIOGRAPHIA

Protesto fundamentado que ao excellentissimo senhor Dr. Manuel Pedro Sergio de Faria Azevedo, procurador regio junto da Relação de Lisboa, dirige Pedro Augusto Martins da Róxa.

Recebemos dois exemplares d'este folheto, um como signatarios da bem conhecida *Manifestação* que se fez nesta cidade em honra do sr. Pedro Róxa, e outro como redactores d'este jornal. Cumpre-nos pois dar d'elle conhecimento, quanto o permittem os ambitos acanhados da nossa folha.

Todos sabem e conhecem o pleito de honra que o sr. Róxa tem sustentado com firmeza ha perto de dois annos, lutando com difficuldades extraordinarias para conseguir plena satisfação do aggravo de que foi victima. Escusado é repetir esta historia, que fez echo por todo o reino.

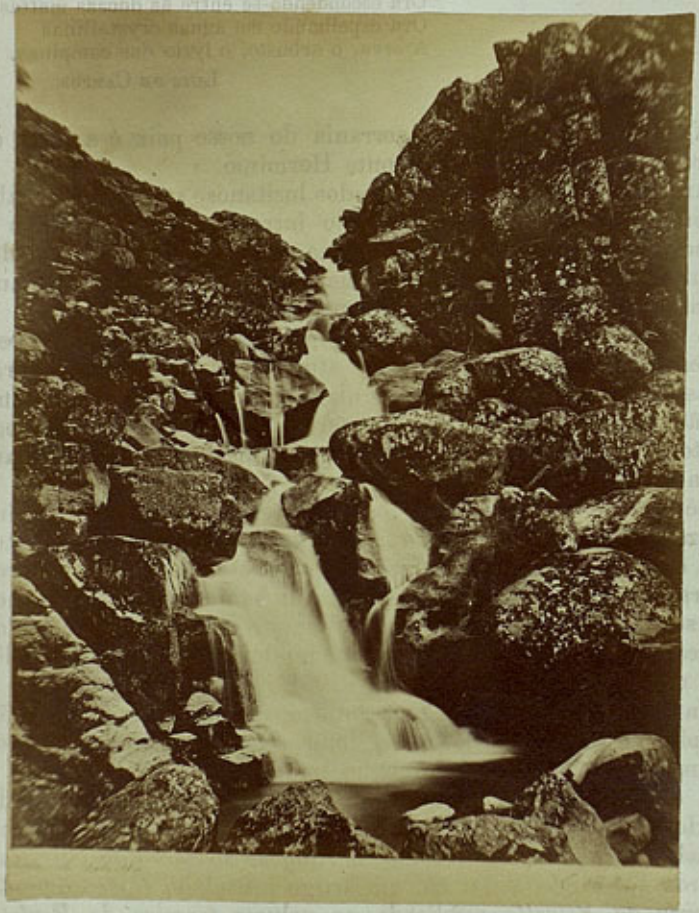
Foram tres os tribunaes onde o nosso patricio defendeu a sua causa, na administração civil, no fôro judicial e na opinião publica. Neste ultimo, representado pela imprensa jornalistica, o desforço foi unanime e selemne; em policia correccional apenas alcançou ser multado em pequena quantia o calumniador; e no fôro civil a peleja foi renhida, e por fim nada conseguiu.... senão o ser promovido a melhor emprego o commissario que o enxovalhou enxovalhando tambem as leis do reino! *Deus tudo faz pelo melhor,* e bom foi para o commissario infringir os seus regulamentos para ser premeiado!! É de suppor que, se andasse bem, fosse desfeiteado ainda em cima!!!

São estas as tristes conclusões que se derivam logicamente do folheto do sr. Róxa, cuja leitura recommendamos, e que se distribue gratuitamente a quem o sollicitar na *Imprensa Litteraria* da rua do Corpo de Deus.

Guia do amador de bellas artes, por D. M. de M. G. (Daniel Martins de Moura Guimarães).

Este livro é inteiramente novo em Portugal: queremos dizer que é o primeiro d'este genero que entre nós apparece. Quem desejar percorrer mundo com um *vade mecum* que lhe aponte as curiosidades artisticas, escusa de recorrer a livros extranhos. Na lingua nacional tem o viajante portuguez um indicador copioso de noticias, pleno de averiguações e exacto quanto possivel em taes resumos.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



UMA CASCATA DA SERRA DA ESTRELLA

Descem pelas quebradas dos outeiros
Formando um lago aqui, além cascatas,
Em breve ondulação caudaes ribeiros;
Ora escondendo-se entre as densas mattas,
Ora espelhando em aguas crystallinas
A erva, o arbusto, o lyrio das campinas.

LUIZ DE CAMPOS.

A maior e mais notavel serrania do nosso paiz é a serra da Estrella, chamada tambem monte Herminio.

Afamada pelos feitos heroicos dos lusitanos, seus antigos habitadores, quando capitaneados pelo intrepido Viriato, não o é menos pela sua constituição geologica, pela sua flora, curiosidades naturaes, riquezas agricolas, e pela vida industrial que se manifesta em muitas das suas importantes povoações.

A natureza ostenta naquellas montanhas scenas e quadros verdadeiramente admiraveis, e que attraem os viajantes e naturalistas avidos das impressões singulares que ali se experimentam.

São interessantes e maravilhosas as noticias apresentadas por muitos d'elles quando descrevem as suas digressões áquella grandiosa serrania.

Lê-se com vivo interesse o que nos dizem da vida e singeleza de costumes dos pastores, que vivem quasi no estado natural; dos horriveis precipicios; dos perigos da neve nas maiores alturas; das plantas e animaes que ali habitam; dos horisontes que se descortinam; das alagoas e massas colossaes de rochedos que coroam as eminencias e de outras muitas curiosidades d'aquelle paiz montanhoso.

Na impossibilidade de apresentarmos agora uma descripção completa da serra da Estrella, indicaremos aos nossos leitores algumas das principaes que conhecemos.

É de muita curiosidade o que escreveram Link e o Conde de Hoffmansegg na *Voyage en Portugal;* Alexandre de Abreu Castaheira no folheto intitulado *As Alagoas da Serra da Estrella;* Ricardo Fernando Vidal em um artigo intitulado *Uma excursão á Serra da Estrella* publicado no volume terceiro da *Revista Universal Lisbonense;* e finalmente Gaspar Ribeiro de Vasconcellos no volume quarto do *Instituto.*

A pittoresca e linda cascata, representada na photographia, denomina-se da *Fervença;* está muita proxima do Sabugueiro e a tres horas de caminho da villa de Cêa.

A photographia é copiada de outra com que fomos obsequiado pelo sr. Carlos Relvas.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

ZOOLOGIA POPULAR

Metamorphoses dos insectos

Dá-se o nome de metamorphoses dos insectos a certas alterações e mudanças que estes animaes experimentam em diversas phases da sua existencia, e que os fazem passar por muitos estados successivos, cada um dos quaes é characterisado por fórmas, organisação e costumes differentes.

A metamorphose é uma lei geral e fundamental da vida, uma condição inherente á existencia dos seres organisados.

O mimoso cantor das metamorphoses, Ovidio, já proclamava uma verdade profunda, quando dizia: — Nossos corpos transformam-se; o que eramos hontem, o que somos hoje, já não seremos ámanhã. Depois de tres seculos de experiencias e de observações a sciencia moderna confirma plenamente as palavras do poeta de Augusto.

Como contraste dos corpos inorganicos, para os quaes a immobilidade é uma condição de existencia talvez absoluta, os seres vivos não existem senão como séde de movimentos e transformações continuas. Colloque-se no prato d'uma balança um animal ou um vegetal qualquer, e tracte-se de lhe determinar o peso com todo o rigor de que são susceptiveis os mais perfeitos e delicados instrumentos. Apenas se consegue o equilibrio, pouco tempo basta para que logo se rompa. O prato que contém o ser vivo sóbe, e o prato que tem os pesos correspondentes desce. D'este resultado necessariamente devemos concluir que a cada instante da sua vida o animal, a planta e o proprio homem, perdem alguma cousa da sua substancia.

Estas perdas incessantes são porém incessantemente reparadas, e d'aqui provém que todos os seres que pertencem aos dois reinos não podem prescindir, sob pena de morte, da imperiosa faculdade da nutrição.

Podemos comparar até certo ponto os corpos vivos com os apparelhos empregados pela industria. Façamos a comparação do animal com uma locomotiva. O que ha de solido nos orgãos do animal representa o mechanismo das rodas, dos tubos, dos embolos, etc. A machina recebe carvão e agua, e com estes elementos, simplesmente com a intervenção do fogo, prepara o vapor necessario para pôr em movimento todo o mechanismo. Do mesmo modo o corpo do animal recebe cada dia uma ração de alimentos e de bebidas; queima uma parte d'estes materiaes para conservar o calor vital, e fabrica com o resto os orgãos que ainda lhe faltam, e os liquidos nccessarios para o exercicio das funções. No animal, como na locomotiva, o que se consome carece de se renovar;

nesta o carvão de pedra e a agua, e naquelle os alimentos e as bebidas, os primeiros transformando-se na machina em vapor, e os segundos metamorphoseando-se no animal em vapor e diversas secreções.

Devem por tanto admittir-se duas correntes ou movimentos contrarios nessa especie de turbilhão vital de todos os seres organisados; uma roubando incessantemente, molecula por molecula, alguma cousa ao organismo, outra reparando constantemente essas perdas successivas. — Em cada individuo a renovação total ou parcial da materia deve ser a consequencia d'essa dupla acção. — Em presença d'esta instabilidade dos elementos organicos a constancia absoluta das fórmas e das proporções não pode existir, e o espirito habitua-se a admittir e comprehender a possibilidade das maiores e mais latas transformações.

Se não conhecemos a causa que produz estas alterações, e determina a ordem da sua successão, ao menos sabemos os principaes processos que a natureza emprega para crear e destruir as suas obras.

Algumas granulações, apenas visiveis por meio dos mais poderosos instrumentos, ou mesmo um só utriculo, menos espesso que a ponta do mais delicado alfinete, eis o que é na sua origem um germen animal ou vegetal, uma semente, um gommo, um bolbo, um ovo. Assim nasce o carvalho e o elephante, a alga e o verme; tal é, sem duvida, a primeira apparencia do que mais tarde será um homem.

— *Omne vivum ex ovo* — é um aphorismo famoso, conhecido ha muito tempo na sciencia, e hoje demonstrado pelas mais bellas descobertas da physiologia moderna. — Todo o ser vivo provém de um germen. Com a organisação d'este germen principia uma serie de transformações geraes ou parciaes, rapidas ou lentas, que não têm termo senão com o fim da vida. — Assim o aphorismo de Harvey tem necessariamente por consequencia — todo o ser vivo é sujeito á lei da metamorphose.

No reino animal admitte-se ainda na linguagem scientifica uma distincção entre as especies oviparas e viviparas; mas esta distincção não é na realidade senão nominal. — Baer descobriu o ovo dos mammiferos; Costa demonstrou que este ovo possue as mesmas partes que o ovo das aves; e emfim os trabalhos dos mais fecundos physiologistas allemães e inglezes provam que todos os animaes, desde o homem até aos radiados, provêm de verdadeiros ovos.

As metamorphoses dos insectos não offerecem mais maravilhas do que as transformações da materia organisada, de que acabamos de fallar tão genericamente.

O insecto, para merecer verdadeiramente este nome em toda

a latitude, é um animal articulado, respirando por tracheas, com tres regiões distinctas, apresentando na região média tres pares de membros e dois pares de azas, não se constituindo neste estado perfeito, senão depois de haver soffrido duas metamorphoses, offerecendo por consequencia em toda a sua vida, independentemente do tempo passado no ovo, tres periodos distinctos, characterisados, o primeiro por uma actividade ao mesmo tempo interna e externa, tendo exclusivamente por fim o crescimento do individuo; o segundo, por uma actividade toda intima e interior, tendo por fim a modificação e metamorphose do individuo; o terceiro, por uma actividade tanto interna como externa, tendo por fim unico a propagação da especie.

Para estudar o phenomeno das metamorphoses dos insectos, póde observar-se a historia d'estes desenvolvimentos em muitas especies.

A larva, a nympha, e o insecto perfeito, não são senão estados differentes, epochas, ou idades diversas do mesmo ser. A primeira corresponde ao embryão dos mammiferos, a segunda ao feto, e a terceira ao recemnascido.

A estes tres estados ou periodos da vida do insecto devemos accrescentar o estado inicial, o de ovo, de fórma e de côr variaveis, que encerra o germen fecundado do animal. Um involucro protector abriga o ovo da acção da luz, da humidade, do frio e do calor.

Os insectos revelam na postura e conservação dos ovos muitos carinhos de maternidade, cobrindo-os com o corpo e com terra viscosa, ou tecendo em volta d'elles um casulo protector. É extraordinaria e verdadeiramente admiravel a fecundidade ovipara dos insectos, pondo muitas especies mil, vinte mil e até cincoenta e noventa mil ovos.

O estado de larva ou lagarta é characterisado pelo aspecto vermiforme, que dura desde alguns dias até tres e quatro annos, estado em que o animal se reduz ás condições de uma especie de mumia, em que a vida se manifesta por um crescimento lento e pela mudança de côr e da epiderme, mudança ás vezes critica e perigosa para a saude e existencia do insecto. Nesta phase da vida, obscura e mysteriosa, o animal vai preparando os elementos para a segunda metamorphose, e nesta elaboração physiologica são dignos de ser estudados os bons e maus serviços, que os insectos prestam ao homem, trabalhos verdadeiramente providenciaes, que tanto concorrem para a economia geral da natureza.

O estado de nympha ou chrysalida póde durar desde alguns dias até tres annos. É um periodo de inercia e de pouca vitalidade para a maior parte dos insectos, que, despertando d'este somno lethargico, parecem resuscitar cheios de vida e movimento, do-

tados de orgãos perfeitos e admiraveis, de fórmas completas e verdadeiramente artisticas, e de côres vivazes e brilhantes.

Durante este periodo de incubação, desenvolvem-se os orgãos do animal adulto; rompem-se as membranas e tegumentos que o involviam; rasga-se a mascara que lhe entorpecia os movimentos, e o insecto perfeito resuscita como a phenix com todo o viço e brilhantismo de uma esplendida mocidade. O contraste é notavel, e a mudança completa. Da mumia adormecida e inerte renasce com todos os encantos da vida e da belleza o insecto buliçoso e esbelto, que vem perpetuar a especie e assegurar o cyclo de metamorphoses, que é a feição characteristica da sua existencia.

O halito perfumado da primavera desperta a indolente chrysalida, e as plantas e as flores já têm segregado o seu nectar maravilhoso, para nutrir a industriosa borboleta, e preparado nas suas folhas e nas suas petalas o thalamo nupcial para o novo insecto, avido de amores e dominado pelo instincto irresistivel da procreação.

Que contraste offerece a vida do insecto com a vida do homem! Nós principiamos pelos bellos e alegres dias da infancia e mocidade, passamos rapidos pela edade madura da adolescencia e virilidade, e cahimos depressa no abysmo da velhice, até nos despenharmos nas sombras da morte. O insecto não segue estas phases da vida; não caminha da esperança e da flor para as trevas e desenganos do tumulo. Principia por dias tristes e sombrios, encarcerado no involucro mortuario de larva, e surge a final cheio de vida e de força, ostentando todas as galas e primores de uma natureza privilegiada.

A vida da borboleta é ephmera; mas é um periodo de luz brilhante, de prazeres e encantos ineffaveis, de amores voluptuosos, de commoções electricas, de movimentos incessantes, e de um fogo sagrado que anima e glorifica tão rapida e phantastica existencia.

Que maravilhas a natureza ostenta no pequeno corpo do insecto! Que instrumentos de admiravel perfeição, os olhos, as antennas, a bocca, as azas, o thorax, e as extremidades! Que phenomenos curiosos o microscopio tem descoberto em mais de cem mil especies de insectos que a sciencia hoje conhece!

O que torna verdadeiramente deslumbrante o organismo d'estes animaes são as côres esplendidas que os adornam com tanta profusão. É o brilho do ouro, da prata, da esmeralda, da saphira, do topasio, do rubim e do diamante. São torrentes de luz com uma variedade prodigiosa e infinita, mais formosas e mais intensas que as dos beija-flores, que as dos metaes e pedras preciosas. Este reflexo exterior é a continuação da chamma interna que

anima o organismo do insecto, e que imprime á sua natureza uma feição magnifica e verdadeiramente extraordinaria.

A vida da borboleta é de curta duração; mas com taes attributos vive-se no meio de um paraizo, e morre-se cheio de gloria.

J. A. Simões de Carvalho.

O' MOCIDADE!

VERSOS RECITADOS EM A NOITE DOS MEUS ANNOS, E DEDICADOS ÁS PESSOAS QUE SE DIGNARAM PASSAL-A JUNCTO DE MIM.

A vida é formosissima
Em plena juventude,
É magico alaude
De suaves vibrações;
Em cada som escuta se
Uma promessa, um hymno,
— O cantico divino
Das nossas illusões!

É paraizo o mundo.
A rosea fada estende
O véu com que nos prende
Nos sonhos mil d'amor.
Tem a manhã sorrisos,
A tarde, devaneios,
A noite tem receios,
Segredos, cada flor.

A natureza esmalta-se
Aos beijos d'alvorada,
A relva assetinada
Do sol espera a luz,
Agitam-se os thuribulos
De rescendente aroma
Que o vento aspira e toma,
E logo ao céu conduz.

É lindo o mato agreste,
A selva deslumbrante
Inunda a cada instante
De perolas a flor.

No val as sombras fogem,
Levando os pyrilampos...
O arroio banha os campos
Com timido rumor.

Começa o eterno idylio
No bosque, no arvoredo,
A rola ensaia a medo
Os gemebundos ais,
E, em melodia unica,
A natureza inteira,
Nessa hora feiticeira,
Tem cantos divinaes!

Pois todo esse conjuncto
De ethereas harmonias,
De vozes, d'alegrias,
D'esp'rança e de prazer;
Todo o esplendor d'aurora
Mais bella e mais ridente,
O brilho, a cor fulgente
Do sol, quando ao nascer;

É tudo incerto e pallido,
É mudo e sem verdores,
Ao pé d'esses primores
Que a mocidade tem!
Ao pé d'aquelles jubilos,
Do viço, crença e riso....
— Sonhado paraizo,
Que fascinar-nos vem!
.....
.....
Oh mocidade florida!
Oh harpa seductora!
Vibrada d'hora em hora
Por essa ignota mão
Da phantasia esplendida
Que nos povôa a mente,
E faz pulsar vehemente
O nosso coração,

Quem, se te viu no occaso
Sumir a luz brilhante,
Não viu desd'esse instante
A vida triste e só?

Quem não sentiu no peito
Os eccos doloridos
Dos sonhos mais queridos
A desabar sem dó?!

Ha pouco inda o teu halito
Me bafejava a fronte,
E eu via no horisonte
A tua maga luz;
Agora arquejo trémula,
E a cada novo dia
Minha alma é mais sombria,
Mais negra a minha cruz!

Debalde o olhar estendo
Pela amplidão do espaço,
Em vão, em vão, me abraço
Ás illusões que amei;
A mocidade vôa,
Levando-me entre rosas
As azas tão formosas
Com que eu tambem voei!....
.....
.....
Mas hoje um ar dulcissimo
Me encanta e me inebria,
E aspiro da poesia
Os atomos subtis.
Pousando a vista sofrega
Em tanto rosto amigo,
Rejuvenesço e digo:
— Ainda sou feliz!....

Coimbra, 25 de Fevereiro
de 1874.

Amelia Janny.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CLAUSTRO REAL DO MOSTEIRO DA BATALHA

Denomina-se assim o claustro contiguo á egreja da Batalha, construido em tempo do fundador do mosteiro. Pertence este bello claustro ao grupo das obras que entraram no primitivo plano do monumento. Nota-se-lhe o mesmo gosto, o mesmo estylo simples, majestoso, nobre e elegante da egreja, casa do capitulo e capella do fundador.

Quem examinar com attenção estas obras ha de observar em todas visivel unidade e conformidade de concepção e desempenho. Em nada se affrontam ou prejudicam umas ás outras, e acham-se dispostas segundo uma traça muito bem concertada, em que se revela a competencia e sabedoria do architecto.

É tambem prova evidente de que o claustro foi construido na mesma epocha em que o foram aquell'outras partes do monumento o ver-se num dos seus angulos o escudo de armas de el-rei D. João I: identicos escudos, lavrados em relevo no mesmo gosto, estão tambem nos remates das abobadas do cruzeiro da egreja, da capella real e da casa do capitulo.

Todavia o claustro não se concluiu de todo em tempo de el-rei D. João I, que deixou recommendado em suas disposições testamentarias o acabamento d'esta obra. Da parte ornamental pouco ou nada se fez em vida do fundador.

São de el-rei D. Mauuel as lindissimas bandeiras de pedraria entrelaçada que adornam as ogivas dos arcos, como se deprehende da cruz de Christo e da esphera armillar, empresas do monarcha venturoso, nellas esculpidas. Estas bandeiras, de delicado gosto e de inexcedivel perfeição de lavores mimosos, realçam de um modo singular a belleza do claustro, como se deixa ver da nossa photographia.

Tambem concorrem para o bom effeito do todo os gigantes acoruchados, que se elevam entre uns e outros arcos, e a formosa grade de pedra rendada da parte superior nas quatro faces do claustro. A grade de pedra é obra moderna, feita ha poucos annos. Os gigantes não tinham os remates pyramidaes, e pouco subiam acima da altura em que está o fecho dos arcos: foram tambem completados modernamente.

Devemos ao sr. Carlos Relvas a lindissima photographia, da qual é copiada a que apresentamos neste numero. Avulta nella principalmente uma parte do lado norte do claustro, a qual é sufficiente para d'elle se formar idéa.

A. M. Simões de Castro.

ZOOLOGIA POPULAR

As aves

I

O ar, a agua e a terra são os tres grandes theatros da vida. Cada um tem os seus habitantes characteristicos, as suas creaturas predilectas, a sua população e nacionalidade bem definidas. As aves são os animaes que mais vivem na atmosphera, que mais animam e mais povoam as regiões aereas. Os insectos tambem voam, assim como alguns mammiferos e peixes; mas só a ave, por sua admiravel organisação, se póde considerar o verdadeiro cidadão do ar.

A fórma oval do seu corpo, a construcção de suas azas e cauda, a grande força muscular de que são dotadas, a estructura do seu esqueleto, especialmente de suas vertebras, costellas e sterno, as suas visceras mais importantes situadas nas regiões inferiores, formando um verdadeiro lastro, a livre circulação do ar não só nos pulmões, mas nas cellulas aereas e cavidades dos ossos, a temperatura elevada do sangue devida a uma hematose activa, e a grande vivacidade de movimentos, as pennas levissimas que involvem todo o corpo, tudo são condições organicas que concorrem para o mesmo fim, facilitando a locomoção aerea, e tornando as aves essencialmente destinadas para viverem na atmosphera. Cumpre porém notar que alguns d'estes animaes fazem excepção á regra geral, porque vivem constantemente sobre a terra e sobre a agua, taes são os abestruzes e casoares entre as aves terrestres, e os cotetes e as alcas entre as aves aquaticas. Em compensação, se os suas azas curtas não lhes permittem o vôo, outros dotes organicos as tornam aptas para a corrida e para a natação.

É verdadeiramente prodigiosa a velocidade, com que muitas aves transpõem immensas distancias; é muito superior á rapidez das locomotivas dos caminhos de ferro. A aguia vence vinte leguas em uma hora. As andorinhas percorrem tresentas leguas em vinte e quatro horas. A codorniz anda cincoenta leguas em uma noite. Um falcão de Henrique II, que fugiu de uma caçada de Fontainebleau, foi apanhado no dia seguinte em Malta. Um falcão das Canarias, mandado de presente ao duque de Lerma, fugiu da Andaluzia e appareceu na ilha de Teneriffe dezeseis horas depois, percorrendo neste espaço de tempo duzentas e cincoenta leguas.

As gaivotas em um só dia viajam mais de cem leguas. Todos estes factos e outros muitos attestam a superioridade das aves sobre todos os animaes nos meios de locomoção.

As aves são a verdadeira alegria da terra. Com seus cantos mimosos dão vida aos campos e ás vivendas dos homens. A solidão dos bosques, o silencio das noites, a mudez dos prados tudo se anima com a presença d'estes volateis. As montanhas, os valles, os rios, os lagos e o mar, tudo sorri á voz alegre e movimentos caprichosos d'estes artistas da natureza. Não ha paizagem triste na companhia d'estes festivos animaes. Seus prazeres, seus amores, seus ciumes, seus combates, suas côres, seus gorgeios, suas viagens e suas metamorphoses, tudo inspira tanto interesse e curiosidade, que o homem não póde prescindir da convivencia d'estes innocentes companheiros e amigos.

O mais bello enfeite das aves são as pennas. Não é facil descrever os effeitos magicos produzidos pela fórma, elegancia, disposição e côr brilhante d'estes appendices cutaneos. Para comprehender esta belleza, basta contemplar os typos esplendidos e deslumbrantes do pavão, do faisão, do argus, da lyra, da garça, e da ave do paraiso. Que infinita variedade e harmoniosas combinações de côres! O brilho dos rubins, dos topasios e das esmeraldas associa-se de um modo admiravel com o reflexo metallico do ouro, da prata, do cobre e do bronze. Os beija-flores, as tangaras, as cotingas, os papagaios, as pombas, e outras muitas aves são exemplos notaveis e bem conhecidos.

Não é menos digna da nossa admiração a arte de construir os ninhos, monumentos de amor maternal e de verdadeira affeição de familia. Estes berços procreadores são prodigios admiraveis de instincto e intelligencia artistica. As aves possuem o talento mecanico da architectura, e esta arte maravilhosa parece inspirada pelos mais bellos sentimentos do coração. A fórma variada dos ninhos, a sua belleza e elegancia, as condições hygienicas que presidem á sua construcção, os systemas diversos empregados pelos architectos, tudo characterisa uma arte e uma industria, dirigidas e dominadas por um talento providente e por uma intelligencia segura e sagaz.

Desde a fórma espherica até aos mais complicados edificios, os ninhos das aves offerecem os mais variados typos. Os naturalistas admittem pelo menos doze secções, para classificar a architectura d'estes animaes. As aves nas suas edificações imitam os trabalhos dos mineiros, dos pedreiros, dos carpinteiros, dos cesteiros, dos tecelões, dos alfaiates, dos fabricantes de feltros, etc., e em todas estas obras precederam muito tempo a industria do homem, e podiam servir-lhe de mestres. Os exemplos mais curio-

sos na construcção dos ninhos são offerecidos pelas aves da America e da Australia.

Muitas especies não se limitam a edificar habitação só para sua familia; congregam-se em sociedades numerosas e edificam em commum o domicilio de todos. Os passaros *republicanos* de Africa, certas aves da Nova Hollanda, similhantes ás pegas, os cotetes dos mares austraes, os mergulhões, e outras aves do norte são exemplos d'estas industriosas associações. Estes ninhos são de grande capacidade; são elegantes pavilhões e pequenos palacios enfeitados com pennas e conchas; são verdadeiras salas de recepção e salões de danças, onde as aves se entregam aos prazeres da vida de familia e aos divertimentos da sociedade.

Que amor sublime plantou Deus no coração das aves! Os egypcios divinisaram com razão certas aves, prestando-lhes um verdadeiro culto de adoração, e escolheram a figura de algumas especies para symbolisar a dedicação e amor maternal. Algumas arrancam de si proprias densa camada de pennugem para involver os ovos. Outras, para defenderem a ninhada, batem-se com coragem heroica, ou empregam os mais ardilosos artificios para enganar o caçador e os seus inimigos. A sagacidade e astucia da perdiz são bem conhecidas. O pelicano leva o amor paternal ao extremo de entregar aos filhos a provisão de peixes que pescou, sem lhe tocar, ainda que esteja morrendo de fome. O amor da prole é tão sublime em muitas especies, que preferem morrer juncto dos filhos a abandonal-os na presença de perigos invenciveis. A historia das cegonhas offerece d'estas scenas patheticas. Bory de S. Vincent presenceou na batalha de Friedland o seguinte facto: Uma granada cahiu sobre uma arvore e incendiou-a. Nesta arvore havia um ninho de cegonha. A mãe, espavorida pelo fogo e suffocada pelo fumo, voou por algum tempo em volta da arvore, até que, reconhecendo a impossibilidade de salvar os filhos, voltou para o ninho, e ahi morreu queimada, victima do amor maternal. Que nobre exaltação de sentimentos, que ímpetos admiraveis de amor, que attributos sagrados ensinam muitas vezes os animaes ao homem! Que contraste vergonhoso com tão divina dedicação offerece a historia da especie humana nos seus calculos mentirosos e miseraveis, nos seus sentimentos egoistas e criminosos, na sua refalsada hypocrisia, nos seus pensamentos sanguinarios, e em suas traições tenebrosas!

(Continúa). J. A. Simões de Carvalho.

RONDALLA

I

Accorda, minha Theresa,
Descerra a janella tua!
Espalha-se o alvor da lua
Pela poetica devesa;
Entre os sinceiros da margem
Murmura o claro Mondego,
A noite corre em socego,
Accorda, minha Theresa!

II

Não dorme quem tem amores,
E o teu postigo é cerrado!
Deixa o leito perfumado,
E o travesseiro de flores,
Se queres que eu acredite,
Ó minha pallida amiga!
Nas palavras da cantiga:
Não dorme quem tem amores!

III

Por isso eu vélo cantando,
E esta guitarra suspira,
E o meu coração delira,
Mal vem a lua apontando.
É que á noite, lyrio branco,
Os astros guardam segredo
Dos beijos dados a medo,
Por isso eu vélo cantando.

IV

Quero ver-te como outr'ora
Do postigo debruçada,
Conversando enamorada
Até ao raiar da aurora,

Um chaile posto no liso
De teus hombros jaspeados,
Os cabellos destrançados...
Quero ver-te como outr'ora.

V

Não te assustes, Julieta,
Que a manhã te encontre ainda
Bebendo a canção infinda,
Que soluça o teu poeta;
Cantará de entre os loureiros
Uma alegre cotovia,
Mal venha rompendo o dia,
Não te assustes, Julieta!

VI

Mas dorme a branca Theresa,
Cerrada a janella sua!
Já não divagam da lua
Os clarões pela devesa.
Entre os sinceiros da margem
Vai soluçando o Mondego,
Rompe a manhã com socego,
Ai! dorme, dorme, Theresa!

Coimbra, 187... G. Crespo.

O MEDITERRANEO

Vinte annos decorreram já desde que Babinet deu noticia de uma importante obra de um distincto official da marinha ingleza, William Henry Smith, intitulada: *The Mediterranean, a Memoir Physical, Historical and Nautical.*

Tomei naquella epocha umas notas do escripto de Babinet, que encontrei ha pouco nos meus apontamentos, e de parte d'ellas venho hoje dar conhecimento aos leitores, por me parecerem curiosas.

— Rigorosamente fallando, só poderiamos dar o nome de Mediterraneo ao Mar Caspio, talvez ao Lago ou Mar d'Aral, ao Mar Morto, etc.; no emtanto, o uso tem consagrado o nome de *Mediterraneo* áquelle de que ora tractamos.

Os romanos chamavam-lhe *Mare Nostrum;* Napoleão I queria fazer d'elle um *Lago Francez.* Não triumphou a ambição d'aquelles, nem a d'este: o Mediterraneo pertence aos povos todos do globo.

Debaixo do ponto de vista historico-politico, o Mediterraneo é superior em importancia a todos os outros mares, embora sejam estes immensamente mais vastos, o Atlantico, o Pacifico e ainda mesmo o Mar das Indias.

A Europa, a Asia e a Africa podem considerar o Mediterraneo como sendo a via de communicação entre os povos do littoral d'este mar.

Ao meio-dia serve de base a toda a Europa, pela Hespanha, Italia, Grecia e até pela Russia da Europa — abrangendo o Mar Negro que todos os geographos collocam no systema mediterraneo.

A Asia toca no Mediterraneo, ao poente pelas costas das provincias Caucasias, pelas da Asia Menor até Alepo, e d'este ponto até ao Egypto pelas costas da Syria e da Palestina.

A Africa, ao norte, é completamente limitada pelo Mediterraneo, do mesmo modo que a Europa ao sul.

É um facto notavel o seguinte: as nações civilisadas que mais brilharam no mundo são quasi exclusivamente as das bordas do Mediterraneo. A Hispanha, a França, a Italia occidental e oriental, a Grecia antiga, a Syria, a Judéa e a Arabia, o Egypto, os paizes africanos (sob o imperio dos reis do Egypto, dos Gregos, dos Carthaginezes, e mais tarde, do Islamismo): todas essas populações, no decurso do tempo, nas diversas e successivas phases da humanidade, se tornaram salientes e representaram um grande papel na historia, ou seja pelas religiões e pelas leis, ou pelas artes, ou pelo commercio, em uma palavra, pelas variadas manifestações da civilisação.

Quando, pelo pensamento, se percorrem os contornos do Mediterraneo, surge logo a lembrança de nomes historicos; e a historia dos povos visinhos d'aquelle mar é como que a historia do mundo inteiro. Fazendo, por assim dizer, desfilar diante de nós os povos, quasi que não nos escapa uma só das glorias do genero humano. Basta citar Carthago e a Africa occidental com todas as suas civilisações successivas; a Africa oriental e o Egypto na epocha dos Pharaós, dos Gregos, dos Romanos e dos principes musulmanos (sarracenos e turcos); a Palestina e a Arabia, com as suas religiões de Moisés, Jesus Christo e Mahomet; a Syria e as suas populações quasi inteiramente Gregas; a Asia Menor, colonisada tambem pelos Gregos; a Grecia, com os seus mil estados, desde o Ebro, ao oriente, até ao Adriatico, ao poente; a peninsula Italica; a Gallia meridional, ora celtica, ora romana,

hoje franceza; e, finalmente a Hispanha, que só de per si quasi que constituiu o imperio de Carlos v.

Tudo quanto se vê em torno d'este mar, tudo tem celebridade, tudo ficou na memoria dos homens, tudo brilhou, tudo permanece gravado nas paginas da historia: cidades, rios, golphos, promontorios, estreitos, correntes, ventos dominantes, e tudo quanto auxilia o homem nas suas relações commerciaes — que são as mais civilisadoras de todas.

Com razão, diz Babinet, se applica ao Mediterraneo o famoso: *nullum sine nomine saxum;* pois que não ha um só ponto que a fama não apregoasse, um só ponto que não suscite recordações historicas: Carthagena; Marselha e Leão; Genova, Pisa, Florença, Roma, Napoles, Syracusa, Veneza; Malta e Cythera; Lacedemonia, Athenas; Constantinopla, Smyrna, Rhodes, Alepo: Epheso, Tyro, Jerusalem; Alexandria e o Cairo; Tunes e Argel; eis o que tem dado lustre ao Mediterraneo ha trinta ou quarenta seculos.

— Deixo outros apontamentos para mais tarde; parecendo-me que são realmente curiosos os que ora publico, e farão talvez desejar mais alguns noutra ordem de idéas.

José Silvestre Ribeiro.

BIBLIOGRAPHIA

Paulo, por A. Cardoso Borges de Figueiredo-Junior. Tomo primeiro.

É um poema que temos em frente, o qual é dedicado ao nosso talentoso amigo, o sr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, estudante do primeiro anno de Medicina. Se um nome sympathico pela intelligencia que revela, unido com outros nobilissimos dotes, pode auspiciar um livro, declaramos que está sob segura egide o *Paulo* do sr. A. Cardoso Junior.

Já em tempo annunciámos outra obra do mesmo auctor, *Horas de poesia,* que era uma estreia. Esta vale mais, porque alargou o assumpto, mostrando que não fallecem ao poeta applicação e constante exercicio d'uma das mais formosas bellas-artes. A metrificação é branda e ingenua, as imagens meigas e amorosas, o que faz semelhar o poema a um arroio de curso sereno e agradavel.

Quando estiver completo, fallaremos da sua acção e do modo como o seu auctor dirigiu o enredo e desenvolveu o remate.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PALACIO DA PENA EM CINTRA

Edificações e logares ha que mutuamente se auxiliam para o bom effeito das paizagens. Dá-se esta circumstancia com o palacio da Pena, encravado nos mais elevados pincaros da serrania de Cintra como coroa e digno remate d'aquelle monte de maravilhas.

«Nesse ponto culminante, cerca de 3:000 pés acima do nivel do mar, como que as pequenezas do mundo se obliteram, e as ideias se purificam, e a alma se desprende para o céu. Que faria ali uma trivialidade macissa no meio d'aquellas rochas convulsionadas?

«Seria a uniformidade como um protesto brutal. Toda a edificação que não bracejasse para o alto em projecções frequentes, observada da planicie fôra como se não existisse. Pareceria, quando muito, uma rocha sobreposta ás outras. A primeira condição em construcções d'esta ordem é contar com o pedestal.

«Donde, pois, senão do sentimento que emana d'essa especie de assonancia, lhe provêm o raro cunho de distincção senhoril?» (1).

A photographia que acompanha o presente numero do *Panorama* representa o edificio da Pena, visto do mesmo lado em que o representa a photographia, copiada de outra do sr. Rochini, que acompanhava o numero 1 do vol. 2.º d'este jornal; porém a que se distribue agora, feita por um *clichè* com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas, é tirada de mais longe, e deixa ver grande porção do terreno adjacente com seu precipitoso declive, grandes massas de penedia e basto e pittoresco arvoredo.

No 2.º e 3.º volume do nosso jornal têm sido publicados varios artigos, em que se encontram minuciosamente descriptos o palacio e parque da Pena, pelo que nos julgamos dispensado de dar por agora maior desenvolvimento ao assumpto.

A. M. Simões de Castro.

ZOOLOGIA POPULAR

As aves

II

O instincto da previdencia characterisa de um modo notavel muitas especies. Algumas aves granivoras fazem provisões para

(1) Sr. Mendes Leal — *Os Monumentos Nacionaes*, n.º 3.

o inverno. As sittas recolhem nos ninhos muitos fructos e sementes; o mesmo fazem os tentilhões, os corvos, as gralhas, os gaios, as pegas, etc. Attribue-se a este facto o costume d'estes ultimos animaes de esconder muitos objectos que encontram. Affirmam ainda os naturalistas que as pegas são tão astuciosas, que fazem dois ninhos, um muito descoberto e outro muito occulto, servindo-se só do segundo para a incubação.

São muito variados os meios empregados pelas aves para procurar os seus alimentos. As que vivem de peixes, habitam nos rios, lagos, pantanos e mares, e são habeis e infatigaveis pescadoras. Os corvos marinhos, as gaivotas, os alcatrazes e outras aves maritimas são de uma voracidade espantosa. As ventoninhas, tarambolas, narcejas, etc., extrahem da terra com o bico pequenos vermes, que devoram avidamente. Algumas aves buscam o seu alimento predilecto escondido debaixo das pedras, como um entomologista curioso caça os seus queridos insectos. Os picanços com o seu bico durissimo furam a casca das arvores, e com a lingua extremamente elastica e viscosa apanham os insectos e larvas que encontram nos esconderijos.

O ostraceiro espreita na praia o mollusco, no momento em que abre a concha, e introduz na abertura o bico, que fica preso pelo aperto das valvulas. A ave aproveita-se habilmente d'este incidente já previsto, bate vigorosamente com a concha contra as pedras, quebra-a e depois devora o precioso manjar. Nas florestas da Africa austral os *drongos* reunem-se todas as manhãs em grandes bandos, esperam os enxames das abelhas selvagens que sahem das colmeias para buscar alimento, e encontram nestes insectos lauto e festivo banquete. Os abutres dos Alpes, quando não têm forças para arrastar nas garras as cabras e camurças, esperam que estes pacificos ruminantes pastem descuidados á beira de algum precipicio, e aproximando-se d'elles com vôo rapido arrojam-n'os para o abysmo com o impulso vigoroso das azas, e depois vão banquetear-se na carne e sangue de suas victimas.

O instincto da sociabilidade é um sentimento poderoso em muitas especies, e predomina principalmente nas aves granivoras, herbivoras e insectivoras. É nestes grupos que o homem tem realisado mais conquistas, aproveitando essa propensão innata para a domesticidade. Uma qualidade nobilissima que caracterisa muitas aves é a reciproca affeição e fidelidade conjugal. Os pombos e rolas são exemplos bem conhecidos. Os anhimas da America do sul tambem são modelos d'estes laços indissoluveis. Quando morre um dos conjuges, o que sobrevive torna-se triste e taciturno, retira-se para os logares ermos, e chora inconsolavel a perda irreparavel do esposo, até que a morte põe termo a tão dolorosa viuvez. Noutras especies o macho que perde a femea

geme dia e noite chamando pela sua companheira, e os seus lamentos melancholicos accordam os echos das florestas.

Um verdadeiro espirito de mutua protecção e de respeito e amparo pela velhice e pela doença é attributo de muitas especies. Algumas aves de indole pacifica celebram reuniões festivas para solemnisar a primavera. Todos os annos, bandos numerosos de elegantes grous *pantomimas* povoam as campinas do Volga, e durante alguns dias executam dansas jubilosas e corridas de velocidade, e no fim d'estes exercicios singulares cada casal procura sitio favoravel para installar o seu domicilio. As cegonhas, as andorinhas e outras aves viajantes, que emigram periodicamente, celebram tambem reuniões alegres no principio e fim de suas viagens.

A emigração periodica das aves é um dos phenomenos mais interessantes e curiosos da Ornythologia. Phalanges numerosas, republicas ambulantes atravessam a atmosphera em epochas regulares, executando evoluções variadas, e transpondo distancias enormes. Aeronautas intrepidos, as aves viajam sem bussola, devassam as altas regiões aereas, ultrapassam o dominio das nuvens e das tempestades, respiram o fluido ethereo do espaço, e do alto d'essa solidão magestosa, allumiada pela luz esplendida do sol, contemplam admiradas o homem e os outros animaes, que a natureza destinou para habitantes da terra. Ao cabo de tão longas e perigosas viagens, os aeronautas descem á terra hospitaleira, e saudam com seus cantos festivos esses asylos seguros, que vão servir-lhes de berços de amores, de centro de familia e de patria natal para os filhos. O rouxinol escolhe o bosque solitario; a andorinha o domicilio do homem; o pintaroxo o tronco musgoso do carvalho; o cartaxo a balsa perfumada pela madresilva; o estorninho o alamo majestoso; e a cegonha as torres elevadas dos campanarios.

Não tentemos descortinar a causa mysteriosa d'estas emigrações. A fome, o clima, o instincto da reproducção, e o impulso irresistivel do movimento tudo concorre para estas viagens periodicas. Admiremos esta lei creadora da natureza, esta harmonia e este equilibrio da vida, que impelle no estio as aves dos paizes quentes para as regiões frias, e no inverno as dos climas do norte para os paizes temperados. As primeiras vêm no nosso paiz annunciar a estação das flores e as galas da primavera, e as segundas são o prenuncio melancholico dos dias tristes e sombrios do inverno.

(Continúa). J. A. Simões de Carvalho.

PATRIA DO CONDESTAVEL D. NUNO ALVARES PEREIRA

I

Logram os varões famosos por illustres façanhas a singular prerogativa de se lhes disputar a patria á competencia. Reflecte-se no logar do nascimento a aureola de gloria que cérca o seu nome; honram-se e ennobrecem-se os povos com a naturalidade de taes conterraneos.

Pavoneam-se Elvas e Portalegre de haver dado o berço ao grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira; reivindica, porém, a Quinta do Bom Jardim esta honorificencia.

Mencionaremos os escriptores que seguiram estas opiniões, conformando-nos com a que nos parece mais auctorisada.

II

Em Elvas, diz Fr. Domingos Teixeira, nasceu D. Nuno Alvares Pereira a 24 de junho de 1360 (1).

Quer Portalegre que dentro de seus muros viesse á luz do dia este *Portuguez gigante na heroicidade,* assevera o chronista dos cistercienses Fr. Manuel de Figueiredo (2).

Escreve o licenciado Jorge Cardoso: *Nasceo D. uno em junho de 1360 no logar do Bom Jardim, termo da villa da Certã* (3).

O chronista Fr. Manuel dos Santos diz: *Nasceo Nuno Alvares Pereira em 25 do mez de junho de 1360 no logar do Bom Jardim, termo da villa da Certã* (4).

Segue a mesma opinião Fr. José Pereira de Santa Anna, expressando-se por este modo: *O que parece mais certo he que nascera D. Nuno na Quinta do Bom Jardim situada no logar de Senarche* (5).

É mais positivo o academico José Soares da Silva: *Creou-se desde a infancia na Quinta do Bom Jardim, onde alguns Historiadores querem que nascesse* (6).

Diz Fr. Manuel de Sá: *De D. Alvaro Gonçalves Pereira, e da senhora Eiria Gonçalves do Carvalhal, natural da cidade de*

(1) *Vida de D. Nuno Alvares Pereira, etc.*, 1.ª ediç., pag. 728.
(2) *Descripção de Portugal, etc.*, pag. 40.
(3) *Agiologio Lusitano, etc*, tomo III, pag. 215.
(4) *Monarchia Lusitana*, tomo VIII, pag. 432.
(5) *Chronica dos Carmelitas, etc.*, tomo I, pag. 289.
(6) *Memorias de el-rei D. João* I, tomo II, pag. 631.

Elvas, foi filho o grande, o magnanimo D. Nuno Alvares Pereira, que no mez de junho do anno do Senhor de 1360 nasceo no logar do Bom Jardim, junto á villa da Certãa (1).

O P. Francisco da Fonseca escreve: *Foy Nun'Alvares Pereyra decimo quarto filho de Alvaro Gonçalves Pereyra, e Iria Gonçalves de Carvalhal: nasceo no Bom Jardim, termo da Certam, aos 14 de agosto de 1360* (2).

Pedro José de Figueiredo publicou o seguinte: *D. Nuno Alvares Pereira, verdadeiro Marte Lusitano, e tronco esclarecido da Real Casa de Bragança, nasceo, segundo a opinião mais bem fundada, no logar de Cernache do Bom Jardim, junto da villa da Certã, em quarta feira, 24 de junho, dia de S. João Baptista, no anno bissexto de 1360* (3).

Na obra de M. Ferdinand Denis, intitulada *Portugal*, lê-se: *Don Nuno Alvares Pereira était né au mois de juin de l'année 1360, dans un lieu désigné sous le nom de* Bom Jardim *près de* Villa da Certã (4).

Barbosa Canaes, escrevendo ácerca do Condestavel, disse: *Nasceo este grande homem no Bom Jardim, pequena povoação da provincia da Estremadura* (5).

III

Vê-se d'esta resenha que são concordes escriptores de grande tomo em que nascera na *Quinta do Bom Jardim* o grande condestavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira. E com esta opinião nos conformamos, não só pela respeitabilidade de cada um d'estes escriptores, mas pela sua auctoridade collectiva.

É singular a asserção de Fr. Domingos Teixeira, e não a justifica, como lhe cumpria, mórmente arredando-se da opinião geral.

No mesmo caso está Fr. Manuel de Figueiredo, escriptor aliás grave e circumspecto.

Em Elvas nasceu Iria Gonçalves de Carvalhal, e em Portalegre morou esta inclita matrona. Aqui possuia bens (6), e rendas

(1) *Memorias Historicas da Ordem do Carmo*, parte I, pag. 81.
(2) *Evora Gloriosa, etc.*, pag. 67.
(3) *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação Portugueza em virtudes, letras, armas e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos como modernos — Retrato e Elogio de D. Nuno Alvares Pereira.*
(4) *Portugal par M. Ferdinand Denis*, pag. 48.
(5) *Estudos Biographicos ou Noticia das Pessoas Retratadas nos Quadros Historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco*, pag. 308.
(6) *Thebaida Portugueza, etc.*, tomo II, pag. 369.

avultadas, algumas das quaes aqui mesmo lhe doou el-rei D. João I, que muito se comprazia em a honrar e favorecer (1).

D'estes incidentes derivaria, por ventura, a crença que ás duas povoações attribuiu a naturalidade do condestavel.

Deviam, porém, Teixeira e Figueiredo, que a vulgarisaram, citar a tradição, se por ella se guiaram, dando taes noticias, ou designar os escriptos donde as extrahiram.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

O MAIS LASTIMOSO EXEMPLO DE INFORTUNIO

..... A un desdichado
Aun no le sigue su sombra.

Lope de Vega.

É sabido que brilhou grandemente em França no seculo XVIII, e em toda a Europa foi festejado o nome de Marmontel, como auctor do *Belisario*, dos *Incas* e dos *Contos Moraes*. Augmentaram a sua reputação litteraria as *Memorias*, e abriram-lhe as portas da academia franceza os *Elementos de Litteratura*.

De todos os escriptos de Marmontel o que ainda hoje tem merecimento, no conceito de competentes criticos, é o ultimo que apontámos: *Elementos de Litteratura*, se bem que são excellentes os primeiros livros das *Memorias*, e alguns dos *Contos Moraes* (que nem sempre correspondem ao titulo) sustentem ainda a leitura.

Nos *Elementos de Litteratura*, que attentamente li, encontrei provas da immensa e variada instrucção de Marmontel, do seu fino gosto nas coisas da litteratura amena, e de apurada critica na apreciação de todos os generos de poesia e das composições diversas em prosa.

Mas.... involuntariamente ia eu fazendo crer que pretendi escrever uma dissertação ácerca de Marmontel, quando aliás só me propuz a apontar um doloroso quadro que elle pinta nos seus *Elementos de Litteratura*,— quadro, que a meu intender assignala o ponto culminante, o maximo gráu do infortunio, entre todos os accidentes funestos, tão variados quanto oppressores, que tantas vezes amarguram o homem na peregrinação da vida.

Attentae bem no que passo a expôr.

Refere Marmontel que o celebre actor inglez Garrick lhe contara que havia no hospital dos alienados de Londres um des-

(1) *Historia Genealogica, etc.*, tomo v, pag. 91.

aventurado pai, cuja loucura consistia exclusivamente em trazer de continuo á lembrança o momento, em que do cimo de uma varanda, estando a brincar com um filhinho que segurava com os braços, o deixou cahir na rua, e o viu jazer arrebentado...

O miserando louco imaginava que tinha ainda nos braços o filhinho; apertava-o contra o peito; fitava nelle um olhar da maior ternura... e de repente, com um estremecimento terrivel, ao expressar a acção da quéda, soltava um grito que despedaçava o coração... e depois abysmava-se na profundeza da sua dôr...

— Aqui... o mais leve commentario, a mais breve reflexão da minha parte seriam um crime de lesa-sensibilidade.

José Silvestre Ribeiro.

O ALEMTEJO ROMANO

Semelhantes aos *Montes* do Alemtejo, que de ordinario consistem em uma ou mais casas de campo, e que se acham distanciados uns dos outros de um a cinco kilometros, já eram em tempo de romanos as *villas* ou *villulas*.

Ha pouco mais de um mez que mui proximo de S. Miguel de Machede, a uma legua de Evora Monte e a tres de Evora, sonhara uma velha mulher com um thesouro escondido em certo local a cavalleiro da casa de habitação da *Herdade da Morgada*. O arrendatario d'esta e um visinho, levados pelo sonho da mulher, começaram a excavar no determinado sitio. De facto, ás primeiras enxadadas toparam os homens notaveis restos de habitações romanas. Descobriram os pavimentos de seis casas, cujas paredes teriam sómente já um metro de altura. Os pavimentos descobertos são ordinarios e do mosaico chamado dos romanos *vermiculatum*. Uma das paredes deixava vêr ainda uma pintura a fresco, *pictura udo tectorio*, mas grosseira, como obra de aldeia. Nada appareceu alli notavel: fustes de columnas, bases e capiteis de marmore mal lavrado; fragmentos de um prato de cobre talvez *catinum*, puas de lanças, talvez *cuspis* ou *pilum*, bocados de vidro, etc. Moedas, cippos ou outros objectos que revelassem perfeição artistica e podessem mesmo indiciar o tempo d'aquellas construcções não appareceram. A pequena elevação em que jazem as ruinas, o exame das terras adjacentes, e o silencio da historia e chorographia antigas, que nenhuma povoação importante nos apresentam naquelles sitios, levam-nos a crer que alli existiu em tempo de romanos uma *villa* ou *villula*, a que hoje corresponde nesta provincia do Alemtejo o chamado *Monte*.

Não sendo provavel que fossem derruidas aquellas casas por

terremoto, suppozemos, quando as visitámos, que a invasão arabe as prostrasse, como sohia, e geralmente sabido é.

Evora, Maio de 1874. ANTONIO FRANCISCO BARATA.

A UMA ESPHYNGE (1)

Que me queres Esphynge? O que procuras? diz-m'o.
Se do poeta o segredo intentas penetrar,
Desce dos annos meus ao tenebroso abysmo,
Verás o Amor aos vinte, e aos sessenta o Pesar.

Sim! Pesar não de haver lançado aos quatro ventos
Com prodiga loucura o verbo triumphante,
A ambição, o dinheiro, os risos e os tormentos,
E as auroras de abril, que passam n'um instante.

Mas Pesar de sentir dentro em meu peito agora
Como acceso vulcão em gelos sepultado,
Do juvenil desejo a flamma que devora,
E de não poder mais, amando, ser amado!

G. CRESPO.

BIBLIOGRAPHIA

O sr. Antonio Francisco Barata, collaborador d'este jornal, e escriptor assás conhecido pelas suas importantes obras romanticas, de historia, archeologia, poesia e philologia, augmentou a lista das suas publicações com um livro assás curioso. Referimo-nos á segunda edição da *Historia Breve de Coimbra* de Bernardo de Brito Botelho, que fôra impressa pela primeira vez em 1733. Esta obra apreciavel pelas copiosas e interessantes noticias da historia de Coimbra, tornara-se extremamente rara. Bom serviço fez portanto o sr. Barata publicando nova edição.

O sr. Barata additou a este livrinho muitas annotações e grande numero de inscripções lapidares, na maior parte ineditas, com que lhe duplicou o valor e o tornou muito curioso e interessante para os que desejarem informar-se e instruir-se na historia d'esta cidade e de seus monumentos.

A edição foi feita com muita nitidez na imprensa nacional de Lisboa.

(1) A uma Esphinge pintada nas varetas do leque de uma condessa fez Alexandre Dumas, o poeta do *Conde de Monte-Christo*, umas estrophes, que tentamos traduzir.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BELEM

De todos os monumentos portuguezes os mosteiros da Batalha e de Belem são os que offerecem ao estudo do artista e á contemplação do archeologo maior extensão, variedade e riqueza de construcções. Não é, por tanto, para extranhar que o *Panorama* e outros jornaes illustrados muitas vezes tenham recorrido a estas copiosas fontes para saciar a curiosidade dos leitores.

No tomo segundo d'este jornal sahiram as photographias do portico meridional e da nova fachada occidental da egreja e mosteiro de Belem. No tomo terceiro a da porta principal da mesma egreja. E já neste tomo quarto a vista exterior do claustro. Continuamos hoje esta serie, dando a vista interior de um dos lanços do claustro, photographia tirada de um *cliché* de grande belleza e perfeição, com que o sr. Carlos Relvas brindou o director e proprietario d'este jornal.

Para os artigos respectivos ás photographias mencionadas remetteremos os leitores que desejarem saber a historia do mosteiro e do claustro. Agora limitar-nos-hemos a dizer que o triangulo ou arco que parece projectar-se pela abobada é um trapezio.

A gymnastica foi um dos melhoramentos mais importantes que o sr. José Maria Eugenio introduziu na casa pia quando reformou esta instituição. Por meio da gymnastica, dos banhos, dos alimentos, da fiscalisação dos empregados internos e da inspecção medica, conseguiu o illustrado reformador mudar inteiramente as condições physicas da população da casa pia. Em vez de crianças enfezadas, escrofulosas ou ophtalmicas vemos hoje naquelle estabelecimento rapazes fortes, sadios e robustos, que patenteam sobre tudo nas vivas cores do rosto, nas boas proporções do corpo, na largura do peito e das espaduas e na valentia dos musculos os salutares effeitos da gymnastica.

Num grande pateo da casa pia ha um gymnasio, onde os rapazes fazem exercicios ao ar livre. Mas, para que em tempo de chuva não fiquem privados de um dos mais poderosos meios do desenvolvimento do corpo, continuam no claustro as lições e exercicios que não podem ter no gymnasio.

Cremos que os homens não lamentarão os frades inuteis que outr'ora passeiavam gravemente e silenciosamente no recinto do claustro, vendo-os substituidos por alguns centos de rapazes, que, em vez de fugir da sociedade, para viver á custa d'ella, hão de vir enriquecel-a com o grosso cabedal de suas forças, saude e trabalho.

A. Filippe Simões.

LAMARTINE (1)

O grande homem, que cerrou os olhos á luz e por quem a França vai cobrir-se de luto, encherá de si o futuro. Compete á historia traçar-lhe elogio funebre que seja digno da sua memoria; hoje só ha logar no seu tumulo para coroas entretecidas a furto. Poeta, diplomata, orador, historiador, tribuno, salvador da patria num dia de crise, Lamartine percorreu com o esplendor do genio todos os vastos campos da acção e do pensamento. A sua obra é tão vasta, a sua vida tão fecunda, que, como a dos heroes antigos, parece resumir muitas existencias. Seria preciso um livro para narral-a, e só temos uma pagina. Toquemos summariamente os seus pontos culminantes, o primeiro dos quaes se eleva até ao céo.

«Os fogos nascentes da aurora — disse Vauvernagues — não se ostentam tão suaves como os primeiros resplendores da gloria.» Foi circumdado de gloria, tão pura como uma alvorada, que o talento de Lamartine surgiu em 1820. A sua estreia, no centro da litteratura desbotada e esteril d'aquella epocha, teve o fulgor d'uma visão. Era o céo reaberto sobre a poesia, a flamma ateada de novo nos altares do amor; a fonte das lagrimas, por tanto tempo estancada, tornava a brotar. O joven poeta patenteava-se no seu primeiro livro como o psalmista das gerações novas. Seus enlevos intimos, seus sentimentos inexplicaveis, suas vozes interiores achavam nelle um interprete divino. Era o *Sunt lacrymæ rerum* de Virgilio traduzido em poemas. Que sublimidade natural! que viço na abundancia! que pureza de aragem! que flexibilidade no vôo! que modo transparente e vasto de pintar e reflectir a natureza! No meio d'esta encantadora mistura de elegias e de canticos reunidos, o *Lago,* prateado pela lua, desenhava-se no seu contorno harmonioso, sitio unico entre todos os do mundo poetico, obra prima d'arte e de coração, que nunca será excedida.

As *Nouvelles Méditations* e as *Harmonies;* mais tarde *Jocelyn,* a *Chute d'un ange* e os *Recueillements,* alargaram alterna-

(1) Quando Lamartine falleceu, a França pela penna dos seus escriptores teceu-lhe uma elegia singular e unica. Não foi um partido que o chorou, chorou-o a sua terra natal, unanime no luto.

Entre os muitos artigos que então se publicaram distinguiu-se um excellente de Paul de Saint-Victor, cuja traducção apresentamos hoje no nosso jornal. É digno do grande poeta, e nisto se cifra o seu principal elogio. E a traducção é digna de ambos.

A ex.ma sr.ª D. Engracia Correia Teixeira, residente na cidade do Porto, honrou-nos com este escripto, que fórma a sua estreia litteraria, e em nome dos nossos leitores e em nosso proprio nome lhe agradecemos tão primoroso presente.

tiva e illimitadamente a fonte primitiva. Este *lago*, imagem do primeiro estylo do poeta, cujas margens parecem as extremidades lavradas d'uma taça, dilata-se indefinidamente. Correntes caudalosas desenvolveram-no para todos os lados: elle assumiu a amplidão do mar alto, estendendo-se por todas as praias e reflectindo o infinito. Mas, na sua immensidade, o genio do poeta fica sempre puro, claro, accessivel. A lenda da criancinha, que queria abranger o Oceano numa concha, realisou-a a poesia de Lamartine. A alma mais simples, a intelligencia mais ingenua póde deleitar-se com seus versos. Elle eleva ao setimo céo do lyrismo as idéas e os sentimentos; mas estas idéas e sentimentos são communs a todos. Deriva-os da natureza immutavel da alma humana; empresta-lhes suas azas e os transfigura. O coração da donzella e o espirito do philosopho são por elle igualmente inspirados. A aguia e a pomba podem voar com um mesmo adejo na sua atmosphera. — É este o dote mais excellente d'um genio sympathico: falla em tom elevado e todos o comprehendem. A sua lyra assemelha-se aos grandes orgãos, onde o artista parece ter concentrado todas as vozes do mundo. Ha momentos em que se julga ouvir trovejar e a torrente mugir nas suas profundidades; e depois dirieis que o passaro construiu seu ninho nos seus tubos colios, tal é a facilidade com que passam da omnipotente harmonia do trovão para o suspiro, do clamor para o soluço! Movido pela mão do musico que o inspira, o enorme instrumento ora se alarga ás proporções d'uma floresta que o vento agita, ora desce até á brandura da flauta agreste que o sopro d'um pastor anima. — Assim é a poesia de Lamartine: com a mesma voz com que ha pouco cantava os mysterios da eternidade e do infinito, a sua musa vai suspirar a elegia d'uma mulher ou a prece d'uma criança. Elle passa naturalmente da tripode involvida de chammas propheticas para o doce canto do lar.

O orador gerou-se do poeta e logo o igualou. A litteratura só não podia conter esta natureza cheia de aptidões, avida de acção e de sacrificios. Lamartine era impellido para a politica como para um dever pela consciencia que tinha dos serviços que podia prestar ao seu tempo e á sua patria. Quando no regresso do Oriente, a eleição de Bergues o introduziu na camara, alli ficou muito tempo isolado como se estivesse sobre um pincaro. Onde ireis sentar-vos na Assembleia? perguntou-lhe um de seus amigos. —«No tecto», respondeu-lhe. Como Girardin, seu amigo constante de ideias e de coração, hasteou a sua bandeira fóra das agitações ephemeras e das rivalidades estereis dos partidos, não sobre o terreno movediço das paixões e dos preconceitos, mas na verdade, na justiça e no interesse permanente do paiz. Não aspirava a figurar no drama fugitivo das camarilhas e dos ministerios, não

querendo outro papel na vida publica senão o da consciencia na vida privada. Julgava que póde haver liberdade nas monarchias e ordem nas republicas, e que a humanidade deve encaminhar-se ao progresso por todas as sendas. Os governos não eram para elle senão instrumentos de civilisação, que se devem utilisar consoante a força das circumstancias e os tempos os offerecem, para fazer progredir e fructificar as ideias, e que vale mais torcer do que quebrar.

A imparcialidade é um papel ingrato. Lamartine na camara foi a principio ouvido desfavoravelmente. A senha da maledicencia era *poesia*. Mandavam-no sem cessar para os seus versos; para o fazer tropeçar, atravessavam-lhe a sua lyra nos degráus da tribuna; seus inimigos, como elle disse, exilavam-no para o céo. Elle comtudo assenhoreava-se cada dia com mais força e auctoridade d'esta tribuna tão disputada. A sua eloquencia sublime e ardente, animada com o sopro quasi religioso do patriotismo, transpunha os bancos hostis ou distrahidos da camara, para retumbar com força no coração do paiz. Brevemente foi preciso prestar-lhe alta consideração. A amnistia, a emancipação dos escravos, a adopção dos engeitados, a caridade social, a fraternidade das classes na liberdade, a abolição da pena de morte, tinham nelle um tribuno, e quasi um apostolo.

De discurso em discurso acabava, aos olhos da nação, por personificar todas estas causas nobilissimas. O futuro do progresso incarnava-se nelle. Este visionario, como lhe chamavam, pronunciava as formulas magicas da epocha; as quaes, ferindo de chofre, resumindo-se numa palavra, circulavam por toda a França como proverbios da situação. Durante os ultimos annos do governo de Julho foi, póde dizer-se, o ministro sem pasta dos votos e da opinião publica do paiz.

A sua *Histoire des Girondins* foi o preambulo d'uma revolução; é difficil separal-as, as duas, e julgar friamente como livro uma obra que tão profundamente se insinuou nos factos. O que se torna superior a toda a controversia é o genio do poeta, que derrama em ondas o ideal, a vida, a luz por sobre esta tempestade de factos e de homens; é a imparcialidade ousada do pensador, que tirava o fogo sagrado do vulcão, e purificava os principios das escorias que os enlameavam, entornando sobre os verdugos, e não sobre as ideias, o sangue das victimas.

Quando rebentou a revolução que elle tinha prognosticado sem a desejar, arremessou-se á tormenta, de corpo e alma, para applacal-a. A historia fará mais tarde uma lenda da sua lucta contra a anarchia. Este foi o ponto supremo e culminante da sua vida. Essas escadas do *Hotel de Ville*, donde, sob o relampejar das baionetas, ao estrondo dos sinos que tocavam a rebate e ao

estampido das armas de fogo, affrontando os sabres levantados contra seu peito, elle perorava a uma multidão delirante, e calcava aos pés a sua bandeira ensanguentada, eis o pedestal onde a posteridade o contemplará!

A eloquencia humana jámais obrou tamanho milagre. Como o orador grego, Lamartine orava ao mar, e, mais poderoso do que elle, fez recuar este mar furibundo. Póde dizer-se que, nesse momento, cobria a França com o seu corpo. A attitude que immortalisou Boissy d'Anglas por tel-a conservado tres horas perante uma revolta, Lamartine a manteve tres dias perante uma revolução.

Esta tempestade por elle applacada elevou-o ao apice d'uma popularidade a que jámais nenhum homem chegou. O paiz affeiçoou-se-lhe com um reconhecimento apaixonado. Seu nome tornou-se uma acclamação, sua pessoa um idolo. A França unanime o impellia ao poder supremo; dez eleições levaram-no como sobre um escudo para a Assembleia nacional.

(Continúa). ENGRACIA CORREIA TEIXEIRA.

ZOOLOGIA POPULAR

As aves

III

Enumeremos agora rapidamente os serviços importantes que esta classe de animaes presta ao homem.

A carne das aves, que vivem principalmente de substancias vegetaes, é um alimento saboroso, delicado e sadio, de que o homem faz enorme consumo. Já os antigos romanos practicavam a arte da engorda dos patos e pavões, e criavam com o mesmo fim em gaiolas especiaes com pouca luz bandos numerosos de melros. Certas aves, que tem um gosto repugnante e nauseabundo, são ainda um recurso precioso para os habitantes dos paizes polares e para a tripulação dos navios; taes são as gaivotas, alcatrazes, mergulhões, tordas e outras palmipedes maritimas.

O consumo dos ovos é de grande importancia no regimen alimentar de muitas nações. A França exporta annualmente quatro milhões de francos. Só em Paris se calcula o consumo annual em cem milhões de ovos. É tambem em muitos paizes uma industria importante a colheita dos ovos das aves marinhas nos rochedos da beira-mar. Nos pontos mais alcantilados do nosso littoral tam-

bem os pescadores costumam com grande risco de vida colher os ovos de certas palmipedes. Na costa de Peniche a epocha propria para esta colheita é em maio e junho, e algumas vidas se têm perdido nestes perigosos trabalhos. Os ovos das gaivotas vendem-se a 120 réis a duzia. Além da producção d'estes alimentos, é ainda digno de mencionar se o commercio das pennas, tanto para enfeite como para resguardo do frio.

Outros serviços valiosos prestam as aves ao homem. As aves de rapina e muitas especies de palmipedes marinhas consomem com insaciavel voracidade a carne em putrefacção, evitando a formação de miasmas, e concorrendo assim de um modo providencial para a pureza do ar; taes são muitas especies de abutres, as cegonhas, os alcatrazes, as gaivotas, etc. As aves insectivoras prestam grandes beneficios á agricultura, destruindo muitas pragas que infestam os campos. No nosso paiz as especies cantoras e as de maior belleza são infatigaveis na caça dos insectos na primavera e no estio. A guerra que se faz a estes innocentes e utilissimos animaes é uma barbaridade intoleravel, que a lei e os costumes por fórma nenhuma devem consentir. Ainda ha poucos annos se exterminava na Allemanha grande quantidade d'estas aves, e os males que d'ahi resultaram para a producção agricola foram geralmente reconhecidos, e a lei interveio promptamente e com severidade para acabar com similhantes abusos. O mesmo succedeu em França.

Os preciosos adubos que as aves produzem são uma grande riqueza para a agricultura. Sem fallarmos do gallinhaço e columbino, citaremos apenas o guano, que se explora no Peru, no Chili, e em muitas ilhas e rochedos do oceano. O emprego d'este adubo só principiou na Europa em 1840. Calcula-se em 11 milhões de toneladas metricas a massa total de guano existente nas ilhas Chinchas, rendendo a sua exploração para o governo do Peru perto de 100 milhões de francos por anno. Nos primeiros tempos da exportação um negociante de Lima offereceu ao governo a renda de um milhão annual pelo monopolio da extracção; mas á vista do grande apreço que o guano teve na Europa e principalmente na Inglaterra, o governo peruano não acceitou a proposta, e explora por sua conta, havendo annos em que exporta mais de 500 mil toneladas, o que não deve admirar, porque ha logares em que os depositos do guano tem 40 metros de espessura. Muitas vezes se vêem ancorados perto das ilhas Chinchas mais de 100 navios á carga do guano.

Além d'esta utilidade geral das aves, não devemos deixar de mencionar certos serviços especiaes e muito valiosos, que alguns d'estes animaes prestam ao homem. As cegonhas, ibis e maçaricos exterminam nos paizes humidos grande quantidade de reptis,

de molluscos e de vermes. O serpentario d'Africa e os cariamas do Brazil matam com grande intrepidez muitas serpentes venenosas. O anhima do Brazil é empregado com grande proveito para guardar as gallinaceos. O agamida de Cayenna ou passaro-trombeta, guia e dirige para o pasto grandes bandos de patos e perus, e é tão docil, tão fiel e tão sollicito como o melhor cão de guarda. Os caláos de bico monstruoso são aproveitados na ilha de Ceylão para a caça dos ratos, revelando tanta habilidade como os melhores gatos. O cuco dirige o caçador nas florestas da Africa austral, encaminhando-o até ás colmeias das abelhas selvagens, onde existe abundante provisão de mel e cera. Certas aves da America e da Africa libertam os gados de importunos vermes parasitas, que se implantam na pelle e devoram a carne e o sangue das suas victimas.

Vamos terminar referindo ainda alguns factos curiosos e importantes. O corvo marinho é um habil e industrioso pescador, empregado com grande proveito em muitas nações. O falcão, o gerifalte, o açor, e até a aguia foram muito empregados na caça na edade media, e este exercicio cenegetico era o divertimento predilecto da classe aristocratica. Ainda hoje em alguns paizes se conserva esta practica. O abestruz é susceptivel de domesticar-se, e póde servir para transportar o homem sobre o dorso, fazendo longas viagens com grande velocidade.

Fechemos esta narração, fallando do serviço admiravel dos pombos-correios. Estas aves tão modestas, timidas e innocentes, têm a coragem e habilidade de servir de mensageiros aereos, levando noticias a longas distancias. Estas aves mereceram uma reputação verdadeiramente heroica na guerra franco-prussiana, e no memoravel cerco de Paris. Os serviços que estes animaes prestaram foram admirados por todo o mundo, e foram de tal ordem, que os francezes querem que seja gravada no brazão de armas da sua capital a figura de um pombo. Nos povos antigos já serviam estas aves para o officio de correios, e os chinezes ainda hoje as educam com cuidado para transmittirem as suas correspondencias. O primeiro pombo mensageiro, de que ha noticia, foi o que, saindo da arca de Noé, voltou alli trazendo no bico o ramo que symbolisa a paz. Ainda é um mysterio o instincto admiravel que guia os pombos nas suas longas viagens. É realmente inexplicavel que esta ave, transportada dentro de gaiolas, cestos ou caixas, volte ao seu ninho e pombal, sem conhecer os paizes que atravessa, sem poder estabelecer balizas pela vista das arvores, dos montes, das casas e outros objectos. Demonstração eloquente do supremo poder do amor e da saudade da patria e da familia.

Na presença de todos estes factos, merecem elogios as nações

que na antiguidade e ainda hoje prestam ás aves o seu culto e veneração. Pela nossa parte adoramos estes elegantes e formosos animaes, e sem a mais leve sombra de fanatismo os consideramos como emblemas augustos e sublimes da divindade.

J. A. Simões de Carvalho.

BIBLIOGRAPHIA

Carta do sr. Alexandre Herculano respondendo á Sociedade Real de Agricultura em Lisboa, annotada com observações pelo dr. José Rodrigues de Mattos, medico pela universidade de Coimbra, official da Ordem da Torre e Espada, e residente no Rio de Janeiro. — Lisboa, 1874.

No folheto assim intitulado tracta-se uma questão importantissima, á qual se prendem os mais caros interesses da patria — a emigração para o Brasil. Assumpto tão momentoso merece ser meditado e estudado por todos, por si se recommenda; accresce porém, para chamar a attenção do publico para este livro, o ser firmado por dois nomes tão respeitaveis e anctorisados como são o do auctor da carta e o do seu annotador.

Esboços chronologico-biographicos dos arcebispos da egreja de Evora por Antonio Francisco Barata. — Coimbra, Imprensa Litteraria, 1874.

Temos em frente mais um livro d'um nosso patricio, que é infatigavel no estudo e perseverante nas suas lucubrações. Umas vezes poeta, outras romancista, e agora historiador, laborioso e consciencioso sempre, o sr. A. F. Barata abona as suas successivas publicações com excellente criterio e muita erudição.

Esta monographia póde dizer-se um quadro completo da vida archiepiscopal de Evora. Desde o filho de D. Manuel, que tambem foi cardeal e rei, até ao modesto e virtuoso filho da piscosa Ilhavo todos os prelados eborenses formam uma galeria curiosa, muito para ser lida e consultada. Entre elles figura o famoso arcebispo D. Theotonio de Bragança, que é um dos personagens mais notaveis do recente romance de Bernardino Pinheiro.

Felicitamos o nosso patricio por este seu livro novo, que é ao mesmo tempo um peculio de historia e mais uma prova do seu reconhecido merecimento.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

O DOURO

(A Hernani da Fonseca Braga)

Co'a minha grossa torrente,
Orgulhoso, independente,
Um negro sulco fremente
Pelas Hespanhas tracei.

VISCONDE DE GOUVÊA.

I

Representam os rios papel muito importante na economia social e politica das nações. Nas margens das suas correntes caudaes apinham-se cidades florescentes, que d'elles recebem a animação de suas industrias. São a vida dos povos, as arterias do seu commercio interior, os auxiliares mais efficazes da agricultura. Não ha nenhum, que murmure á beira d'uma povoação, que não recorde o dicto do grande sancto: *Fluminis impetus laetificat civitatem Dei* (1).

Creou Deus o homem, e pôl-o num logar de delicias, no paraiso terreal, regado por um rio que se repartia em quatro braços (2). Deus visitou a terra, disse o psalmista, e embriagou-a enriquecendo-a de muitas maneiras. O rio de Deus se encheu de aguas, e preparou a comida de seus habitantes. Embriagou os seus ribeiros, e assim multiplicou as suas producções; nas chuvas que se distillam alegrou-se a terra dando fructos (3). Á borda dos rios florescem as rosas (4); os olhos do amado são como as pombas, que lavadas em leite têm os ninhos ao pé dos regatos, e pousam juncto das correntes mais largas dos rios (5).

Ás letras sagradas accrescentam as profanas novos encarecimentos, porque a agua exerce poderoso influxo sobre a terra e subordina-a. — A agua no globo, diz Michelet, é a generalidade, a terra é excepção. — No principio, quando as trevas cobriam a face do abysmo, o espirito de Deus era levado sobre as aguas (6). Das aguas fez elle instrumento de castigo no diluvio e penhor da graça no Jordão; com ellas é que anima e vivifica a terra inteira.

Por isso as correntes são alma e vida das povoações, e reflectem

(1) S. Agost.
(2) Gen. I, 27; II, 9, 10.
(3) Ps. LXIV, 3.
(4) Eccl. XXXIX, 17.
(5) Cant. V, 12.
(6) Gen. I, 2.

no seu espelho crystallino as imagens das grandes metropoles. Babylonia revia-se no Euphrates, com cujo murmurio misturavam suas queixas os judeus captivos; Memphis era a cidade do Nilo, que lhe levava embalado no seu berço o legislador do Sinai. Ainda hoje o Tibre recorta os valles da famosa Roma, e o Sena o interior da velha Lutecia. Londres involve-se todas as noites nos nevoeiros do seu Tamisa, e S. Petersburgo todos os invernos nos gelos do seu Neva. E o Danubio no anno preterito quasi que suspendia o seu curso, admirando as maravilhas da industria na Exposição de Vienna.

II

Em Portugal os rios constituem parte notavel da sua historia. E tres sobre tudo, o Mondego, o Tejo e o Douro, são os marcos milliarios que indicam as epochas distinctas da sua origem, grandeza e renascimento.

Este corpo moral, denominado nação portugueza, teve a sua primeira séde em Coimbra nas margens do Mondego. Ainda na infancia, embora infancia robusta, alimentada com o estrepito das batalhas, convinha-lhe bem um berço de verduras, um clima sereno, um rio doce e socegado. Foi Coimbra a patria dos primeiros reis, seus campos a primeira eschola de cavallaria, seus paços o primeiro abrigo das letras. Nas suas collinas floresceu o louro de Marte e fructificou a arvore de Minerva; a espada d'um e a lança da outra formaram a educação varonil do reino, preparando-o para os seus altos destinos.

A cidade de Ataces cedeu depois o sceptro á cidade de Ulysses, e as nymphas do Mondego ouviram, não sem despeito, a sublime invocação das Tagides. O Tejo foi o rio dos nossos triumphos navaes; debaixo do peso de nossos galeões gemiam avergadas as suas aguas, e a brisa que as encrespava era refrigerio do nauta, que volvia de longe abrazado em saudades da patria. O seu halito afagava brandamente o pendão das Quinas, que tremulára glorioso em longinquas regiões com temor grande do nosso nome e honra illustre da nossa fama.

Do Capitolio á Rocha Tarpeia só dista um passo, foi exclamação de Mirabeau. Da elevação de Portugal á sua quéda mediou apenas um reinado, e o Tejo depoz a sua coroa nas margens humildes do Manzanares. A desgraça amortalhara nas pregas do seu sudario a nobilissima nação, que nos areaes da Africa viu sepultado o sceptro, e por ventura o cadaver do seu rei cavalleiro.

Espedaçaram-se, é verdade, os grilhões do castelhano que nos algemavam os pulsos; mas a restauração, que nascera heroica,

realisou-se com indolencia. Ao aço das espadas succedera o aço acerado da diplomacia, mais frio ainda e não menos mortifero. Esta manteve-nos a independencia, mas independencia opiata, que nos entorpeceu as forças e adormeceu os brios.

No primeiro quartel d'este seculo inundaram extrangeiros o nosso territorio, inimigos uns, outros alliados, incommodos todos. A nacionalidade parecia que estrebuxava mais uma vez asphyxiada e moribunda; mas um supremo esforço ainda a levantou e reanimou, e em 24 de agosto de 1820 o grito da liberdade resoou no Douro, donde se repercutiu por todo o reino.

É pois o Douro o rio do presente. Pelejaram-se nas suas bordas as rijas batalhas do absolutismo, e no cerco memoravel do Porto a sua corrente reflectia os incendios e estragos da guerra, e arrastava, como o Simoenta de Troia, armas e corpos dos martyres da patria.

> ..... correpta sub undis
> Scuta virûm..... et fortia corpora volvit (1).

Passada a luta, que fôra uma epopêa, o Douro tem acompanhado o paiz nos progressos incruentos da paz, contribuindo com a cidade invicta e com outras povoações das suas margens para todos os ramos da nossa florescencia. Coimbra é ainda assento das letras, que se espreguiçam indolentes como o curso do seu Mondego; Lisboa é a capital, vasta como a bahia do seu Tejo, inerte como o ocio da sua côrte; o Porto, activo e energico como a corrente caudalosa do seu rio, é uma officina de trabalho, a arteria mais valente do nosso corpo.

III

Desentranha-se o Douro do cume ou pico da serra de Orbion na Castella Velha. É seu berço uma lagoa, a que chamam a lagoa Negra, orlada de rochas denegridas que lhe turvam as aguas; chama-lhe Duarte Nunes de Leão (2) «grande e medonha,» e affirma «que se não move, nem se sabe donde procede.»

Com pequeno caminho desenha logo no terreno que atravessa, limites de Soria, a imagem perfeita d'um baculo; e continuando a sua marcha, que é longa, corteja muitas povoações de Hespanha e algumas do nosso Portugal, recebendo de ambos os paizes abundante tributo de rios e innumeros ribeiros. Com este concurso faz-se caudaloso, e a sua corrente, ligeira e impulsiva, é

(1) Virg. Aen. I.
(2) Descr. do rein. de Port.

ainda mais prenhe de aguas que a do proprio Tejo. D'elle podemos dizer o que o poeta latino (1) cantava do Nilo:

Qui rapido tractu,.....
.....
Fluctibus ignotis nostrum procurrit in orbem
Secreto de fonte cadens.....
Flumina profundens alieni conscia coeli.

O Douro com effeito revolve-se despenhado e enfurecido, e para isso concorrem já os seus confluentes, já a declividade do seu alveo pedregoso, já as suas margens empinadas e penhascosas, que o comprimem e estreitam com força em apertado leito. Procedendo da Hespanha, d'uma fonte escondida entre penedos, irrompe tumultuoso pela nossa terra, *nostrum in orbem,* arrastando as aguas, que já conheceram região extranha.

Corre em Portugal quasi que escondido e tristonho, e não tolera neste curso o jugo de nenhuma ponte, embora no reino visinho passe debaixo das arcarias de algumas, como são as de Aranda, Simancas, Tordesilhas, Toro e Çamora. Sobre barcas lançou uma el-rei D. João I no Peso da Regoa, a fim de passar com o seu exercito para Trás os Montes; e do mesmo genero havia tambem antes de 1842 a que unia o Porto a Villa Nova de Gaia. Nas desavenças que teve com o primeiro duque de Bragança chegou o infante D. Pedro, duque de Coimbra, a formar outra sobre toneis para o ir accommetter na Teixeira. Porém eram estas pontes frageis construcções, e sujeitas ás vicissitudes da corrente e dos acontecimentos; foram desfeitas muitas vezes pela violencia dos invernos ou pelas tempestades das revoluções. Se hoje contamos uma que seja firme e duradoura, foi mister, livrando-a da influencia do rio, traçal-a suspensa nos ares entre as duas margens, onde se segura firmada em fortissimos pilares.

O Douro com a sua independencia e nobre isenção era rio asado para o culto dos antigos, que tinham pelas correntes supersticioso respeito, não se atrevendo a derivar-lhes o curso nem a macular-lhes a origem. E merecia-lhes sobre tudo a construcção das pontes particular e escrupuloso desvelo. O nome de pontifice deriva essencialmente de *ponte faciendo,* e era a este sacerdote que competia determinar quando o rio era *fons manalis* e os *auspicia perennia* necessarios no seu trajecto. Reputavam audacia, e até sacrilegio, submetter o curso livre das aguas ao jugo d'uma ponte; e assim o entenderam os gregos com a que Xerxes lançou no Hellesponto. E os romanos só uma consentiam no seu Tibre, e esta *sublicia,* de madeira e sem intervenção do ferro,

(1) Claudiano.

que consideravam profanação nefanda. E quando o rio nas suas inundações, *retortis violenter undis* (1), a destroçava, os concertos e renovação faziam-se precedendo muitos sacrificios e impertinente ceremonial religioso, a que presidiam os pontifices.

E dos antigos era com certeza bem conhecido o nosso rio, nomeado por muitos escriptores latinos, merecendo até menção distincta de Silio Italico no sabido hexametro:

Hinc certant, Pactole, tibi Duriusque Tagusque.

Naquelles tempos o Douro devia ser venerado e invocado — *adesto tuo cum flumine sancto* — por povos que nós quasi reputamos barbaros, e que atravez da sua rudeza se nos ostentam com brilhante aureola de poesia inimitavel. Representavam elles os rios como deuses; eram uns anciãos de aspecto majestoso e affavel, que se recostavam indolentes sobre urnas crystallinas, donde manavam copiosas lymphas. Verdoengo sendal lhes cobria os membros, e umbrosa cana lhes coroava as frontes. Assim entre outros pinta Virgilio o Tiberino e Boileau o Rheno, e Camões, que os excede a ambos, o Ganges e o Indo.

Entretanto o poeta que cantasse o Douro desaproveitaria taes mimos, que lh'os não tolerava o assumpto. Esboçaria antes a figura nervosa e varonil do velho Saturno, de pé, abrindo com a fouce cortadora o seio das rochas, por cujas fendas se espadanariam as aguas impetuosas. Pôr-lhe-hia diadema de parras na cabeça e o thyrso de Baccho ás plantas. O seu canto não seria o idylio de Theocrito, apropriado para os alamos do Mondego; nem os epodos de Pindaro, que celebrassem os argonautas do Tejo; mas sim o raivoso jambo de Archiloco, aspero e incisivo como os fios d'agua do Douro, que semelham os fios d'um alfange enorme, rasgando as montanhas por onde se arremessa.

IV

Meu Hernani. O Douro é o teu rio, porque o Porto é a tua cidade; deixa por isso que trace o teu nome nestas paginas. O berço da nossa familia, o casal de nossos paes mirava o rio das encostas de Alpendurada. A casa ainda existe sobranceira á corrente, namorando-lhe as aguas e embalada com o seu aspero murmurio; mas os donos antigos dormem á sombra da cruz no adro do presbyterio. Seus filhos e netos acham-se espalhados e repartidos pelo reino, e saudam-se de longe com dulcissimo affecto fraternal.

(1) Hor. Od. 1, 2.

Devia referir-te agora o que é hoje o Douro, thema só proprio para um livro, grande para um jornal, e ainda maior para a minha penna. Basta dizer-te que este rio é a origem primaria da prosperidade crescente das provincias do norte, prosperidade que se reflecte esplendida por todo o paiz. Assim como, na phrase d'um nosso escriptor (1), da pederneira não tira grandes faiscas de fogo senão o fuzil de aço fino, o Douro, batendo na perderneira dos nossos montes, d'elles faz scintillar as faiscas da grandeza commercial e vinicola das suas margens fertilissimas.

Enriquecido com as pareas d'outros rios, alguns tambem tumidos e caudaes, como o Carion, o Pisuerga e o Tormes na Hespanha, o Sabor, o Tua e o Tamega em Portugal, corre pressuroso e arrebatado, abundante de aguas e repleto de forças. No dorso da sua corrente traz-nos os thesouros do nosso Falerno, *munera laetitiamque Dei* (2), realisando a ficção do grande epico (3) de vermos no reino das aguas penetrar ovante o rei dos vinhos.

Eu amo os rios, disse Victor Hugo (4), porque elles são vehiculos das idêas, não menos que das mercadorias. São como clarins immensos, que vão annunciar ao Oceano a belleza da terra.... Assim como o illustre poeta tambem amo os rios, não como clarins bellicos, mas como mananciaes pacificos dos mares, vida e animação das terras; porque são laços que prendem e balizas que separam; aqui inundam, acolá regam, vivificam sempre.

Entre todos os rios, continúa Victor Hugo, amo o Rheno.... Entre todos os da minha patria eu amo o Douro. O Rheno para a França foi pomo de discordia, boceta de Pandora; gloria hontem, hoje derrota, saudade ámanhã. As suas aguas são sangue, as suas margens baluartes, Bellona a sua nympha. O seu deus empunha o arcabuz e emboca a tuba. O nosso Douro vale mais; é symbolo da liberdade e penhor da paz. Cinge o louro e a oliveira, e ambos virentes; e o amor da patria aquece e como que impelle as suas aguas. É um rio laborioso; com as suas bordas alcantiladas, com a fervura de seus cachões labuta constante no serviço da nossa terra.

Todos têm a sua sina, os mesmos rios. A do Douro é a gloria, a gloria da guerra e a gloria do commercio, servindo ambas de alicerce e pedestal á liberdade do reino (5).

A. A. da Fonseca Pinto.

(1) Fr. Luiz de Sousa, Vida do Arceb. L. II, 33.
(2) Virg. Aen. I.
(3) Camões, Lus. V, 14.
(4) Le Rhin, Lettre XIV.
(5) A estampa que acompanha este numero é tirada d'um *cliché* feito por uma photographia do sr. Carlos Relvas, e representa o Douro em frente de Villa Nova de Gaia.

AGONIA DE THIERRY

(Ao sr. Alberto Telles de Utra Machado)

> ..... morrer na sua casa, dar o ultimo suspiro no meio dos seus, abençoar na despedida a numerosa progenie com que Deus o abençoara, tal foi o desejo....
>
> VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

I

Era uma vez uma arvore.... bella arvore, toda gentileza e graça. Elevava-se esbelta, firmada no tronco robusto, com ramos viçosos, flores odoriferas e fructos maduros. Eram abrigo os ramos com a sombra, deleite e encanto as flores com o perfume, os fructos com a substancia animação e vida. A seiva que a nutria era o mel das abelhas, a brisa que a refrescava o canto da philomela; poderia chamar-se eden ao terreno que lhe segurava as raizes. Tinha de tudo a ditosa, e lindo tudo, bom e util.

Esta arvore era a França, a famosa França.... antes que sobreviesse a geada do norte que lhe crestou o viço e bebeu os perfumes. A frialdade repassou-lhe o corpo e matou-lhe os seus fructos mais saborosos. Viu partida a espada de seus guerreiros, quebrada a lyra de seus poetas, secca e mirrada a penna de seus historiadores.... Parece ter-lhe chegado por ventura o seu outomno, e que se lhe vão a pouco e pouco despegando da coroa as folhas mais virentes....

II

Volvamos os olhos a 26 de março de 1873. Neste dia falleceu em Paris um velho de 74 annos, que honrou a França com as suas obras litterarias. Nem todos o viram mas todos o conhecem, porque a litteratura é como o sol, que tudo illumina.

Amadeu Thierry era irmão de Agostinho, e ambos grandes historiadores, *frères de sang et d'âme,* como diria Lamartine, irmãos no sangue e no espirito. Foram assumptos das suas obras primas as *Gallias, Roma* e *Attila,* grandes assumptos e tractados com grande mestria. Pertenceu ás academias, teve postos subidos e matizava-lhe o peito a gran-cruz da Legião d'honra.

Nada lhe faltava para a reputação, que era justa, nem para a vaidade, se acaso a tinha.

Ás honras publicas junctava a felicidade domestica; dos nobilissimos suores do estudo e das honrosas fadigas de seus cargos tinha allivio e descanço no regaço da esposa. Fructificou-lhe o thalamo, e a casa encheu-se-lhe de ruidosa alegria infantil e do coração da serena mas profunda affeição paterna. Mais tar e alargou-se-lhe o ambito dos affectos, e chegou a ver os filhos de seus filhos, os netos estremecidos, de quem foi primeiro mestre. Na hora tremenda do passamento rodeiava-lhe o leito familia numerosa, e adormecia em paz cercado de bençãos, de lagrimas e de amores....

III

Percorreu a França como um fremito doloroso a noticia da sua morte, e referiam-se até com afflictiva curiosidade as minudencias de tão triste successo.

Do quarto do moribundo fugira a esperança da vida, e só o acompanhavam nos seus ultimos alentos o amor e a fé. Á cabeceira do leito estavam seus filhos, Gilberto e Diogo, o primeiro auditor e o segundo capitão; a familia toda orava. Thierry abriu de subito os olhos, volveu-os em torno, e com voz enfraquecida uniu as suas orações com as orações dos que lhe eram queridos. A religião era á beira da sepultura o laço que o prendia entre os dois abysmos insondaveis da vida e da morte, enigmas fataes, cuja solução só ella explica.

Mas aproximava-se a agonia, e conjunctamente o delirio. Neste angustioso instante, occaso da intelligencia, o venerando ancião murmurava com doçura: Bébé, Bébé! Era Bébé, como elle lhe chamava, seu neto, uma loira criancinha de quatro annos apenas; e como se ainda lhe estivesse ensinando a ler, a voz foi-se-lhe lentamente extinguindo com o derradeiro sopro, ciciando a custo: b-a, bá; f-a, fá....

Suffocado em choro e com o coração despedaçado Gilberto tomou seu filho nos braços, ajoelhou-o juncto do cadaver, e erguendo-lhe as mãosinhas quiz que a primeira oração recitada por alma do avô sahisse da bocca innocente do neto....

«Padre nosso, que estais no ceu, recebei a alma de meu avô que morreu....»

E por alguns momentos, momentos solemnes, só se ouvia no quarto, dominando os soluços abafados, a voz argentina da gentil criança, elegia eloquente do homem justo.

A. A. da Fonseca Pinto.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PORTAL DE UMA EGREJA NA BATALHA

O formoso portal representado na photographia juncta pertence a uma egreja arruinada da villa da Batalha, situada a leste e a pouca distancia do grandioso monumento de D. João I.

Os characteres esculpturaes que predominam neste portal levar-nos-hiam a attribuil-o ao tempo de el-rei D. Manuel, se os lavores das pilastras e a data de 1532, insculpida na parte superior, nos não dessem a certeza de que elle foi construido no reinado de D. João III.

As columnas delgadas, os seus capiteis de mimosas folhagens, os arcos polycentricos, os rendados de grande delicadeza, a cruz da ordem de Christo e a esphera armillar são attributos characteristicos do puro gosto manuelino. Não assim os lavores das fachas ou pilastras lateraes, que começam entre as columnas e se continuam para cima, nos quaes se vê já o estylo classico ou do renascimento, que no tempo de D. João III veiu substituir as fórmas engraçadas e caprichosas da esculptura, usadas no reinado anterior. Ainda assim a mistura dos dois estylos nesta obra não lhe prejudica a elegancia. O todo agrada e é de bom effeito.

A photographia é reducção de outra, com que nos obsequiou o sr. Carlos Relvas.

A. M. Simões de Castro.

MEMORIAS D'AUSENCIA

(IGNOTO DEO)

Quanto mais desejo ver-vos,
Menos vos vejo, Senhora:
Não vos ver melhor me fora.

Camões.

I

..... Desde hontem que vos não vejo! vi-vos e fallei-vos hontem; hoje nem vos vejo nem vos fallo! E foi tão repentino este transe, que a mesma rapidez do tempo me afervora mais os desejos, e torna mais fina e intensa a saudade que me despedaça o coração!

Parti acreditando no vosso affecto e na vossa pena pela minha ausencia, porque tinha necessidade de fé, para que na minha soledade me sorrisse a esperança, para que entre os negrumes que me enlutam estes dias me brilhasse propicia estrella, para

que me guiasse um pharol seguro por entre os martyrios que me opprimem em tamanha solidão e desconforto. Eu tremo, e morreria de dor se soubesse que neste momento, a esta hora em que o coração se me transborda em fel por ausencia tão prolongada, o vosso rosto retratava um riso, ou o vosso peito acolhia uma alegria....

Ai! senhora; eu necessito da vossa affeição porque necessito de viver, e só vivo para vós; porque o amor nos une e nos torna num só ente. Nunca lestes acaso aquella definição do amor — «que é um homem e uma mulher transformados num anjo?» — Embora ausentes, os nossos sentimentos unem-se no mesmo laço, as nossas almas num mesmo sentimento. As nossas vidas resumem-se numa só vida exclusiva d'ambos, que por pertencer a um e outro nos faz um unico ser, uma unica existencia.

E que vale por ventura a distancia?.... Se hoje me ausentei, continuei comtudo a ver-vos; vejo-vos agora mesmo, ao traçar estas linhas, e ver-vos-hei sempre, porque o vosso rosto, a vossa figura d'anjo avulta a meus olhos em todos os objectos circumstantes. Quando o barco me impellia para longe, eu mirava a corrente fugitiva, o céo puro e brilhante com a majestade do sol, as arvores que bordam as margens do rio, os campos, as povoações; e estas vistas não me distrahiam, mas me concentravam mais na lembrança do passado. Entretanto a corrente fugia, e fugiam as arvores, os campos, os povoados.... só ficava sempre o mesmo céo sobre a minha cabeça, e a vossa imagem impressa sempre no meu coração.... porque o céo é o infinito, e a vossa imagem é a minha vida....

II

Quand le bonheur a fui, son reflet brille encore:
Le souvenir dans notre coeur
C'est le parfum de la liqueur,
Qui dans le flacon vide, avant qu'il s'évapore,
Conserve un moment sa fraîcheur.

Des jours heureux aussi la mémoire s'altère.
Mais plus le vase est bien fermé,
Plus longtemps il est parfumé:
Gardons en notre coeur, comme en un sanctuaire,
Les sentiments qui l'ont charmé.

Estes versos francezes, cujo auctor desconheço, representam bem a minha situação presente. Fugiu a felicidade, mas brilha ainda o seu reflexo. O coração é o vaso que ainda exhala os seus perfumes; e estes perfumes são a saudade reanimada com a memoria.

Aportei a esta terra, terra que é para mim hospitaleira, porque nella apérto mãos de amigos; mas d'esta vez pisei-a com o coração oppresso de tristeza.... Par. a minorar enceto este livro de memorias, que seja uma homenagem ao nosso affecto e um lenitivo para a minha saudade.

Entre as lembranças que vós me excitaes, que enroscais amorosamente no meu peito, me acudiu esta, a de vos narrar a historia singela do meu singelo viver, de copiar pela penna os sentimentos intimos que me sanctificam a alma.

Vou escrever um livro, cuja extensão não sei previamente marcar, mas que é um livro todo vosso....

Que le livre lui soit dédié, direi com o poeta das *Odes et Ballades;* e vós acceitareis o meu preito, porque sois quem o inspirais.

Na vossa presença que importavam letras? Meus olhos eram o livro dos affectos, onde lieis as paginas da minha ternura. Distante agora, circumdado de tristezas, choro pelo passado, e os olhos embaciados fecharam toda a sua escriptura. A formosa terra que me cérca me parece vestir tambem os crepes que me enlutam o coração....

Cá neste céo do meu tão apartado,
Em tão remota serra,
Me parecem as plantas
Tristes, e triste, oh rouxinol, que cantas:
Os lyrios tristes que produz a terra:
Feias do campo as rosas;
E vós, luzes do céo, menos formosas (1).

Venha pois ainda o clarão da felicidade preterita attenuar as nevoas que me toldam estes horisontes. Derramem-se por estas linhas as ondas do amor que me transborda do peito. É elle que dicta todos os meus pensamentos; bafeja-os com o seu anhelito de fogo, escreve-os com a ponta da sua setta, refrigera-os com as plumas das suas asas.

Ainda assim, que inspiração póde, por ardente que seja, retratar de leve o fulgor dos vossos olhos?!... d'aquelles lindos olhos, de quem diria com o nosso poeta:

Se mil almas tivera,
Que a tão formosos olhos entregara,
Todas quantas pudera
Pelas pestanas d'elles pendurara....

Repousae-os ao menos, os vossos olhos, sobre estes traços, porque para vós foram feitos, e vós sómente comprehendereis porventura as minhas palavras.

(1) Fernão Alvares do Oriente.

Não é o que se segue narração circumstanciada ou apontoado de factos; nem são os devaneios da *Menina e moça*, onde luza o ingenho ao lado do sentimento. Nada d'isso. Traduzo o pensamento pela palavra conforme acode aos labios; e o seu interprete é a penna, este instrumento sublime quando manejado pelo genio, que é espada de guerreiro nas discussões, bordão de pastor no ensinamento, e que para mim é simplesmente penna....

Os capitulos que escrevo não têm entre si ligação nem harmonia, porque a fórma e idêa são differentes, modeladas nas aspirações caprichosas do espirito. Devem ser alegres quando o vaso do coração me transborde de prazer, tristes quando a alma se me engolphe em melancolia. Mas alegrias e tristezas terão a mesma origem, serão irmãs. Não será a mesma a face, nem tambem diversa como a dos que procedem do mesmo sangue. Serão ramos do mesmo tronco, viçosos uns, desmaiados outros, mas nutridos todos da mesma seiva.

Ahi vai o meu livro; acolhei-o. Enthesourae nos arcanos do vosso peito os meus pensamentos, que são vossos, pertencem-vos; e não attenteis para louçanias de locução ou elegancia de phrases, porque não estudei nem compuz. Lancei apenas ao papel as palavras que melhor me acudiram para exprimir o que sentia.

Lêde....

18... A. A.

LAMARTINE

(Continuação)

A historia dirá mais tarde com que probidade civica elle exerceu o seu poder ephemero, a resistencia generosa que oppoz ás seducções da dictadura, o sacrificio que fez de si proprio ao que julgou salvação publica. A sua quéda foi tão rapida como fora triumphal a sua elevação; dois mezes depois a sua popularidade abysmava-se sob a ingratidão do povo e os odios dos partidos. As balas de Junho, contra as quaes se expoz nas barricadas, não o pouparam senão para mergulhal-o no esquecimento, donde sahiu, uma vez por outra, durante os tres annos seguintes, por meio de discursos, que avivavam instantaneamente o seu nome eclipsado, e por conselhos eloquentes dirigidos ao povo. Mas a sua hora tinha soado, o seu ostracismo fora inscripto na fatalidade dos factos e na inconstancia dos espiritos. O golpe de estado confinou-o na sombra e sepultou-o prematuramente.

Esta grande vida merecia acabar no lento e radioso crepusculo que illuminara a velhice de Goethe e de Washington. Não foi dado a Lamartine envelhecer assim: o seu occaso foi sombrio

e lugubre. A musa podéra dizer d'elle, nos seus ultimos dias, o que Beatriz dizia do Dante:

L'amico mio e non della ventura.

Uma divida enorme pesava sobre elle, contrahida principalmente pelas prodigalidades da sua beneficencia.

D'autres bouches te diront un jour, sur ma tombe,
Où fut enfoui mon trésor:

respondia elle outr'ora a um libellista, que lhe censurava a sua riqueza. O seu tumulo está aberto, e os seus amigos podem hoje dizer em que abysmo de caridade elle absorveu a sua fortuna. Não foi unicamente a vida que sacrificou em 1848 á causa publica: entrando ainda rico nesse poder ephemero, sahiu d'elle empobrecido. Escravo d'esta pesada divida, cuja cadeia sómente podia ir alongando mas não extinguir, foi-lhe preciso, nas horas do descanço, converter a sua grande penna em ferramenta, e empregal-a, sem socego nem interrupção, nas obras servis do trabalho. Combate secreto, obscuro, quotidiano, mais terrivel que a batalha á luz do sol; luta iniqua do homem intellectual contra as necessidades materiaes, que de dia para dia se aggravavam.

Elle teria podido sem duvida sentar-se sobre a sua ruina, involver-se no seu manto, e amaldiçoar os homens; mas a ruina do seu patrimonio aniquilaria existencias ligadas á sua existencia. Preferiu esfalfar-se em vãos esforços para reconstruil-o. Se fez mal em ostentar publicamente as suas intimas afflicções, quem poderia hoje censural-o?... Apresentava-se em publico como os heroes decahidos da antiga Roma, que descobriam na praça publica as cicatrizes das feridas que tinham recebido combatendo pelo povo. — A injuria e o escarneo perseguiram o grande supplicante: Roma tel-o-ia conduzido ao Capitolio, onde elle poderia jurar, como Scipião, que tinha salvado a patria!

A morte, que purifica os grandes homens, dissipará estas sombras e destruirá estas miserias. Que majestoso monumento ella vai levantar com a sua imagem! de que brilhante aureola circumdal-a! Todos os raios do seu genio, obscurecidos pelas trevas que involveram a sua velhice, vão emergir-se da nuvem e reflectir-se sobre o seu tumulo. O grande poeta, que subjugou as almas com a harmonia dos seus cantos, o historiador, que extrahiu das cinzas confusas do passado as chammas que deslumbram, o orador poderoso, que lutou pelo triumpho pleno da razão humana nas leis e nas idêas, umas vezes a favor dos direitos do povo, outras contra as suas loucuras, o tribuno da paz, que fez recuar a anarchia fallando-lhe altaneiro e impavido, estes homens todos, que consubstanciam um heroe, se erguerão ao mesmo tempo com a sua sublime alteza e soldarão de novo a sua admiravel unidade.

A antiguidade teria creado um mytho d'esta multiplice existencia, d'esta ubiquidade do genio, que percorria tantos caminhos diversos. Esta espantosa existencia será a admiração da posteridade que começa. E esta admiração se tornará em culto de amor que ha de honrar a sua memoria. Lamatine fallará ao seu coração tanto como ao seu espirito. Os echos da sua eloquencia poderão enfraquecer-se, mas seus cantos immortaes atravessarão os seculos. Por cima da sua coroa civica, que o tempo desfolhará talvez, Lamartine tem a estrella do genio radiando-lhe na fronte.

Numa admiravel pagina dos *Recueillements*, o poeta, ha trinta annos, invocando já a morte como divindade piedosa, apostrophava o *Sino* que havia de dobrar no seu funeral:

Moi, quand des laboureurs porteront dans ma bière
Le peu qui doit rester ici de ma poussière,
Après tant de soupirs que mon sein lance ailleurs!
Quand des pleureurs gagés, froide et banale escorte,
Déposeront mon corps endormi sous la porte
Qui mène à des soleils meilleurs;

Si quelque main pieuse en mon honneur te sonne
Des sanglots de l'airain, oh! n'attriste personne;
Ne vas pas mendier des pleurs à l'horizon!
Mais prends ta voix de fête et sonne sur ma tombe
Avec le bruit joyeux d'une chaîne qui tombe
Au seuil libre d'une prison!

Este sino, que vai dobrar sobre a sua sepultura no valle de Saint-Point, resoará pelo mundo inteiro. Elle não soltará os sons festivos que lhe pedia o poeta; mas o seu echo fará derramar muitas lagrimas. No seu dobre funebre similhará todavia o quebrar de cadeias que algemavam o genio, o qual bateu as azas fugindo ás injustiças, ás calumnias, e ás ingratidões do presente para volver sereno e radiante á sua gloriosa immortalidade!

Engracia Correia Teixeira.

O MONDEGO

Sua extensão. — Origem. — Erros do vulgo com relação á sua nascente. — Suas differentes direcções. — Aspecto de suas margens. — Particularidades d'este rio. — Povoações principaes que banha. — Confluentes mais importantes que recebe. — Principaes pontes que o atravessam.

Este rio, o mais extenso dos que têm sua origem em o nosso Portugal, é tambem o que mais variedade de paizagens offerece por todo o seu curso da nascente á foz. A sua extensão, incluindo as sinuosidades das curvas, anda por 40 leguas (200 kil.).

Tem sua nascente na elevada serranía da Estrella, nas proximidades da villa de Manteigas. Neste ponto destaca-se da serra um ramo, que fórma uma pequena cordilheira na mesma direcção, mas deixando de permeio um profundo valle, ao principio do qual tem o rio sua origem, e por elle vai correndo, ainda solitario, em meio de escalvadas rochas.

Não é difficil encontrar ainda quem erradamente supponha ter o Mondego origem nas notaveis lagôas da serra, e quem até affirme nascer elle nas mesmas fontes do Zezere e Alva. A este respeito deparou-se-nos no *Panorama,* n.º 196, de 30 de janeiro de 1841, em um artigo com a epigraphe *Serra da Estrella,* o seguinte, que aqui pomos textualmente: «Os rios que descem da serra da Estrella são o Mondego, o Alva e o Zezere. O Mondego não tem a sua origem, como falsamente se crê, nas alagôas e geleiros d'esta serra; mas sim em meio de montanhas, que pertencem á mesma cordilheira; porém são menos elevadas, e demoram um pouco mais para o norte, a distancia de duas leguas da maxima altura: etc.»

Correndo pois pelo sobredicto valle na direcção S.O.–N.E., passa 3 kil. ao O. da Guarda, e, tomando depois em sentido opposto, segue por um leito fragoso até Foz-Dão, onde começa a ser navegavel. D'ahi continúa, com raras excepções, até á Portella por entre elevados montes, ás vezes tão agrestes, que só as plantas bravías, o tojo e a urze, o pinheiro ou a oliveira, nelles vegetam; o que lhe dá um aspecto triste, mas pittoresco. Então a scena muda: o quadro de tristeza e solidão transforma-se aqui nas mais esplendidas galas, que a natureza póde produzir; contraste tanto mais digno da nossa admiração, quanto é rapido e completo!

O Mondego parece preparar-se para ceremoniosa visita; alarga o seu leito; os montes, que o dominavam, se afastam, e eil-o serpenteando em meio de formosos prados, orlados de suberbos choupos, até banhar com a pura e crystallina lympha os pés da sua altiva rainha — a risonha Coimbra. Panorama magnifico! paizagem deliciosa! admirada por nacionaes e extrangeiros, decantada pelos melhores poetas, nunca assás elogiada por todos os escriptores! Longe de nós o arrojo de tentar sequer esboçar as bellezas d'este quadro, e ainda o encanto, que as margens do rio continuam offerecendo, sobretudo até á vetusta villa de Montemór. Quando pennas tão illustres têm escripto tão profusamente sobre tal objecto, que poderia fazer a nossa, mais que todas humilde? Não tentaremos pois, e só advertimos que, quem desejar vêr e contemplar o lindo panorama da cidade, banhada pelo saudoso Mondego, e das encantadoras margens d'este, suba ao monte da Esperança, fronteiro a Coimbra, em tarde formosa de primavera ou estio; lance os olhos por «esse extendal de matizes, que

tem de si ao redor», e diga se não tem razão para exclamar com o inspirado cantor da Lusa Athenas:

Eu, por mim, nessa tua fronte,
Nessas collinas defronte,
No teu rio de crystal,
Na tua fonte dos *Amores*,
No ar, na terra, nas flores,
Leio em tudo — Portugal!

Mas não se contente só com isto; decida-se a uma viagem fluvial, pelo menos até Montemor-o-velho, e admire esses vastos e ferteis campos, embellezados aqui e além de alvejantes povoações, povoados de rebanhos, e cortados quasi ao centro pela prateada corrente das aguas; contemple como a natureza é prodiga em nos apresentar tão sublimes espectaculos!

Passada a villa de Montemór-o-velho, como que saudoso das galas que ostentou em Coimbra, torna-se o Mondego mais melancolico, para de novo patentear formosa vista uma legua antes da Figueira, nas immediações de Villa Verde. O seu leito, consideravelmente mais largo, permitte que a vista se espraie de novo em bonitos campos e marinhas até á Figueira, que já de longe se ostenta com a alvura characteristica de suas elegantes casas. Mais 5 kilometros, e eis o Mondego a pagar ao ingente Oceano o seu humilde tributo.

É um dos rios de Portugal de mais serena e mansa corrente, em razão do pouco declive do seu leito e de muitas e sinuosas curvas. Tambem é o mais arenoso, porque as terras de suas margens, em geral muito cultivadas e inclinadas até á beira do rio, se precipitam na occasião das grandes chuvas, produzindo depois enormes agglomerações de areia, para o que concorre tambem a pouca corrente das aguas.

Quanto ás povoações que banha, e confluentes que recebe, notaremos como principaes: Celorico da Beira, Foz-Dão, Raiva, Coimbra, Montemór e Figueira; e entre os confluentes: Dão, que desagúa na Foz-Dão; Alva, que desagúa abaixo da Raiva; Ceira, que tem sua foz na Portella; Soure, com a foz abaixo de Montemór.

Das pontes, que o atravessam, sobresaem a da Portella, na estrada de primeira ordem de Coimbra a Celorico, ha pouco mais d'um anno concluida; a de Coimbra, actualmente quasi reconstruida; e a do caminho de ferro do norte, 1 1/2 kil. abaixo de Coimbra. As duas primeiras, de taboleiro de ferro sobre pégões de cantaria; a ultima, do systema tubolar.

A. R. d'Andrade.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PONTE DA PORTELLA SOBRE O MONDEGO

A photographia, que acompanha o presente numero do *Panorama*, representa a ponte da Portella, sobre o Mondego.

Esta ponte faz parte da estrada real n.º 14, e acha-se lançada em um dos mais pittorescos logares d'aquelle rio, e immediatamente acima da foz do Ceira.

Não é alli o Mondego bordado de extensas e verdejantes campinas, mas corre entre abruptas vertentes, por onde alvejam aqui ou alli risonhas habitações, ou pousadas nos mais elevados pincaros das rochas, ou meio escondidas por entre verdenegros pinhaes, ou finalmente reclinadas na base das montanhas e circumdadas de viçosas insuas e pomares.

A jusante da ponte, na margem direita do Mondego, eleva-se a risonha casa da Portella, abraçada por floridas trepadeiras, e ostentando-se garbosa d'entre massiços de arvores e formosos jardins. Quasi fronteiro, mas um pouco abaixo, avulta o antigo edificio de S. Jorge.

De genero mui differente, mas não menos rica, é a belleza do Mondego naquelle logar. Se a jusante de Coimbra serpentea entre extensas campinas de luxuriante vegetação e graça; enrosca-se alli pela base de alpestres montes, que a custo o prendem e retêem, e ora parece perder-se a pouca distancia, como se brotasse de sob verdenegras encostas ou d'entre grandiosos schistos, ora se espraia em pequenos campos, onde viceja o salgueiro, pende o chorão e tremúla o choupo ao bafejo da brisa.

Perdido, no verão, entre douradas areias, que reflectem o sol como se houveram sido pulverisadas de brilhantes, mal póde fazer suspeitar o arrebatamento e majestade, que ostenta no inverno. Troca então as suas crystallinas aguas por aguas turvas e espumantes; seu doce murmurio converte-se em estampido medonho; e em vez de pequenos barcos, que o cruzem em todos os sentidos, animando a paizagem, arrasta sómente então, na sua vertiginosa torrente, ou troncos de arvores arrancados pela força irresistivel das aguas, ou fragmentos de rochas, desaggregados dos flancos das montanhas.

É bello, é imponente o Mondego assim, quando, não podendo soltar-se do leito que a natureza lhe impoz, se eleva espumante e raivoso a mais de 6^{m} acima das suas aguas de estiagem....

Por isso tanto mais difficil deveria ser a obra que tentasse transpol-o, tendo de ser exposta ás variadas alternativas d'este rio, tão caprichoso e incerto. Honra ao engenheiro que a delineou e levou á execução.

Esta ponte, do systema de Schewelder, e pertencendo ao genero

das parabolicas, tem quatro vãos de 48m,4 entre os eixos dos pilares. O taboleiro, cuja largura livre para o transito, incluindo os passeios lateraes, é de 6m, acha-se 12m acima do plano de estiagem, e 5m superior ás maximas cheias.

Os encontros e pilares, de optima cantaria das pedreiras de Bordalo, estão perfeitamente obrados e acabados, e aquelles, pela sua simplicidade e singeleza, apresentam uma apparencia muito agradavel.

A estructura e armação da ponte não offerece, aos olhos escrupulosos da arte, um aspecto irreprehensivel e completamente satisfactorio; mas a necessidade de aproveitar dois tramos de ferro, destinados á ponte da Regua, e que alli não tinham podido ser empregados, determinou a adopção d'aquelle systema, aliás muito economico, racional e de reconhecidas vantagens.

Foi esta obra começada em maio de 1871, e terminada dois annos depois, sendo aberta á circulação publica no dia 13 de julho de 1873.

Previamente nomeara o Governo uma commissão composta do distincto engenheiro José Victorino Damasio, e dos directores das obras publicas do districto de Vizeu e do Mondego e barra da Figueira, a fim de proceder ás provas d'aquella ponte, para saber-se se estaria nas condições de ser aberta ao transito publico. De mais sabiam todos que a obra sahiria triumphante d'aquellas provas, e de garantia lhes era o credito do engenheiro que a havia edificado. Fizeram-se porém as experiencias, e, durante cinco dias consecutivos, não deixou a ponte de ser submettida a diversas provas, apresentando sempre resultados completamente satisfactorios, tanto para as provas staticas, como para as dynamicas. Com o emprego de instrumentos muito curiosos, e por processos de analyse muito simples, mas exactos, achou-se que a maior flecha, apresentada pelos diversos tramos da ponte, fôra de 16 millimetros, ao centro, quando sobrecarregado cada um com a carga addicional de 100:672 kilogrammas, o que, juncto ao proprio peso do ferro e madeira do taboleiro, elevava o peso de cada tramo a mais de 200 toneladas metricas. A flecha de cada tramo não chegava pois a $^1/_{3000}$ do seu comprimento. A carga movel de 4 a 5 toneladas apenas produzia uma flecha, que pouco excedia 2 millimetros.

No dia 13 de julho de 1873 fez-se pois a inauguração solemne d'aquella ponte, e começou desde esse dia a ser satisfeita uma das mais instantes necessidades da provincia da Beira, deixando de continuar interrompida uma das mais importantes estradas do paiz.

Esta obra, que entre nós póde considerar-se monumental, custou apenas 95:553$305 réis, incluindo o custo do ferro, que foi de

32:831$225 réis, e o de todos os apparelhos, machinas e diversas madeiras, que sobraram da construcção, e cujo valor não póde reputar-se inferior a 5:000$000 réis.

Coube primeiro á commissão, que effectuou as provas da ponte, render devidas homenagens ao illustre engenheiro, que a construira, o sr. Heitor de Macedo, a cuja pericia e zelo fôra especialmente devido o bom acabamento e a economia da realisação d'esta obra; e o Governo, em portaria de 18 de julho de 1873, prestou a devida justiça áquelle engenheiro, louvando a intelligencia e o bom acerto com que fôra executada uma obra, que, honrando o seu auctor, não honrava menos o paiz.

Adolpho Loureiro.

ENGLISH LOVE

Tu, só tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa...

Camões.

CAPITULO PRIMEIRO

Preambulo

Amor inglez o que será? E o que será amor?... Será mistér decifrar o segundo para melhor se entender o primeiro?... A resposta d'estas perguntas não póde ser prompta nem facil.

Houve poeta que, apontando para um amor, amor alado e vendado, dizia: «eis o teu mestre; foi, é, ou ha de sel-o.» Tem por isso o deus eschola aberta e discipulos sem conta; e não podia por conseguinte deixar de ser tambem inglez.

As mulheres de Byron não explicam a excentricidade d'este amor, assim como as de Paulo de Kock não characterisam a garridice do amor francez. Se é que a mulher póde servir de padrão para se aferir o amor...

Para mim só os contos das mil e uma noites despertam a ideia da paixão britannica. E não pareça inverosimil que o oriente, o fogoso oriente, possa reflectir a imagem do amor do norte... O amor é sempre amor, sempre fogo. As neves boreaes não lhe apagam o facho. Este facho não é luz, porque não alumía mas cega; é sim fogueira de immensa labareda e espesso fumo; e o vento, ainda que frio e penetrante, alimenta e atiça a fogueira. O in-

verno tambem é gelado, e é a estação em que melhor lembra o amor... O mar é desabrido, e nas praias melhor se armam as suas redes. Não ha asperezas nem branduras que não soffram o seu influxo;

.... quem póde livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente?...

Ora nos contos orientaes aquelle sultão, ou califa, que degolava as mulheres para variar as sensações, resente-se, e muito, d'aquelle Henrique VIII de conjucida memoria, que fez até por amor... inglez uma revolução religiosa na illustre Albion...

Estes amores decapitantes, quer do oriente, quer do norte, têm sido o descredito de paixão tão sublime. E esta proposição é demonstrada pela historia, que é a mestra da vida e por tanto tambem do amor, que segundo parece é o motor da vida.

Senão vejamos. O que nos dá o oriente na terra?... o que nos promette no céo?... Na poetica bahia do Bosphoro reflectem-se sem duvida as cupolas dos serralhos da voluptuosa Stambul; e no seu firmamento, limpido e azul, miram os crentes outros serralhos, que lhes promettem os seus livros. Mulheres na terra, houris no céo! isto é, acolá luxuria — aqui volupia, sensualidade em tudo. Nos seus bazares abundam mulheres ás rebatinhas para quem mais dér; nos seus paraisos atropellam-se as houris ás rebanhadas para quem mais merecer!

Nestes paizes d'oiro tem o amor setas de chumbo e azas de moscardo. E perdeu até a venda, que é o attributo da sua divindade, porque com ella não vê o lodo em que se atolam as almas, sendo por isso que nunca deixou de ser menino com as graças adoraveis da primeira infancia. Não podendo alli ser amor, e não crescendo na craveira, tornou-se um anão, um bobo ridiculo, um infimo pelotiqueiro...

Na Inglaterra o amor é excentrico; soffre da molestia do paiz, do *spleen*. Podemos chamar-lhe amor parrana. É ver a historia dos doze cantada pelo Camões, e digam-nos se não é curiosa a nação onde as mulheres não encontram quem por seu respeito vá terçar as armas num torneio! E isto na edade media, na epocha da cavallaria andante, e quando em Portugal havia alas de namorados, e em todo o mundo se levantavam altares á formosura!... Não ha desculpa para estes dislates, que não abonam um paiz onde os reis degolam as esposas e os nobres insultam as damas.

Todavia o inglez tambem queima incenso nas azas de Gnido, e arrasta a aza ás bellezas da sua ilha. O amor dispara por aqui bastantes frechadas, mas as fumaradas do carvão de pedra frustram-lhe muitos tiros, e as settas embotam-se frequentemente nos barris de cerveja, cuja sombra illude o deus alado. Onde a atmo-

sphera é sempre espessa e carregada póde facilmente tomar-se a nuvem por Juno...

Para mostrar o que é o amor inglez, inglez lidimo e sem mistura, vou tomar d'um livro antigo uma historia d'amor... amputado. Ora escutem:

A. A.

ZOOLOGIA POPULAR

Animaes domesticos

I

A verdadeira domesticidade dos animaes differe da sujeição e captiveiro. O animal captivo é como o prisioneiro prestes a conquistar a liberdade na primeira occasião favoravel que se lhe offerece. O animal sujeito ou domado é como o escravo, reduzido a este estado desde a infancia, que acceita pacificamente o habito da sujeição, e que vive talvez sem esperanças e sem desejos de recuperar a liberdade. A sujeição e captiveiro referem-se a individuos; a domesticidade refere-se sempre á especie.

As especies domesticas trocaram o estado livre e selvagem pela tutela e protecção do homem. Vivendo juncto de nós, prestam-nos os seus serviços, as suas forças e os seus productos; e por esta subordinação á nossa vontade e aos nossos desejos, velamos sollicitos pela sua alimentação, pela sua educação, pela sua saude e pela conservação da sua familia. Os animaes domesticos transmittem aos filhos as suas fórmas, o seu character, a docilidade da sua submissão, e todos os dotes adquiridos pela domesticidade. Por este meio perpetuam-se através de muitas gerações os grandes beneficios, que characterisam esta util conquista, realisada pela intelligencia do homem sobre os animaes selvagens.

II

Os animaes domesticos são os agentes indispensaveis da riqueza das nações. Ninguem desconhece os utilissimos serviços, que elles prestam ás maiores necessidades da vida e da civilisação. São elles um dos maiores sustentaculos da granja rural, os companheiros fieis e incansaveis auxiliares do lavrador, os

agentes e motores indispensaveis do trabalho, as machinas vivas dos adubos da terra e dos productos mais preciosos da industria.

Pela natureza dos serviços que prestam os animaes domesticos podem classificar-se em cinco grupos: auxiliares, alimentares, industriaes, medicinaes, e accessorios ou de ornamento. Em qualquer d'estas categorias são immensas as riquezas que lhes devemos. Basta citar as necessidades da viação e da agricultura, a nossa defeza, a nossa alimentação, o nosso vestuario, o curativo de nossas enfermidades. Que industrias opulentas os lanificios e a seda! Que valores fabulosos creados todos os annos pela arte venatoria, pelas pescarias, pela cera, mel, pelles, e materias colorantes!

O que sería o genero humano sem a intervenção dos animaes domesticos? A civilisação não teria realisado tantos gozos e beneficios para o homem, sem o auxilio efficaz d'esses agentes e motores animados. Nas primeiras edades da vida social, a creação dos animaes constituiu a principal e quasi exclusiva riqueza do homem. O primeiro signal representativo de valores, o cunho da primeira moeda metallica, foi a effigie dos animaes. As primeiras offertas, que os povos antigos depunham nos altares em honra dos seus Deuses, consistiam ainda nos animaes, porque eram considerados como os objectos mais preciosos que se podiam sacrificar. Alguns até foram adorados como divindades, como foi o boi *Apis* entre os egypcios. A maxima importancia que o povo romano ligava aos animaes, tanto nos trabalhos da paz como nos da guerra, revela-se bem nos termos *jumenta* e *pecunia,* o primeiro derivado da palavra latina *juvare,* ajudar, e o segundo que significava dinheiro, derivado de *pecus,* com que designavam toda a especie de gados.

Actualmente, nos paizes mais civilisados, as associações protectoras dos animaes, as sociedades de acclimação, os jardins zoologicos, as viagens e explorações geographicas, tudo é assiduamente empregado para aperfeiçoar e engrandecer o dominio das riquezas zoologicas. Póde até certo ponto aferir-se hoje o estado florescente d'uma nação, e o grau da sua prosperidade, pelo estado da sua industria pecuaria. Um paiz pobre de gados não póde produzir carne nem pão com abundancia, e as consequencias infalliveis d'este estado são gravissimos males para a subsistencia publica, para o accrescimo da população, e para os maiores interesses da sociedade. Uma agricultura, que não sabe produzir nem carne, nem cavallos de guerra para a defesa territorial, está em completa discordancia. Passa hoje como um preceito de economia social e agricola que um paiz sem gados é um paiz escravo do extrangeiro, em quanto á riqueza, e ainda escravo em quanto ás forças.

III

Estudemos agora a theoria da domesticidade.

São realmente admiraveis os esforços, que o homem tem feito para converter animaes selvagens em instrumento de suas necessidades e de seus prazeres.

Não consegue o homem tornar aves de rapina, como o falcão e o gerifalte, agentes doceis e companheiros fieis no exercicio da caça? A historia da falcoaria é uma das mais curiosas da Historia Natural. O elephante, este animal de fórmas colossaes e de força herculea, não é para o indio, e para o indigena do norte da Africa um agente de transporte e de locomoção, tão docil e tão preciso como o cavallo mais bem ensinado? Não foi na antiguidade, e não é ainda hoje em muita parte, para aquelles povos, um alliado e um auxiliar poderoso, tanto na paz como na guerra? Não fala a historia romana de carros triumphaes puchados por leões e pantheras nas solemnidades mais pomposas do povo-rei?

Estes e muitos outros factos provam a immensa influencia do homem para sujeitar, domar e amansar os animaes. No dominio da domesticidade propriamente dicta não são menos eloquentes os factos.

O cavallo é o animal mais bello, mais nobre, mais brioso e mais util que se conhece. Como agente auxiliar de locomoção não ha machina viva que lhe dispute a primazia. — É tambem um poderoso instrumento de guerra; symbolo e agente d'ella, tem decidido as mais encarniçadas lutas, empenhando-se, batendo-se e morrendo cheio de coragem no campo da batalha. — É instrumento de defesa e independencia dos estados, porque a sua força bellicosa conjuncta com a do homem cria uma resistencia, que reage imperiosa contra a aggressão dos invasores.

Que animal concorre mais para o lustre, para a pompa, para os prazeres e regalos da vaidade humana? — De que intelligencia, apurada pelo ensino e pela educação, é susceptivel o cavallo! — Nas luctas do hypodromo é o brio e o temor da humilhação que lhe incita o animo, e lhe dá azas para voar em busca do triumpho. — Exceptuando o cão, que animal tem dado maiores provas de affecto e dedicação pelo homem?

O cão é outro exemplo notavel das conquistas e poder do homem na domesticidade. Que numero infinito de raças e sub-raças tem dado esta especie? Além das mudanças physicas e variadas aptidões, que characterisam as diversas raças de cães, que animal póde haver mais docil e intelligente? Basta dizer que o cão é o animal, que mais directa e intimamente toma parte nos prazeres

e dores do homem. Que scenas verdadeiramente patheticas nobilitam a historia d'este animal! Depois da sua eloquente biographia escripta por Buffon, nada se póde dizer que seja mais bello e sublime.

No boi, no carneiro, na cabra, no porco, nas gallinhas, etc., não são menos notaveis as modificações até no numero e disposição dos orgãos. Aves sem crista e sem conix; carneiros sem cauda apparente; que variedade no feitio e grandeza das orelhas! raças de cães com dois narizes! até o numero de dentes, de vertebras, e de costellas tambem tem variado consideravelmente.

Não vemos nós em todos estes exemplos a mão do homem transformando e conseguindo, por assim dizer, uma nova criação de individuos que a natureza lhe offerecia como criaturas indifferentes e hostis, e tornando-os seus escravos, seus companheiros e seus amigos! — Não consegue o homem augmentar, diminuir e modificar á sua vontade os orgãos dos animaes, transformando profundamente a sua natureza organica e funccional?...

J. A. Simões de Carvalho.

BIBLIOGRAPHIA

João Sanches de Baena — mais um nome para ser inscripto no catalogo dos restauradores da independencia de Portugal em 1640 — memoria escripta.... por Innocencio Francisco da Silva.

O folheto que temos á vista suggere-nos muitas e variadas reflexões. A data memoravel de 1640 recorda entre muitos os serviços que a Serenissima Casa de Bragança tem feito ao paiz; o nome do auctor os que este benemerito cidadão tem prestado á nossa litteratura; o titulo da obra indica que a posteridade é sempre justa, e salva do olvido os que dignamente se assignalaram por acções gloriosas.

Esta synthese singela é sufficiente para indicar o merecimento relevante d'este trabalho litterario do illustre Auctor do *Diccionario Bibliographico.*

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CONVENTO DO BUSSACO

Quando a provincia dos Carmelitas Descalços de Portugal se deliberou a fundar um eremiterio onde os seus religiosos podessem observar alternadamente a vida cenobitica e a eremitica, achou grande difficuldade em encontrar sitio apropriado para este intento. Á falta de outro logar, tinha assentado em fundar o seu deserto na serra de Cintra, apezar de lhe reconhecer graves inconvenientes, sendo um dos principaes a visinhança de Lisboa, que fazia de Cintra «Côrte na aldêa, povoado de quintas, conventos, paços reaes: o que tudo servia mais para casa de recreação e regalo, qual em seu retiro buscavam os reis e grandes de Portugal, que para casa de compuncção, penitencia e soledade, qual os Carmelitas de Portugal deviam pretender, e solicitar como bons ermitães.» (1).

Indo fr. Angelo de S. Domingos, reitor do collegio de Coimbra, visitar o bispo d'esta cidade, D. João Manuel, no decurso da practica veio a falar-lhe nos intentos que tinha a provincia de fundar uma casa de deserto neste reino. Referiu-lhe que se haviam buscado varios logares, e informou-o de que finalmente se approvara o de Cintra, apezar dos inconvenientes já apontados. Disse então o illustre prelado ao padre reitor: *Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras, a que chamam Bussaco: se ao padre provincial lhe parecera mandal-as ver, e foram de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á Religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande ver, que poderá ser lhe sirvam, e se evitem com maiores conveniencias os reboliços da serra de Cintra.*

Agradeceu o padre reitor tão generoso offerecimento; e ao padre provincial, que andava na visita das casas do Minho, informou logo do que havia passado com o bispo conde.

Examinada a serra do Bussaco pelo padre reitor do collegio de Coimbra e depois pelo provincial da ordem, acharam que era logar apropriadissimo para o designio, e resolveram fundar ali o eremiterio.

Dados os agradecimentos ao bispo conde, tractou este logo de reduzir a doação do Bussaco a publica-fórma. Como, porém, não podia alhear esta propriedade sem que primeiro incorporasse nos bens da mitra mais util compensação, teve para isso de mandar proceder á louvação do Bussaco, que, observadas todas as solemnidades de direito, foi avaliado em *cento e oitenta mil réis* (!) *por ser infructifero, e de pouco rendimento.*

(1) *Chronica dos Carmelitas Descalços*, tomo II, pag. 59.

Vencidas algumas contradicções e difficuldades, que ainda se oppozeram á fundação, tractaram logo os frades de edificar no centro da matta o seu convento, sendo escolhidos para este effeito fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto. Partiram estes religiosos de Aveiro a 29 de junho de 1628, levando apenas comsigo um cobertor cada um para a cama, uma canastra de sardinhas para a mesa, e dez cruzados para o começo da obra. Hospedaram-se em Luso; e a 25 de julho lhes sobrevieram mais tres companheiros: fr. Antonio do Espirito Sancto, fr. Bento dos Martyres e o irmão Antonio das Chagas, official de alvenaria.

Lançaram a primeira pedra do convento a 7 de agosto, e, proseguindo incançaveis na obra do edificio, já em 28 de fevereiro de 1629 poderam adorar o SS. Sacramento na casa da livraria, de que fizeram egreja provisoria.

Foram as obras progredindo; e, havendo-se junctado aos religiosos mais alguns companheiros, sendo ao todo doze, deu-se começo á regularidade eremitica no dia 19 de março de 1630.

Ajudados grandemente por piedosos bemfeitores, tiveram os religiosos os meios necessarios para outras obras de importancia, com que, passados pouco annos, se viu ennobrecido o seu eremiterio. A matta foi murada na circumferencia de perto de quatro kilometros; abriram-se extensas ruas, edificaram-se devotas ermidas e capellinhas, construiram-se vistosas fontes.

Agora só fallaremos do convento, representado na photographia juncta.

O convento do Bussaco está situado quasi no centro da matta.

No fim da avenida principal encontra-se um atrio quadrilongo, ladeado de assentos, onde no meio se eleva uma grande cruz de cantaria sobre peanha de quatro degráus de granito rude. Antigos e corpolentos cedros, formosos buxos e outras arvores de engraçada folhagem o assombram em parte. Para este atrio é que lança o frontispicio do convento, de maior devoção que fachada, no dizer do chronista.

O convento é edificio vasto e espaçoso no seu todo; as officinas, porém, e mais partes de que se compõe, são acanhadas e humildes, e fabricadas de materiaes rudes e toscos. A arte de Vitruvio e de Vignola não ostenta aqui os seus primores. As cantarias são apparelhadas a picão, tendo apenas alguns frisos de escopro, e sendo em muitos sitios substituidas por granito bruto. As portas, os moveis, os tectos, tudo é forrado de rugosa cortiça. Suave melancolia se nos insinua no espirito, quando percorremos aquelles corredores estreitos e sombrios, aquelles aposentos de tocante singeleza e de extrema humildade.

A frontaria do edificio compõe-se de um lanço de parede, não muito alto, forrado de mosaico: neste lanço abrem-se tres arcos

estreitos e esguios, o do meio um pouco mais alto que os dos lados. Por cima d'este, numa pedra branca, lê-se a data de 1628.

Estes arcos, para os quaes se sobe por alguns degráus, dão entrada para um pequeno zagão quadrado, calçado de seixos e ladeado de assentos; as paredes são forradas de cascalho, e o tecto de cortiça. Nos angulos da frente estão dois calvarios com cruzes tambem de cortiça. Na parede do fundo abre-se uma porta, cujas hombreiras e verga são de granito grosseiro e quasi sem talho; por cima está uma taboa embebida, com esta legenda:

VERE DOMINVS EST IN LOCO ISTO
NON EST HIC ALIVD NISI DOMVS DEI
ET PORTA CÆLI.

Por esta porta passa-se a uma pequena casa, pouco alumiada, na qual, á direita de quem entra, se encontram umas grades de sobro, que deixam ver uma capellinha onde se venera o *Ecce Homo*, e á esquerda uma grande cruz branca pintada a fresco. Na frente outra porta, mais humilde que a primeira, dá communicação para o lanço SN do claustro, no qual se vê em correspondencia, e encostada á parede, uma cruz com as escadas e varios instrumentos da paixão, e que já teve uma caveira juncto da base.

Antes de penetrar no claustro, devem notar-se as pinturas que ficam por cima e aos lados da porta. A superior representa um condemnado, entre chammas e picado de viboras. Tem o seguinte letreiro, tirado de Isaias XXXIII, 14:

QVIS HABITABIT EX VOBIS CVM ARDORIBVS SEMPITERNIS.

As pinturas dos lados são em madeira e molduradas em cortiça. Ha quem as attribua ao Grão Vasco, com o que nos parece fazer-se grave injuria ao auctor ou eschola assim denominada. Todavia, apezar de graves defeitos, nem por isso as achamos destituidas de merecimento. Representam dois carmelitas venerandos, já adiantados em annos, involvidos em seus habitos de grosseiro borel, pallidos ambos e abatidos, como quem usa macerar-se com vigilias e penitencias. Um, com a fronte embuçada no capuz, e com os olhos fitos com expressão intimativa nos do observador, tem na mão esquerda um livro, e com dois dedos da direita está cerrando a bocca.

O outro, com a cabeça descoberta, calvo, olhos no chão, e abraçado a uma cruz, mostra na sua attitude e physionomia expressiva que está immerso em cogitar profundo e doloroso.

Estas duas figuras são como que os indicios mysteriosos dos principaes preceitos impostos aos antigos moradores d'aquelle ermo: silencio, oração, meditação e penitencia.

A primeira tem por baixo este letreiro:

SEDEBIT SOLITARIVS, ET TACEBIT, QVIA LEVAVIT SE SVPER SE.

A segunda este:

ARCTA EST VIA, QVÆ DVCIT AD VITAM.
MATH., cap. 7, v. 14.

Passada esta casa, segue-se o claustro, que é um corredor de quatro lanços, acanhado e sombrio como todo o edificio.

O seu aspecto torna-se ainda muito mais grave e tetrico pelas pinturas, molduradas em cortiça, que pendem das paredes, representando varios sanctos, bemfeitores da casa e religiosos carmelitas, com instrumentos de penitencia e sentenciosas maximas.

O refeitorio é uma casa espaçosa, mais comprida que larga, e muito mais alta que as outras officinas do convento, mas, tambem como ellas, forrado de cortiça e fracamente alumiado.

A casa da livraria fica em pavimento superior. Os volumes de que se compunha, quasi todos foram doados aos religiosos pelo bispo conde D. Joanne Mendes de Tavora. Ainda se conservam nella algumas obras de merecimento.

A hospedaria occupa o angulo norte do convento; é hoje residencia do capellão administrador da matta. O visitante curioso folgará de ver nesta casa o quarto onde Lord Wellington se hospedou e teve seu quartel general por occasião da batalha do Bussaco.

A egreja, pobrissima de architectura, não desdiz da extrema humildade que se nota por todo o cenobio.

Não se vêem nenhuns ornamentos luxuosos; ouro, prata, sedas, alfaias preciosas, nada d'isto era permittido pelo estatuto da ordem; mas, apezar de toda a sua parcimonia e singeleza, é extremamente devota, e convida á piedade e recolhimento.

Tem a egreja quatro altares: o altar-mór, onde se venera Christo crucificado, orago do mosteiro, dois lateraes com as imagens de S. José e de Sancta Theresa, e outro de Nossa Senhora do Carmo situado na frente do côro e encostado ás grades que o separam do resto do templo. O côro occupa o topo da egreja em correspondencia com o altar-mór, e está apenas levantado do pavimento geral a altura de dois degráus.

No fundo do côro, e fronteiro ao altar de Nossa Senhora do Carmo, ha um curioso presepio.

Os vãos dos altares, resguardados por grandes vidros em vez de frontaes, estão occupados por figuras e imagens de vulto representando: o enterro do Senhor, no altar-mór; a morte de S. José, no do lado do Evangelho; a de Sancta Theresa, no da Epistola; e a de Nossa Senhora, no do côro.

Pelas paredes do templo vêem-se alguns quadros de pinturas a oleo, mas absolutamente destituidas de merecimento artistico.

O que ha mais notavel nesta egreja são os bustos de S. Pedro e de Sancta Maria Magdalena, collocados em frente um do outro, aos lados do altar-mór. Estes bustos admiraveis são verdadeiros primores d'arte, duas preciosidades de valor inestimavel. Suas fórmas são de tanta naturalidade e perfeição, suas feições tão expressivas, que deixam extatico o observador causando-lhe a mais arrebatadora impressão.

S. Pedro é representado no momento solemne em que está immerso em dôr acerbissima por haver negado o Divino Mestre. O *flevit amare* da Escriptura acha-se admiravelmente representado na primorosa imagem. Os olhos embaciados e como que achando difficuldade em verter as poucas lagrimas que rolam pelas faces enrugadas e contrahidas pela dôr, as mãos apertadas com vehemencia uma na outra, o peito anciado e arquejante, o rosto angustiado, afflictivo e levantado para o céo, tudo exprime vivamente o profundissimo pezar do apostolo quando conheceu que quebrára a sua fidelidade ao Divino Mestre.

O busto de Sancta Maria Magdalena representa uma mulher joven, extremamente bella, de cabellos louros, desleixadamente cahidos sobre os hombros, tendo numa das mãos um livro, em cuja leitura emprega toda a attenção, e a outra achegada ao peito significando compungimento. A expressão do semblante tambem representa a Sancta, como S. Pedro, possuida de dôr intensa, porém já resignada e como que achando allivio nas lagrimas abundantes que lhe manam dos olhos formosissimos. É fascinador aquelle rosto, em que tão bem se exprime não só o arrependimento da mulher que conheceu e quer reparar seus erros, mas ao mesmo tempo a esperança do perdão pela penitencia.

No pavimento do côro foi sepultado o bispo conde D. João de Mello, insigne bemfeitor do Bussaco. O epitaphio, que se vê gravado sobre a sua sepultura, é pelo seu estylo um monumento epigraphico de muita curiosidade.

A. M. Simões de Castro.

ENGLISH LOVE

CAPITULO SEGUNDO

Amputação

O facto que vamos referir, singelo mas extraordinario, succedeu na cidade de Calais e pelo outomno de 1782.

Calais, como sabemos todos, é uma cidade da França á beira

do estreito que tem o seu nome. É pequena e buliçosa, mas não pequena como uma *miss* nem buliçosa como uma *grisette*, ou *fashionable* e *coquette* como ambas; é sim uma cidade antiga e respeitavel, sem ser velha comtudo, porque ostenta ainda compleição robusta e sadia. E no espelho das ondas, onde perpetuamente se remira, parece que tem o cuidado de alisar e disfarçar uma ou outra ruga mais rebelde que lhe enturve a fronte senil. Virgilio, se a tivesse conhecido, tomal-a-ia por Cybele pelo seu diadema de torres e baluartes; e o antigo francez, se a cantasse, lembraria Joanna d'Arc vestida de guerreiro como a Minerva da fabula.

Já se vê que esta cidade é de casca grossa pela sua cinta de fortificações, e logar azado para grandes feitos e acções varonis, como a d'esta nossa muito veridica narração.

Calais tem a Inglaterra em frente, e é famosa por este motivo. Muito poderiamos dizer da sua historia, se fosse nosso fito avivar as letras do seu brazão glorioso. Basta porém saber que esta vizinhança a torna hoje mais um laço do que uma muralha entre os dois paizes. É franceza e ingleza, franceza d'alma e ingleza de character; falla ambas as linguas; bebe a cerveja do Tamisa e delicia-se com o vinho de Borgonha.

O que é Calais, collocada entre duas nacionalidades tão distinctas, entender-se-ha melhor d'esta phrase energica, que nos fins do seculo passado um escriptor francez dirigiu á nobre Albion através das aguas do seu estreito: *Prospérité pour vous, côtes habités par un peuple sage. Nous sommes devenus romains, et vous n'êtes plus pour nous Carthage!*

Ora nesta cidade de Calais habitava o cirurgião Luiz Thevenet, o qual certa tarde recebeu convite anonymo para ir no dia seguinte a uma casa de campo pouco distante, recommendando-se-lhe sobre tudo que levasse os instrumentos precisos para uma amputação. A fama de Thevenet era excellente, pois era reputado como habilissimo operador, e fôra até por muitas vezes a Inglaterra em serviço da sua arte. Tinha sido cirurgião do exercito, e da convivencia rude da tarimba se repassara o seu tracto, que era aspero e de pouca delicadeza. Entretanto a bondade ingenita do seu coração o tornara geralmente estimado.

Admirou-se Thevenet um pouco do bilhete; local, hora e instrumentos nada esquecera, faltava só a assignatura. Pensando que fosse alguma sensaboria para lhe fazerem dar um passeio inutil e divertirem-se á sua custa, entendeu que era melhor não ir, e não foi.

Passaram-se mais tres dias, e novo convite mais energico instava de novo com elle. Diziam-lhe que viria um carro buscal-o e que fosse sem falta.

No dia immediato um carro elegante parava á sua porta, e Thevenet sem mais hesitação metteu-se dentro e partiu.

Fóra das barreiras perguntou ao boleeiro:

— Para onde vamos?

— *Things unknowen to me; I am not concerned for.*

Isto significa pouco mais ou menos: *Eu não sei, e por isso não lh'o posso dizer.*

— Pateta! replicou o cirurgião.

O carro parou por fim diante d'uma casa de campo, perfeitamente solitaria.

— Onde estamos? quem mora aqui? quem está doente? perguntou Thevenet antes de descer.

Teve a mesma resposta, com o que nada adiantou. Ao liminar da porta o veio receber um mancebo dos seus vinte e oito annos, que o conduziu á sala. Pela accentuação adivinhava-se que era inglez. Thevenet, que estava impaciente, encetou o dialogo.

— Foi o senhor que me mandou chamar?

— Sim, senhor, lhe respondeu o desconhecido, e agradeço-lhe muito a sua condescendencia, sr. Thevenet. Mas peço-lhe que descance primeiro. Aqui tem chocolate, café e vinhos; tome alguma cousa antes da operação.

— Vejamos antes de tudo o doente. É preciso examinar o mal e ver se a operação é urgente.

— Não ha pressa nenhuma, senhor. Sente-se alguns instantes. Confio em si, e portanto oiça-me. Aqui tem uma bolsa com cem guinéos; é sua. E se a operação for feliz, mais largo será o meu reconhecimento. Todavia, se recusar... vê estas pistolas?... o diabo me leve se o não atravesso com ellas.

— As suas pistolas não me assustam; mas seja claro e diga o que quer. O que deseja que eu faça?...

— O sr. Thevenet vai cortar-me a perna direita.

— Ora essa! tanto espalhafato para nada! Com mil vontades, e até o pescoço se assim o manda; é pedir por bocca. Comtudo, se me não engano, a sua perna meche-se bem e está em bom estado, perfeitamente sã. Ainda agora o senhor subia a escada tão ligeiro como um dançarino de corda. Então o que falta á perna?

— Nada; quero ver-me livre d'ella.

— Então vejo que está doido de certo. Isso é um disparate. Que peccado commetteu a pobre perna para tal mutilação?

— Nenhum; mas de certo o sr. Thevenet não intenta contrariar-me...

— Ora, meu senhor, é necessario juizo. Eu não o conheço, não sei quem é. Estas coisas não se fazem assim, e eu não posso condescender com doidos sem me tornar peior do que elles.

— Quer cortar-me a perna ou não, sr. Thevenet?...

— Sem hesitação nenhuma, logo que me dê razões seguras para eu fazer esta operação.

— Não posso agora declarar-lhe a verdade... Um dia talvez lh'o diga... E então será o senhor mesmo, apósto quanto quizer, que approvará os nobres motivos que me levam a privar-me d'esta perna.

— Eu não apósto nada, nem faço nada sem que o senhor primeiro me diga o seu nome, habitação, familia e modo de vida.

— Sabel-o-ha mais tarde, mas hoje não. Creia porém que sou um homem honrado.

— Um homem honrado, senhor, não ameaça o seu medico com pistolas. Ainda que o não conheça e me seja indifferente a sua pessoa, tenho obrigações moraes que cumprir para com a minha consciencia, e estas são muito fortes. Não o amputarei por isso sem necessidade. E se deseja ser assassino e matar um pae de familia que lhe não fez mal nenhum, póde atirar...

— Bem, sr. Thevenet, replicou o inglez, tomando uma pistola; não dispararei, mas vou obrigal-o a cortar-me a perna. O que me não faz por favor, nem por dinheiro, nem por medo d'uma bala, fal-o-ha com certeza por piedade.

— Como assim?!...

— Vou esmigalhar a perna com um tiro, immediatamente e á sua vista.

O inglez sentou-se e applicou a bocca da arma á junctura do joelho. Thevenet accudiu a suspendel-o.

— Nem mais um passo, senhor, não se chegue que descarrego. Agora só uma palavra: Quer augmentar e prolongar inutilmente os meus soffrimentos?...

— O senhor é um tolo, mas faço-lhe a vontade. Vou cortar-lhe a perna...

Em pouco tempo se dispoz tudo para a operação. No momento em que devia começar-se o trabalho, o inglez accendeu o seu cachimbo com fleugma imperturbavel, tão insensivel como se ignorasse o que se passava. Não dizia palavra; e já a perna amputada jazia no chão, e ainda fumava com admiravel tranquillidade.

Thevenet fez a operação com pericia de mestre, e em pouco tempo o doente se achou convalescido. Todos os dias agradecia ao seu medico com palavras de entranhado affecto, e chorava de alegria por se ver desembaraçado da perna.

A final partiu para Inglaterra.

A. A.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

THEATRO DA FIGUEIRA

A Figueira da Foz é uma das villas mais importantes, senão a mais importante do paiz. Edificada juncto do ponto onde o Mondego perde com as suas aguas o seu pittoresco nome, sustenta avultado commercio nacional e extrangeiro; e não só por isto é notavel, como tambem pela regularidade de algumas ruas e praças, pelo gosto e elegancia das casas, pelo genio trabalhador e infatigavel de seus habitantes.

Accresce a estas circumstancias, sufficientes para elevar uma terra, a excellente praia que para alli convida em epochas de banhos milhares de habitantes da Beira e outras provincias do nosso Portugal; e de certo a prosperidade da Figueira é maior, e mais progressiva, desde que os banhos, gabados por todos que os frequentam, vão chamando de anno para anno maior numero de familias.

Algumas cidades merecem menos o titulo, e nisto está dicto o mais que poderiamos dizer sobre os valimentos d'esta terra.

Não é porém rica de monumentos a Figueira; nem admira. Povoação antiga, mas desenvolvida rapidamente ha poucos annos, ainda lhe faltam elementos para emprehender e levar a cabo algumas d'essas obras que dão nome a uma cidade, ou a uma villa. Comtudo o hospital é edificio de boa fabrica, e de moderna construcção; o novo caes é obra de solidez, e ao mesmo tempo de apparato, pouco vulgar nos nossos trabalhos hydraulicos das provincias, onde geralmente tudo é pobre e acanhado; e o novo bairro, levantado com muita regularidade, cheio de construcções elegantes e de fino gosto, vai dando á villa feição aristocratica que nenhuma outra ainda possue.

Um dos melhoramentos, que mais se reclamavam, era um theatro. Ao lado da eschola de instrucção primaria diz muito bem est'outra eschola de costumes, quando dirigida a reformar os corações pelos ensinamentos praticos das mais altas virtudes. E a verdade é que o theatro, apresentando em scena os vicios e as perfeições, ensina a evitar uns, e estimula a conseguir o maximo das outras. O theatro descamba muitas vezes em exemplo de deshonestidade, corruptor da familia? Não o accusemos por isso; condemnemos os homens que o desvirtuam, e reforme-se, se é mister.

Assim alguns cavalheiros da Figueira emprehenderam a fundação d'um theatro: foram os srs. Bernardo Augusto Lopes, José Augusto dos Santos Fera e Affonso Ernesto de Barros; tres cidadãos benemeritos, cujos nomes aqui deixo archivados com o tes-

timunho de muita sympathia. Constituidos em commissão, resolveram emittir acções; e, apenas reunida a somma de 3:000$000 réis, tractaram logo da edificação da obra, escolhendo local conveniente.

Primeiro foi indicado o terreno ao nascente da propriedade do sr. Mathias Joaquim Ribeiro; depois combinou-se em pedir ás côrtes uma porção de terreno publico, juncto da praça do Commercio, que foi concedida pela carta de lei de 28 de junho de 1871. Em seguida a direcção, composta dos srs. Nestorio Dias, Bernardo Augusto Lopes e José Augusto dos Santos Fera, deu principio aos trabalhos.

O distincto engenheiro, o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro, cavalheiro a quem a Figueira deve serviços relevantes, desenhou obsequiosamente o risco para o novo edificio; e a primeira pedra foi collocada no dia 18 de janeiro de 1872.

Proseguiu a obra com presteza, debaixo da direcção do sr. Adolpho, e de seu irmão, o sr. Francisco Ferreira de Loureiro. Os scenographos Barros e Villela vieram de Lisboa preparar o scenario, e effectuar os trabalhos de pintura. E no dia 8 de agosto de 1874 foi inaugurado o theatro com a representação do drama *Oppressão e Liberdade* (1).

A photographia que acompanha este numero, copia de outra tirada pelo sr. Francisco Ferreira de Loureiro, representa com a maior exactidão a vista externa do edificio, que é elegante, de bonita apparencia, e levantado com muita solidez. Revela-se alli o gosto aperfeiçoado do sr. Adolpho Loureiro; e a sua construcção faz honra aos artistas que executaram o risco.

No interior a sala do espectaculo é pequena, mas com dimensões proporcionadas á população que alli se reune durante o verão e outomno, com muitas commodidades.

A Figueira tem pois um theatro. Antes d'isso porém devia ter levantado outro edificio; mas espero que o veremos em breve — refiro-me a um templo, digno da importancia de tão prospera villa.

Silva Rocha.

(1) O custo total do edificio e mobilia, no estado em que presentemente se acha, é de 13:200$000 réis, cifra redonda.

A scenographia, incluindo pintura de tecto, linhage, conducção de Lisboa para a Figueira e mais accessorios, importou em 716$535 réis.

O panno da bocca foi pintado pelo scenographo, o sr. Gualdino Candido de Barros.

ZOOLOGIA POPULAR (1)

Animaes domesticos

IV

Reconhecendo porém a immensa influencia do homem na domesticidade, não acceitamos em todo o seu rigor a doutrina de Geoffroy Sainte-Hilaire, e já proclamada tambem por Buffon — os animaes domesticos são verdadeira obra do homem.

Se é verdadeira esta supremacia e este prodigioso poder do homem, porque não tem elle augmentado o numero dos animaes domesticos? Porque possuimos hoje o mesmo patrimonio, que os nossos maiores já possuiam ha mais de dois mil annos? Não tem progredido sempre a civilisação? Não se multiplicam todos os dias as necessidades do homem, e não exige a satisfação d'estas necessidades maior numero de agentes e de instrumentos e de forças? Porque se conserva pois estacionaria a lista dos animaes domesticos? Porque se conhecem hoje, porque emprega hoje o homem os mesmos gados, que já empregavam os gregos e romanos?

O homem não tem o poder de alterar profundamente a indole natural dos animaes; não faz mais do que aproveitar as disposições e instinctos com que a natureza os creou, e aperfeiçoar estas aptidões naturaes. Aproveitou no cão o instincto da caça, no gato o odio contra os inimigos de nossas habitações, no cavallo o dom da locomoção e todas as suas nobres e bellas qualidades, nos gados alimentares e industriaes a propensão para a engorda, para o leite, para a lã, e para todos os productos preciosos que elles nos dão.

É sabido que o homem emprega os maiores cuidados, desvelos e perseverança para sujeitar, domar e domesticar os animaes. Mas no principio da humanidade, o homem, achando-se no meio de regiões desertas e estereis, entregue a si e unicamente aos seus esforços, precisando primeiro que tudo satisfazer ás suas

(1) No artigo *Zoologia Popular — Animaes domesticos —*, em o n.º 9 d'este jornal, sahiram alguns erros que convem emendar do seguinte modo:

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
70	43	discordancia	decadencia
71	3	preciso	precioso
72	8	conix	coccyx

proprias necessidades, como podia dispensar tempo, trabalho e cuidados na domesticação dos animaes? Ha até quem acredite que a domesticidade é um estado primitivo e inicial dos animaes, e que o homem já assim os encontrou creados pela natureza na superficie do globo. Não adoptamos esta doutrina, porque não apparecem animaes domesticos nas regiões habitadas por tribus de homens selvagens; mas é certo que o homem nos tempos primitivos da sua rudeza não teve difficuldade em domesticar os animaes, porque já os encontrou com a disposição innata de acceitar a sua companhia e protecção.

Cada especie animal tem um destino e um estado natural, que a Providencia lhe assignou, e não está ao alcance do homem mudar-lh'o. A influencia do clima, do solo e dos alimentos são condições de que depende imperiosamente a vida do animal, e que o homem não póde alterar e modificar caprichosamente. São estas difficuldades quasi invenciveis, que tornam tão infructuosos tantos ensaios de acclimação. Nem as especies indigenas de paizes frios podem viver e prosperar nas regiões quentes, nem vice-versa. Os factos abundam para provar este principio; o rangifer e o camello estão neste caso; e os animaes que conseguem ser cosmopolitas, mudam completamente de typo, não podendo conservar o seu typo originario.

Muitos factos demonstram que a tendencia dos animaes para a domesticidade é uma faculdade natural, intrinseca, innata e fundamental; e que é só nas especies em que essa tendencia se revela que o homem tem procurado os seus auxiliares, companheiros e amigos. No Egypto o cão é considerado como um animal immundo e desprezivel; ninguem faz caso d'elle, e apezar d'isto o pobre e infeliz animal vive continuamente no meio das cidades e aldeias, procurando sempre a companhia e protecção do homem. Não vemos nós certas especies procurarem a vizinhança do homem, e viverem juncto de suas habitações, e outras, pelo contrario, fugirem para longe, e viverem em logares ermos, livres das vistas do homem? É da primeira classe que têm sahido os principaes animaes domesticos, e observa-se isto tanto nas aves como nos mammiferos.

A domesticidade não está na razão da influencia do homem, mas na razão da intelligencia e susceptibilidade do animal para receber a educação. O cão e o cavallo são os verdadeiros Proteus da domesticação, porque são os mais intelligentes e de instinctos mais apurados. Vejamos o contraste que offerecem outros animaes. O porco, por exemplo, conserva quasi intactas no estado domestico as suas propensões naturaes; o mesmo habito de revolver a terra, e de chafurdar e espojar-se nos atoleiros. A cabra conserva o mesmo character caprichoso e semi-selvagem, a mesma indoci-

lidade, e o mesmo amor de independencia e liberdade. O carneiro, longe de adquirir mais intelligencia, tornou-se mais estupido, e é de todos os animaes domesticos o mais rude e obtuso. O coelho vive na casa do homem quasi no mesmo estado de timidez que nos campos; abre tocas e covis, para onde foge ao mais leve ruído, como se vivesse entregue a si mesmo, sem abrigo e protecção do homem. Em que differem as abelhas domesticas das selvagens?

O instincto da sociabilidade é a condição preliminar e indispensavel da domesticidade. Todas as especies domesticas vivem em sociedade no seu estado natural, e não ha uma só especie solitaria que se tenha rigorosamente domesticado. Os meios de que o homem lança mão, para realisar a posse dos animaes, quando se applicam a especies naturalmente sociaveis, conseguem animaes domesticos, e empregados em individuos de vida solitaria só conseguem animaes domados. Os factos são concludentes, tanto nos mammiferos como nas aves. A excepção do gato nada prova contra este principio.

Este animal, por sua natureza solitario, de indole pouco sociavel, não merece verdadeiramente o titulo de animal domestico. Os dotes que o characterisam pertencem antes á panthera, ao tigre e ao leão. Se não possue instinctos tão sanguinarios, é hypocrita, ingrato, traidor, colerico, e tambem dotado de muita ferocidade. O seu character mysterioso e desconfiado, as suas garras curvas e agudas, os seus olhos habituados ás trevas, os seus saltos certeiros, a sua voz plangente, roufenha e desagradavel, a sua expressão verdadeiramente felina, a sua excitabilidade nervosa e electrica, o seu genio eminentemente irritavel, tudo concorre para tornar este animal pouco domavel á influencia do homem.

O gato vive juncto de nós, torna-se agradavel aos nossos carinhos, recebe e agradece as festas que lhe dispensamos, obedece mesmo á nossa voz, mas não basta isto para characterisar a domesticidade. No verdadeiro animal domestico, o sentimento instinctivo da convivencia e da sociabilidade desenvolve-se e aperfeiçoa-se, e os affectos e carinhos do homem são recompensados com viva gratidão e affectuosa amizade. O gato não revela estes sentimentos; habitua-se ao nosso lar domestico, affeiçoa-se á nossa companhia, mas desobedece-nos, despreza-nos, aborrece-nos e maltracta-nos á mais leve contrariedade que irrite o seu genio irascivel.

Não acreditamos pois na supremacia do homem na conquista dos animaes domesticos.

J. A. Simões de Carvalho.

A BORBOLETA

Que vens dizer-me, borboleta candida?
Porque esvoaças juncto a mim nesta hora
De luctuoso sentir?
Porque desdobras tuas azas niveas
Perto d'aquella que isolada chora
A luz do seu porvir?

Tu és formosa como a esp'rança mystica,
Que n'alma entorna feiticeira luz,
Morres na chamma que seduz magnetica;
Ella, em descrença, renegando a cruz!

És alva e linda, como o véu diaphano
Que vela, aos olhos da innocencia leda,
Do mundo a negra côr.
Tu, mais ditosa, tua vida é rapida;
E Ella, no abysmo que a desgraça enreda,
Perde o véu com horror!

Tu vôas, sobes, alvejante symbolo
D'um peito ardente que ao amor sorrí:
O ardor que o eleva — lhe fabríca o tumulo,
O fogo que amas, — te destroe a ti!

Some-te, foge, prophetisa aerea,
Vae aos felizes, que a illusão afaga,
Ser nuncia de prazer!
Visita a virgem que medita extatica;
A mim, que a sorte com dureza esmaga,
Só me fazes soffrer!

Em vão te agitas, perpassando trémula,
Como a dizer-me «boa-nova» sou.....
Mal ver-te posso; na apathia gelida,
Meu ser, minha alma de luctar cançou!

Coimbra. AMELIA JANNY.

ENGLISH LOVE

CAPITULO TERCEIRO

Cartas

Passados cinco mezes, Thevenet recebeu a carta seguinte:

«Meu caro senhor Thevenet. Remetto-lhe inclusa, como prova da minha gratidão, uma letra de 240 guineos sacada sobre o senhor Planchaud, banqueiro de Paris. V..., amputando-me um membro do corpo, que era um obstaculo á minha felicidade, tornou-me o homem mais feliz do mundo. Agora posso referir-lhe os motivos da minha extravagante phantasia, como V... lhe chamava. Ainda não ha muito tempo que V... affirmava que não podia haver motivo razoavel que justificasse esta mutilação. Propuz-lhe uma aposta; e se V... a tivesse acceitado, com certeza que a perdia. Ora eu lhe conto.

«Voltando d'uma segunda viagem que fizera á India oriental, tomei conhecimento com Emilia Harley, a mulher mais amavel que conheço, e a quem fui apresentado. A sua casa e familia convinham muito a meus paes; a mim bastava-me a sua belleza, a sua affabilidade celestial. Enfileirei-me no numero dos seus adoradores; e bem depressa fui o mais feliz para ser o mais desditoso dos meus rivaes. Parece um paradoxo, mas olhe que não é. Era amado, e amado devéras, e por causa d'este amor, que não me occultavam, fui repellido! Debalde lhe pedi com as mãos postas, debalde seus proprios paes e amigos intercediam por mim: a sua resolução foi firme, e não cedeu.

«Foi-me impossivel por muito tempo conhecer a causa d'esta repugnancia inexplicavel, porque recusava ella a minha mão amando-me com idolatria. Uma irmã me descobriu por fim este mysterio.

«Miss Harley era um prodigio de belleza, mas tinha um defeito... faltava-lhe uma perna, e receiava que por isso eu a desprezasse um dia. Tomei então uma deliberação heroica; resolvi-me á amputação da minha perna para lhe dar uma prova de dedicação extrema, a ver se assim lhe quebrava o máo proposito que concebêra. Era um ponto de similhança que lhe devia ser grato. Appellei então para a sua pericia, senhor Thevenet, e o resultado não podia ser mais satisfactorio. Voltei a Londres com uma perna de páu, e fui logo visitar a minha adorada miss. Ella estava prevenida, e eu mesmo lhe escrevêra a dizer-lhe que que-

brára a perna com uma quéda do cavallo, sendo necessaria a amputação. Emilia desmaiou qnando me viu da primeira vez, ficou inconsolavel por muito tempo, mas por fim... hoje é minha mulher!

«No dia immediato ás nossas nupcias confiei-lhe o segredo do sacrificio que me custára a sua posse; e redobrou a sua ternura. Oh! meu caro Thevenet, V... não imagina a minha felicidade! Se tivesse dez pernas, todas eram poucas para as offerecer em holocausto á minha Emilia. Em quanto for vivo, nunca esquecerei o muito que lhe devo, meu querido senhor. Venha até Londres, venha fazer-nos uma visita e conhecer a minha esposa. Depois me dirá se eu estava louco. — Carlos Temple.»

Thevenet contou a anecdota e mostrou a carta aos seus amigos. Ria-se a bandeiras despregadas, e de cada vez que a referia accrescentava sempre: «E que tal está o tolo!» Eis a resposta que deu á carta do inglez:

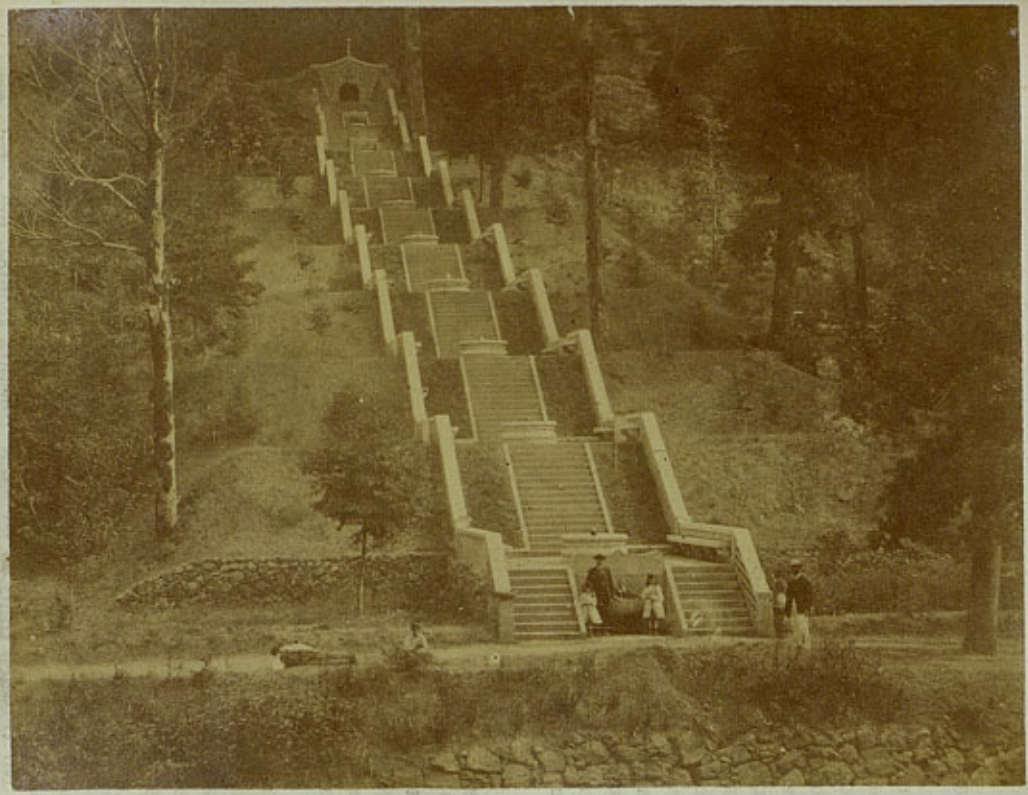
«Senhor. Agradeço-lhe muito o seu rico presente; e desculpe-me chamar assim á sua offerta, porque não posso consideral-a como pagamento do pouco trabalho que tive. Desejo-lhe infinitas felicidades na companhia da sua consorte! Acho durissimo, confesso com franqueza, jogar uma perna contra uma mulher, embora seja formosa como Helena, que incendiou Troia. Entretanto ainda lhe fica barato, se por fim de contas não vier o arrependimento irremediavel. Adão pagou tambem com uma costella a posse de sua mulher.

«Comtudo sustento ainda a minha opinião, ainda mesmo com risco de lhe desagradar. V... talvez tenha razão... hoje; mas ámanhã... duvido; aguardemos portanto pelo futuro. Em pouco tempo, dentro de dois annos, arrepender-se-ha V... por ter cortado a perna pelo joelho, e lembrar-se-ha com pena de que as duas se combinavam perfeitamente. Ao cabo de tres annos ha de achar que a perda do pé teria sido bastante; mais tarde será um dedo; e depois, meu caro senhor, talvez que nem o sacrificio das unhas lhe venha a agradar! Mas o que está feito não tem remedio, e V... ha de gemer com a sua desgraçada amputação!

«N'isto que digo não se involve a mais leve censura a sua graciosa esposa; as mulheres podem conservar firmes os seus encantos e virtudes como um homem as suas opiniões. Quando fui moço paguei tambem meu tributo ás travessuras do amor, mas nunca degeneraram em tragedia. Atormentei o espirito, talvez o coração... mas não martyrisei o corpo. Amava devéras a minha amada; mas não lhe sacrificava uma perna. Se o fizesse, lavrar-me-ia logo o passaporte de tolo. E com isto tenho a honra de me assignar seu criado e muito obrigado — Thevenet.»

A. A.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE



A FONTE FRIA DO BUSSACO

O Bussaco, ha trinta annos, conservava-se ainda tal, qual o haviam deixado os ultimos eremitas que o habitaram.

Os ramos entrelaçados das arvores enchiam de sombras mysteriosas as grandes ruas e as estreitas veredas da matta. A hera, as outras trepadeiras e os musgos vestiam os velhos muros denegridos, os grandes troncos annosos e as fragosas penedias das encostas, ou a terrugem humida e fresca do fundo sombrio dos valles. As capellas da Via dolorosa continham ainda inteiras e pintadas de vivas côres as figuras tradicionaes dos passos do Salvador. As ermidas parecia terem sido ainda na vespera habitadas pelos devotos penitentes. No convento, emfim, o visitante encontrava, tristes e silenciosos, por entre os paineis que representam os sanctos e os varões illustres da ordem, dois velhos monges a quem haviam permittido permanecer alli a carpir saudades dos companheiros, expulsos do tumulo que todos tinham buscado em vida.

O genio da religião pairava silencioso pelas salas do convento e adejava severo e triste nas solidões da floresta, como se lhe repugnasse abandonar o sitio que por tanto tempo sanctificara. O peregrino enchia-se de temor ao perpassar pelas sombras do bosque, e ouvia a voz da Divindade no estalido do ramo que se quebrava, no rapido ciciar da folhagem, no canto harmonioso das aves ou no murmurio susurante da fonte que não cessava de correr.

Passaram porém os annos. Largas estradas macadamisadas cortam a matta em todas as direcções e deixam patentes aos olhos os mais secretos reconditos. No interior das capellas arruinadas jazem em confusa desordem os membros mutilados e dispersos das figuras que as povoavam. As ermidas profanadas servem de vivendas áquelles a quem, para se distrahirem, não bastam as diversões das cidades. Os dois pobres monges morreram, e na mesma casa, onde elles oravam e gemiam, armou-se um theatrinho para servir de correctivo á tristeza que ainda hoje causam os logares menos alterados da velha floresta.

No Bussaco tinha-se formado, durante seculos, um estylo particular de architectura. Nas construcções simples e elegantes não curavam de imitar os monumentos de Grecia ou Roma, porém as graças e encantos selvaticos da natureza agreste. A ermida ou a capella não eram copias enfezadas e ridiculas das grandes basilicas da Italia. Pareciam antes cabanas, simples abrigos que

preservassem os eremitas das intemperies, sem todavia lhes esconder o grande templo da floresta. Os arcos eram como as portas naturaes das grutas, e não como essas fabricas alterosas que os romanos ergueram á vaidade dos generaes ou dos imperadores.

Os embrechados, feitos de seixos pretos e brancos, suppriam os lavores do marmore ou as pinturas a fresco. Emfim, onde o cidadão opulento empregaria ricas madeiras torneadas ou esculpidas, os monges tinham posto a cortiça rude e tosca, mas conforme ao aspecto dos velhos e carcomidos troncos da floresta.

Um principio geral dominava, por tanto, todas as obras da arte que se faziam no Bussaco: — imitar fielmente a natureza, e não estragar os seus quadros majestosos com o luxo das construcções e com o abuso da regularidade e symetria. Era essa a principal belleza da matta e a causa das impressões graves e austeras que ella produzia no animo d'aquelles que a visitavam. O Bussaco era um templo, onde a idêa da Divindade se impunha clara e evidente ao espirito com a logica da natureza, mais forte, mais irresistivel que a dos artificios humanos.

Não o entenderam porém assim as pessoas que tomaram a peito a obra meritoria de aperfeiçoar, corrigir e pôr á la moda a antiga floresta. Endireitaram, aplanaram, alargaram as velhas ruas e abriram outras de novo; ralearam as espessuras, para acabar com sombras e mysterios, que poderiam ainda pôr medo a algum espirito forte; descobriram, caiaram e alindaram os muros que as trepadeiras revestiam; substituiram por escadarias as rampas naturaes ou os degraus talhados na rocha viva; introduziram finalmente por meio dos cedros e pinheiros seculares as maravilhas de conforto e de mau gosto que em Lisboa e noutras cidades do reino hão de attestar aos vindouros a fatuidade e a ignorancia da geração actual.

Entre todas essas obras, com que modernamente têm deturpado o venerando aspecto do Bussaco, prima e sobresahe, pela incongruencia e disformidade, o agigantado e descommunal escadorio da Fonte fria que a nossa estampa representa. A eloquencia da photographia dispensa-nos de commentarios particulares a este ponto.

A. Filippe Simões.

ENGLISH LOVE

CAPITULO QUARTO

Epilogo

Les rois s'en vont. Esta phrase conhecida propende hoje a converter-se em proverbio. São rudes as provas por que está passando a realeza na agitação febril em que se estorcem as sociedades modernas. Ou seja que as comparemos a um mar encapellado, ou que as supponhamos um volcão ignifero, a coroa parece-nos submergir-se acolá no redomoinho revolto do temporal, ou calcinar-se aqui no lume crepitante da cratera.

As fontes remotas d'esta conflagração social, que muitos reputam em pouco, enganados com a superficie, que encobre com o seu socego a tormenta em ebullição, foram os excessos da antiga monarchia, que prepararam o cataclysmo de 93, origem proxima da transformação latente por que vão passando as nações do seculo XIX.

Foi em 1793, que o nosso amigo Thevenet viu prender em Calais um joven cirurgião, seu collega, por suspeito de aristocracia.

Com as barbas do visinho a arder poz as suas de remolho, como diz o proverbio, e fugiu para Londres para não submetter a cabeça ao cutelo nivelador da guilhotina. Por curiosidade ou passatempo informou-se um dia do seu inglez, e indicaram-lhe a morada. Annunciou-se e introduziram-no logo. Numa farta poltrona e proximo d'um fogão com uma garrafa de vinho e vinte jornaes diante de si estava o nosso *gentleman,* o proprio sir Carlos Temple.

— Ah! senhor Thevenet, folgo muito de o ver, exclamou o inglez. Desculpe se fico sentado, mas esta maldicta perna embaraça-me. Então provavelmente vem ver por seus proprios olhos se tem ou não tem razão...

— Eu venho foragido procurar um asylo na Inglaterra.

— Bem; nesse caso hospedar-se-ha em minha casa, porque o senhor na verdade é um homem cheio de bom senso, e condoer-se-ha de mim. Olhe, é possivel que eu estivesse hoje almirante se não fosse esta amputação, que é sua conhecida. Estava lendo os jornaes e dava-me a perros por não poder tomar parte nestas coisas... Venha pois para aqui, e console-me.

— A sua amavel esposa o fará melhor do que eu com toda a certeza.

— Não, não, senhor; minha mulher, como a sua perna de páo a impede de dançar, entregou-se á mania do jogo e não ha quem a veja. Tambem já pouco me importa; o enthusiasmo do amor passou depressa. Comtudo é uma soberba mulher!

— Então que é isso?!... Já eu tenho razão?!

— Bofé que sim, meu amigo; mas não fallemos em tal. Aqui para nós, fui um perfeito pedaço d'asno. Se podesse recuperar a perna, nem as unhas cortaria por mistress Temple. Não sube o que fazia, mas chiton! por quem é guarde-me segredo.

.....

A. A.

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

Foi José Liberato Freire de Carvalho um dos contemporaneos mais notaveis pela influencia de seus escriptos nas reformas politicas do paiz.

Caracter austero, e inteiramente avesso ás complacencias, pelas quaes muitos grangearam renome e cabedaes, não desmentiu estas raras qualidades no longo periodo de seus annos, como reconhecerá quem ler as *Memorias de sua vida*.

Estas *Memorias*, e as *Recordações* do sr. Simão José da Luz, são duas obras estimaveis, onde, como em galeria, se vêem representadas muitas personagens celebres da nossa epoca.

Em ambas se descrevem as feições caracteristicas de varios subjeitos, que, por meros caprichos da fortuna, ascenderam a posições sociaes elevadas, onde nunca lograriam chegar pelos proprios meritos.

Apontam-se os caminhos tortuosos, que trilharam estes insignificantes, para grangearem consideração e riquezas.

Tambem na mesma téla se representam alguns caracteres respeitaveis, e se referem anecdotas interessantes, que derramam brilhante luz em acontecimentos, dos quaes um dia se deve occupar a historia.

Encerram finalmente estas importantes memorias um semnumero de especies de grande valia, sem cujo subsidio incompleta chegaria á posteridade a narrativa d'aquelles acontecimentos.

Mostrou José Liberato, logo na adolescencia, que eram contrarios á sua indole, e repugnantes ás suas ideias, o estado claus-

tral, que seguia, e as instituições politicas, por que se governava então o nosso paiz.

Radicou-se e robusteceu-se mais esta convicção hostil áquelle genero de vida, e instituições politicas, pelo correr dos annos, e successivas amizades contrahidas com individuos, que professavam crenças identicas.

Dominou, porém, todos os pensamentos de José Liberato, no longo periodo de sua vida, o louvavel e patriotico empenho de ser util á sua patria, pelo modo que lhe pareceu mais conveniente, concorrendo para a sua illustração com varios trabalhos, que emprehendeu.

Constituiu as premicias d'estes numerosos trabalhos uma publicação registada no *Diccionario Bibliographico Portuguez,* tomo 4.°, paginas 418:

Arte de pensar do abbade de Condillac, traduzida em linguagem portugueza. Primeira Parte. — Coimbra: Na Imprensa da Universidade: 1794. 8.° de IIII-132 paginas, sem contar as folhas do rosto e anterosto, e mais uma pagina com as erratas, e outra no fim com o aviso de que o tomo segundo entraria breve no prelo, e já estava concluido pelo traductor.

«Na consta, porem, (accrescenta o illustre auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*) que chegasse a publicar-se.»

Refere José Liberato, nas *Memorias de sua vida,* que a traducção fôra revista e corrigida por seu irmão D. Antonio da Visitação Freire, e que em breve se exhaurira a edição; nada, porém, diz com relação á segunda parte d'esta obra.

Cremos com o eximio *Bibliographo,* nosso amigo, que effectivamente José Liberato não publicára a segunda parte.

Foi todavia reimpressa, vinte quatro annos depois, esta obra sob o titulo seguinte:

Arte de pensar do abbade de Condillac trasladada em linguagem portugueza. Primeira Parte. — Lisboa: Na Typografia Lacerdina. Anno de 1818. 8.° de VII-184 paginas.

E, continuando a mesma numeração, segue-se a segunda parte, precedida de um prologo, terminando toda a obra a paginas 288. E tanto a primeira como a segunda parte não traz o nome do traductor.

Foi porém traductor da segunda parte, e editor da nova edição da primeira, Rodrigo Ferreira da Costa; o que se deprehende das seguintes palavras do prologo a paginas 189:

«Nestas obras *(de Condillac)* bebemos muitos dos principios, que havemos desenvolvido mais extensamente na nossa *Theoria das faculdades e operações intellectuaes e moraes,* publicada em 1816.»

Ora é geralmente sabido, que o illustre academico Ferreira da Costa foi o auctor da *Theoria das faculdades, etc.*

Deve, pois, accrescentar-se á bibliographia de José Liberato Freire de Carvalho a noticia da segunda edição da *Arte de pensar do abbade de Condillac. Primeira Parte;* e á de Rodrigo Ferreira da Costa a da traducção da segunda parte d'esta obra.

R. DE G.

FORMA

com que o papa Innocencio XII mandou as faxas quando nasceu o principe D. João filho de el-rei D. Pedro II

Quando nasceu o serenissimo principe D. João, se entendeu que o summo pontifice mandasse faxas, como costumava mandar ás corôas, aonde Deos dá principe successor do reino: vendo que não se fallava nesta materia, pareceu conveniente que se fallasse ao nuncio, que então se achava em Lisboa, que era monsenhor Nicolini; e tambem que o padre assistente da Companhia Antonio do Rego (que por falta de ministro se achava encarregado dos negocios d'este reino) fallasse na materia. Desculpava-se o papa com não se haver feito esta ceremonia com os reis de Portugal, e que a Egreja difficultosamente vinha nestas materias, quando não havia exemplos antigos, ou modernos. Replicou-se, dizendo que depois de el-rei D. Sebastião não houvera em Portugal (separado de Castella) outro principe successor senão o principe Nosso Senhor. Em quanto duraram estas diligencias passou á nunciatura de França o dicto monsenhor Nicolini, e enviando o papa a este reino por nuncio o arcebispo de Damasco, Sebastião Tanari, se lhe disse não seria recebido sem que trouxesse faxas. Ultimamente mostrou uma carta do Cardeal ~~para o~~ ministro em que dizia estavam concedidas as faxas, e que o podia assim affirmar. Tambem o padre Rego avisou o mesmo, e que se ficavam lavrando. Chegaram a Lisboa; foi o nuncio ao paço e deu parte á ~~Sua~~ Magestade de que haviam chegado. No dia seguinte pela manhã se conduziram na liteira do nuncio acompanhadas de toda a sua familia: ordenou-se ao duque mandasse pegar nas armas á companhia que estava de guarda na Corte Real, e que os archeiros sómente pegassem nas armas. Entrou a liteira no sagão da Corte Real, e o mestre de camera do nuncio subiu acima e disse ao conde barão que estavam alli as faxas que o summo pontifice mandava a S. A. Entrou o conde barão como vedor da casa da rainha, e lhe deu o recado, e respondeu ao mestre de camera do nuncio que Sua Magestade lh'as mandava

receber. Foi o conde barão abaixo acompanhado de seis moços da camera, e tiraram da liteira os dois caixotes em que vinham as faxas, e veiu diante d'ellas com a cana na mão, e descuberto; e diante do conde toda a familia do nuncio.

Eram os caixotes de veludo encarnado com cantoeiras bordadas, e argolas de prata muito bem lavradas. Em um d'elles vinha a roupa branca, camizas, traveceiros, e bonetes, tudo muito bem lavrado de agulha, que no cambray faziam diversas galanterias de ponto, e rendas brancas, de que tudo era guarnecido. No outro caixote vinham as mantilhas e faxa benta com bençam do papa. Tudo era de tella e setim encarnado mui ricamente bordado de ouro a ponta de agulha. Presentou o conde barão as faxas á rainha. El-rei ordenou ao secretario de estado entregasse a Domingos de Aguiar, porteiro da camara da rainha, um collar de ouro de valor de 250$000 rs., que deu ao dito mestre da camera do nuncio: e aos lacaios se deram 50 moedas de ouro de 4$800 cada uma para as repartirem entre todos, e se entregaram ao decano dos ditos lacaios.»

(Copiado do manuscripto n.º 504 da Bibliotheca da Universidade).

BIBLIOGRAPHIA

Algumas considerações sobre a nova molestia das vinhas, por Duarte de Oliveira, Junior. — Porto, 1874.

Não ha assumpto que deva inspirar tanto interesse como a agricultura, e maiormente a portuguezes, porque habitamos um paiz essencialmente agricola. Mas nesse dilatado campo dos cuidados e actividade do homem, captiva-nos em primeiro logar a cultura da vinha, por quanto é ella a base principal da nossa riqueza.

Bemvindo é pois o sr. Duarte de Oliveira Junior, quando no seu interessante opusculo chama a attenção dos competentes, os viticultores, sobre a indispensabilidade de consagrar estudo reflectido e diligencias aturadas ao melhoramento de tão importante ramo da agricultura portugueza.

Descreve o sr. Oliveira os estragos causados pelo *Phylloxera* em diversas localidades, aponta remedios, inculca tentativas, recommenda experiencias, e põe em relevo os escriptos e trabalhos que hão já apparecido sobre a materia, tanto lá fóra, como entre nós.

Muito ao de leve indicaremos as tres illações, a que o estimavel escriptor chega no seu trabalho: 1.ª a causa de muitas *videiras* morrerem, é a decomposição dos seus tecidos lenhosos, tanto aereos como subterraneos *(para obstar a essa decomposição é necessario fazer uso dos unguentos que o auctor aponta)*; 2.ª a falta de adubos em que predomine a cal; 3.ª o systema artificial de que se usa desde tempos remotos para a reproducção das *videiras*.

Não cabe mais em uma noticia bibliographica do que recommendar a leitura do interessante opusculo.

As eleições geraes de 1874. Os grupos politicos do paiz, etc., por Albano Coutinho. — Coimbra, 1874.

Ninguem poderá negar ao auctor convicções fortes e firmes, nem, muito menos, a louvavel franqueza em as expressar. Não é *indifferente*, nem *hypocrita*. Honra lhe seja!

Alguma demasia de paixão se nota em mais de uma passagem do seu opusculo; mas, no essencial, são muito apreciaveis as ideias que sobrenadam no meio da torrente da polemica.

O sr. Albano Coutinho quer a verdadeira liberdade, «que não é a anarchia, nem a licença, nem a annullação do direito, da propriedade e da familia, antes é a melhor das suas garantias.»

Acceita a monarchia constitucional, como um facto, e reconhece os serviços que ella tem prestado em Inglaterra, na Belgica, em França por algum tempo.

Acatando o sentimento religioso (de si tão respeitavel, tão intimamente ligado com a natureza do homem), não sympathisa com o *caracter politico* das religiões de Estado, e dá mostras de que não lhe desagrada a realisação da formula memoravel: *A Egreja livre no Estado livre.*

Finalmente, quer o progressivo e não interrompido desenvolvimento da civilisação e riqueza de Portugal.

FIM DO QUARTO VOLUME.